FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Discriminação Linguística na escola portuguesa – o caso dos alunos de países da CPLP

Margarida Alexandra Coelho Ferreira

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Segunda e Estrangeira

setembro, 2024

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica de Sílvia Maria Cândido de Almeida

Agradecimentos

Tenho de começar por agradecer à Professora Doutora Sílvia Maria Cândido de Almeida por ter despoletado o meu interesse sobre este tema no seu seminário de Educação e Multiculturalismo, pela orientação e apoio ao longo deste processo. Sem a sua ajuda, teria sido impossível estabelecer as conexões necessárias para a realização desta dissertação bem como outros elementos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Gostaria de expressar o meu profundo agradecimento à Casa do Brasil de Lisboa por ter apoiado este estudo, disponibilizando o seu espaço e facilitado o contacto com a comunidade brasileira e imigrante em Portugal. Um agradecimento especial à D. Ana Costa pelo apoio constante e à presidente da Casa, Cyntia de Paula, pela disponibilidade e confiança depositada neste projeto, que foram fundamentais para a sua realização.

Agradeço igualmente aos jovens que, com coragem, aceitaram compartilhar as suas histórias e experiências na escola portuguesa. O vosso contributo foi vital para o sucesso deste projeto, e sou profundamente grata por acreditarem nele.

Aos meus colegas do WSE, o meu muito obrigado pela constante disponibilidade para ajudar. Um agradecimento especial à Srbuhi, por me ouvir e fazer o possível para me auxiliar na conclusão desta tese. À Charlene, que sempre teve as palavras certas nos momentos mais difíceis. A vossa amizade e companheirismo foram essenciais para que eu conseguisse concretizar e finalizar esta dissertação.

À minha querida amiga Catarina, a amiga de todas as horas, que esteve sempre pronta para oferecer o seu apoio e um ombro amigo nos momentos em que mais precisei.

Ao meu companheiro, agradeço pela paciência ao longo deste último ano, pelo companheirismo e pelo apoio que foi fundamental para eu chegar até aqui.

À minha família, o meu eterno agradecimento por serem o meu porto seguro, por ouvirem, por viverem comigo todas as frustrações e por me apoiarem incondicionalmente ao longo deste percurso.

Discriminação Linguística na escola portuguesa – o caso dos alunos de países da CPLP

Resumo: Desde os anos 90, Portugal acolhe um grande número imigrantes de países da CPLP. Contudo, os jovens que chegam ao país deparam-se com um sistema de ensino que pode vir a ser injusto. A escola tem como um dos seus princípios proteger os seus alunos de qualquer tipo de discriminação, todavia tem sido uma das instituições difusoras de preconceito linguístico.

O ensino na escola cinge-se ao uso da norma Português Europeu (PE). Assim, o sucesso escolar dos aprendentes depende da forma como dominam esta norma. Na sua grande maioria, estes alunos deparam-se, ao entrar na escola portuguesa, com uma língua que lhes é pouco familiar visto que para muitos o português europeu não é a língua materna.

Desta forma, vemos reforçada a ideia de que algo deve ser feito para deslegitimar a discriminação das variações da língua portuguesa diferentes da norma. No que toca ao ensino, devem ser encontradas soluções que ajudem estes alunos a não se sentirem discriminados ou até julgados. É ainda importante que estes alunos não sejam penalizados por não usarem a norma PE no meio académico.

A seguinte dissertação procura proporcionar uma reflexão sociolinguística, dar a conhecer as dificuldades encontradas por estes jovens alunos, bem como oferecer soluções, de maneira a reduzir a visão preconceituosa perante a diversidade linguística e diminuir o insucesso e abandono escolar.

Palavras-chave: pluricentrismo; variantes da língua portuguesa, discriminação linguística; português língua não materna; políticas curriculares; sociolinguística

Abstract: Since the 1990s, Portugal has welcomed a large number of immigrants from CPLP countries (Community of Portuguese Language Countries). However, young people arriving in the country face an educational system that can be unfair. One of the school's principles is to protect its students from any form of discrimination, but it has been one of the institutions spreading linguistic prejudice.

Education in schools is limited to the use of the European Portuguese (PE) norm. Thus, students' academic success depends on how well they master this norm. For the most part, these students, upon entering Portuguese schools, encounter a language that is unfamiliar to them, as for many, European Portuguese is not their native language.

In this way, we see the reinforcement of the idea that something must be done to delegitimize discrimination against Portuguese language variations different from the norm. Regarding education, solutions should be found to help these students avoid feeling discriminated against or even judged. It is also important that these students are not penalized for not using the EP norm in academic settings.

The following dissertation aims to provide a sociolinguistic reflection, highlight the difficulties faced by these young students, and offer solutions to reduce the biased view towards linguistic diversity and decrease school failure and dropout rates.

Keywords: pluricentrism; variants of the Portuguese language; linguistic discrimination; Portuguese as a non-native language; curricular policies; sociolinguistics

Índice

Introdução 9

Capítulo I – Diversidade Cultural e migratória em Portugal 11

1. Imigração em Portugal 11

1.1 Evolução migratória em Portugal 11

1.2 Diferenciação étnica no sistema de ensino português 12

1.3 Diversidade Cultural 13

1.4 Medidas para responder à diversidade cultural – programas e projetos na educação 14

1.4.1 Medidas específicas para os alunos PLMN 17

Capítulo II – Enquadramento Teórico 21

1. Língua portuguesa, uma língua pluricêntica 21

1.1 Conceitos: Língua Materna, Língua Segunda, Língua Estrangeira, Língua não materna 21

2. Português – Língua acêntrica 24

Capítulo III – Revisão da literatura 27

1. Protocolo de pesquisa e seleção de artigos 27

2. Tratamento e apresentação dos resultados 28

Capítulo IV – Metodologia 36

1. Abordagem geral 36

1.2 Fase Quantitativa – Questionários 37

1.2.1 Objetivo 37

1.2.2 Instrumentos de recolha de dados: Questionário 37

1.2.3 Amostra 38

1.2.4 Análise de dados 39

1.3 Fase Qualitativa – Entrevistas 39
1.3.1 Objetivo 39
1.3.2 Instrumento de recolha de dados: Entrevistas 40
1.3.3 Amostra 41
1.3.5 Análise de dados 43
Capítulo V – Análise e Discussão dos dados obtidos 44
1. Questionários 44
1.1. Integração na sociedade portuguesa 44
1.2 Experiência na escola portuguesa 46
1.3 Filhos no sistema de ensino português 49
2. Entrevistas 52
3. Recomendações 57
Considerações Finais 59
Bibliografia 62
Lista de Tabelas 65
Lista de Figuras 66
Anexo I – Grelha de análise 67
Anexo II – Questionário 78
Anexo III – Guião da entrevista 84
Anexo IV – Transcrição das Entrevistas 88

Lista de abreviaturas

CPLP – comunidade dos países de língua portuguesa

LE – língua estrangeira

LH – língua de herança

LM – língua materna

LNM – língua não materna

LS – língua segunda

PALOP – países africanos de língua oficial portuguesa

PB – português do brasil

PE – português europeu

PLM – português língua materna

PLNM – português língua não materna

PLS – português língua segunda

SEF – serviço de estrangeiros e fronteiras

Introdução

A diversidade linguística é uma riqueza cultural, porém pode tornar-se numa fonte de desafios sociais e educacionais, especialmente em contextos escolares. Ao longo dos anos, em Portugal, a crescente presença de imigrantes oriundos dos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) introduziu várias variedades de português dentro das salas de aula, o que tem levantado questões sobre a aceitação e legitimidade destas variantes.

A escola portuguesa é, nos dias de hoje, um espaço multicultural resultado de imigrações que evoluíram ao longo das últimas décadas. Contudo, apenas a norma do português europeu parece ser aceite nas salas de aula e as outras variedades são vistas como incorretas e desprestigiantes. Visto que a variedade padrão em Portugal, PE, coincide com a língua de instrução, o sucesso escolar dos alunos depende da forma como a dominam.

O presente trabalho procura investigar a discriminação linguística enfrentada por jovens estudantes dos países da CPLP nas escolas portuguesa. O objetivo principal deste estudo é perceber a extensão e as demonstrações da discriminação linguística contra estes jovens. Partimos das questões: 1 – estes alunos sofrem discriminação linguística? Se sim, quem são os principais agentes dessa discriminação?; 2 – Qual o impacto dessa discriminação no cotidiano escolar destes alunos?; 3 – Quais são as maiores dificuldades sentidas na escola?; 4 – Que estratégias podem ser implementadas para mitigar esses efeitos e promover uma maior inclusão?

Este estudo adota uma abordagem metodológica mista com carácter exploratório, que combina a realização de questionários e de entrevistas semiestruturadas para obter dados, de modo a darmos resposta às perguntas de investigação. Esta metodologia permite quantificar a prevalência da discriminação, como também explorar as experiências e perceções dos estudantes afetados.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos que estão divididos por vários subpontos.

O Capítulo I aborda a evolução migratória em Portugal, destacando as dinâmicas de diferenciação étnica no sistema de ensino português. Além disso, analisa as medidas

implementadas nas escolas para lidar com a diversidade cultural, com especial atenção aos alunos de Português Língua Não Materna (PLNM).

O Capítulo II dá início ao enquadramento teórico, onde são exploradas as definições de Português Língua Materna (PLM) e Português Língua Não Materna (PLNM). Também se introduz o conceito de língua acêntrica e a visão do português como uma língua pluricêntrica, reconhecendo sua diversidade de usos e variações em diferentes contextos geográficos e culturais.

No Capítulo III, é apresentada uma revisão da literatura, onde são discutidos quatro artigos sobre a discriminação enfrentada por indivíduos oriundos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em Portugal. Estes estudos oferecem uma análise crítica das barreiras sociais e educacionais que ainda persistem no contexto português.

Vamos detalhar o tipo de metodologia utilizada no Capítulo IV. Este capítulo está dividido em 2 grandes partes, a primeira sobre a metodologia quantitativa e segunda sobre a metodologia qualitativa. Apresentamos ainda os instrumentos utilizados em cada um dos momentos de recolha de dados e as respetivas amostras.

O Capítulo IV vai tratar todos os dados quantitativos dos questionários, tal como os dados qualitativos das entrevistas. Procurando dar respostas às nossas perguntas de partida.

A presente dissertação procura contribuir para uma melhor compreensão da discriminação linguística em ambientes educacionais, tentado oferecer recomendações para políticas educativas mais inclusivas e eficazes em Portugal.

Capítulo I – Diversidade Cultural e migratória em Portugal

1. Imigração em Portugal

1.1 Evolução migratória em Portugal

Portugal sempre foi um país de emigração, desde meados dos anos 60 que vários portugueses tentam encontrar melhores condições de vida noutros países. Após o 25 de abril de 1974, devido à mudança política vivida no país, a deslocação de emigrantes reduziu. Porém, o fluxo migratório mudou e a partir da década de 90 sucedeu um aumento do número de imigrantes em Portugal. Muitos destes imigrantes são oriundos das ex-colónias portuguesas em África, "a população estrangeira cresceu à taxa anual média de 12,7% e alterou gradualmente a sua composição até passar a ser maioritariamente constituída por cidadãos africanos, na sua maioria oriundos das ex-colónias portuguesas" (Baganha & Marques, 2001, p. 15). Também a entrada de Portugal na Comunidade Europeia, e mais tarde a adesão ao espaço Schengen, abriu portas a uma nova vaga de imigrantes.

Segundo Baganha e Marques (2001) a população estrangeira em Portugal pode ser dividida em três grandes grupos: os imigrantes das antigas colónias portuguesas em África, imigrantes de outros países europeus e ainda imigrantes brasileiros. Na sua maioria os imigrantes apresentam poucas qualificações, bem como posses económicas. Grande parte dos imigrantes oriundos das antigas colónias portuguesas e do Brasil procuram trabalhos não qualificados na área das limpezas, construção civil, restauração, entre outros.

De acordo com estatísticas do SEF, no ano de 2022 o país com maior número de imigrantes em Portugal foi o Brasil representando 30,7% dos estrangeiros a viver em Portugal. De seguida encontra-se o Reino Unido e Cabo Verde, que em comparação com o ano anterior tiveram uma subida de 7,8%. Nestes dados estatísticos também se encontram países como Angola e Guiné-Bissau que tiveram uma larga subida percentual comparando com anos anteriores. Angola foi o país com maior aumento percentual de estrangeiros, 23,1%. Aqui encontramos também outros países europeus como Itália e França, bem como países de outros continentes como Índia e Nepal. (SEF, 2023, p.9)

Conforme os dados apresentados pelo SEF, a população ativa, faixa etária dos 25 aos 44 anos, representa 77,1% dos cidadãos estrangeiros residentes. A população jovem, entre os 0 e os 19 anos, representa 13,6%. (SEF, 2023, p.11)

Apesar de a população jovem, que se encontra matriculada no ensino obrigatório, não representar a maioria dos imigrantes em Portugal, esta apresenta um número significativo. O que leva a que a escola portuguesa incorpore e crie projetos e métodos de ensino que auxiliem e apoiem estes jovens.

1.2 Diferenciação étnica no sistema de ensino português

Em 1991 foi criada uma base de dados, "Entre Culturas", que indica que estavam matriculados no ensino obrigatório "30 638 alunos cujos pais eram dos PALOP" (Baganha & Marques, 2001, p.19). Esta base de dados possibilitou perceber se existe ou não uma discriminação étnica no sistema de ensino "a partir de dois indicadores: o abandono escolar e as taxas de diplomação." (Baganha & Marques, 2001, p.39). No ano de 1997, os filhos de pais estrangeiros representavam 4,7% do conjunto da população estudantil de Portugal continental. Quanto à distribuição geográfica dos imigrantes, na sua maioria concentravam-se na região de Lisboa e Setúbal, onde representavam 10,5% da população escolar (Baganha & Marques, 2001, p.39). No que diz respeito à origem geográfica destes alunos, "elas eram, por ordem decrescente, as seguintes: Angola, Cabo Verde, Europa (União Europeia apenas), Moçambique, Brasil, Guiné-Bissau, e São Tomé e Príncipe. No seu conjunto, estes constituíam 82% do número total de estudantes filhos de pais estrangeiros" (Baganha & Marques, 2001, p.39).

A base de dados "Entre Culturas" concluiu ainda que a taxa de sucesso escolar dos alunos imigrantes é inferior à dos alunos portugueses, bem como a taxa de ingresso no ensino secundário. Muitos dos alunos oriundos de países como Cabo Verde não chegam sequer a entrar no ensino secundário, acabando por desistir dos estudos após terminar a escolaridade obrigatória. Todavia, os alunos que ingressam no ensino secundário "exibem taxas de diplomação que atingem ou ultrapassam mesmo (no caso dos jovens de São Tomé) a média nacional" (Baganha & Marques, 2001, p.40).

O abandono escolar é, infelizmente, uma realidade para grande parte dos filhos de pais estrangeiros. No ano de 1997 a taxa de desistência no ensino secundário dos alunos imigrantes representava 10,6%, enquanto a taxa de desistência do ensino obrigatório era de 1%, de acordo com a base de dados "Entre Culturas".

Esta base de dados não apresenta razões concretas para a disparidade entre o número de desistências por parte de alunos nativos portugueses e alunos oriundos de outros países. No entanto, é do conhecimento geral que muitos destes pais, especialmente naturais dos PALOP, apresentam taxas de escolarização baixas, bem como estatutos sócios económicos bastante distintos dos demais, também as condições habitacionais podem ser um fator influenciador. Assim, podemos afirmar que pode existir discriminação étnica na escola, mas não é o único fator que influência o abandono escolar ou o baixo aproveitamento destes alunos.

1.3 Diversidade Cultural

Nas últimas décadas com o surgimento de conflitos entre países, o aumento da pobreza, entre outros motivos, levou a uma deslocação em massa de várias comunidades para os quatro cantos do mundo. Deste modo, houve um fluxo de indivíduos de países socioeconomicamente mais pobres para países socioeconomicamente mais ricos.

Os países de acolhimento tornam-se assim multiculturais, pois interagem diariamente com grupos étnicos, culturais e religiosos diferentes dos seus. Como é de esperar, a imigração tem efeitos na sociedade de acolhimento. Muitos destes efeitos prendem-se com a integração social, nas suas várias dinâmicas.

Algumas das consequências menos positivas da diversidade cultural envolvem a barreira linguística, que muitas vezes pode levar a más interpretações ou desentendimentos; a segregação social, em alguns casos a diversidade cultural leva a que indivíduos de diferentes grupos culturais escolham interagir primeiramente com aqueles do seu grupo cultural, limitando assim a interação intercultural; os estereótipos e preconceito, a diversidade cultural não elimina os estereótipos e/ou preconceito sentido

pela sociedade de acolhimento, muitas vezes estas noções persistem e contribuem para a discriminação e inequalidade.

Como foi referido anteriormente, Portugal tem vindo a acolher vários grupos de imigrantes de vários países. De acordo com os dados do INE Censos 2021, em comparação com o ano de 2011 deparamo-nos com um aumento exponencial da comunidade brasileira, bem como um aumento dos imigrantes do Reino Unido. Todavia, muitos dos outros grupos pertencentes aos PALOP viram uma diminuição nos seus números. (INE, 2023, p.9)

A crescente diversidade cultural e étnica em Portugal, levou à criação de vários programas para ajudar a integração dos imigrantes na sociedade portuguesa. Muitos destes programas defendem a implementação de políticas mais inclusivas, de forma que existam iguais oportunidades e direitos a todos os cidadãos.

No que diz respeito às políticas educativas em Portugal, estas têm evoluído nos últimos anos numa tentativa de dar resposta ao aumento de alunos que não têm o português como língua materna. É importante mencionar que a inclusividade na educação é um processo que não foi, nem nunca será, concluído e as várias medidas devem ser revistas e atualizadas, de modo a conseguir atender às necessidades da comunidade estudantil.

1.4 Medidas para responder à diversidade cultural – programas e projetos na educação

Para muitos a escola é o primeiro choque cultural, especialmente para os filhos de imigrantes. As crianças saem da sua bolha protetora, junto do seio familiar, e encontram uma realidade diferente daquela a que estão habituadas. Deparam-se com uma língua diferente da falada em casa, com regras e costumes distintos dos seus.

Assim, a escola, bem como os seus agentes, devem ser os primeiros a abordar e a aproximar a diversidade cultural. Karatas et al (2023) afirma que os professores devem dar o exemplo, “tratando todos os alunos de forma igual, incentivando a cooperação entre alunos de diferentes grupos étnicos para alcançar objetivos comuns e valorizando a

diversidade étnica e cultural" (p. 238). Estes autores estabelecem a importância de uma abordagem centrada na igualdade e inclusão. Contudo, admitem que não pode ser só esta abordagem em destaque, se assim for pode ser entendida pelas minorias como uma abordagem color-blind (p.239). A abordagem color-blind, como Gillborn (1990) explica, e como o nome indica, é a insensibilidade à cor (p.171). Ou seja, a diversidade cultural e étnica não é tida em conta neste método de ensino, assim, é oferecido aos alunos o mesmo currículo sem olhar à diferença.

Vários estudos comprovam que estudantes de minorias étnicas demonstram piores resultados, em comparação com os restantes estudantes, quando é aplicada a abordagem color-blind (Karataş et al., 2023, p. 239). Por conseguinte, torna-se importante utilizar métodos que envolvam a diversidade cultural dos vários alunos. Não só como uma forma de envolver todos na comunidade educativa como também para instruir o restante corpo discente sobre a diferença, para assim melhorar o aproveitamento dos jovens pertencentes a minorias étnicas. "Na verdade, os adolescentes, especialmente os membros de grupos étnicos minoritários, destacaram um maior sentimento de pertença escolar, bem como um maior desempenho académico em ambientes escolares onde tanto os professores como os alunos valorizavam o pluralismo cultural." (Karataş et al., 2023).

No caso de Portugal, o aumento do número de imigrantes no país e consequentemente nas escolas portuguesas tem conduzido o diálogo sobre a educação no país. Porém, em Portugal, como em vários outros países ainda permanece uma conceção nacionalista, "oriundo sobretudo da ala conservadora é baseado na *cultura* para defender as nações "brancas" contra a imigração não branca" (Almeida, 2006, p.4).

Até aos dias de hoje a escola é uma entidade que legitima ideais, valores e normas de um país. Em Portugal, desde o Estado Novo que é promovida uma ideia "universalista e não-racista" (Almeida, 2006, p.6), e aqui é também atribuído à língua portuguesa um papel de união das ex-colónias com Portugal. Contrariamente a outros países, Portugal não "promove o ensino das línguas e culturas do país original do imigrante" (Almeida, 2006, p. 9).

No ano de 1993, é lançado o Projeto de Educação Intercultural, esta iniciativa tinha como principal objetivo promover a igualdade e valorização das diferentes culturas,

bem como a legitimação do direito à diferença. Esta iniciativa foi implantada em 49 escolas, com ela foi possível ver um crescimento no aproveitamento escolar de alunos estrangeiros do 1º ciclo. Este programa consistiu na formação de professores sobre a temática da educação intercultural, com o objetivo de facilitar a inclusão. Após o lançamento deste projeto deu-se o início de uma nova política educativa em Portugal que visa a "promoção da consciência dos problemas respeitantes às relações interculturais e à educação multicultural" (Baganha et al., 2009, p. 55).

Foram também desenvolvidos, no âmbito do Secretariado Multicultural, cinco áreas de ação:

> "o levantamento e diagnóstico dos traços multiculturais presentes nas escolas portuguesas; a investigação e intervenção em escolas caracterizadas pelo multiculturalismo; a elaboração de livros e manuais didáticos que especificamente incluam uma abordagem multicultural; a formação e educação numa perspetiva intercultural; e as relações e cidadania interculturais." (Baganha et al., 2009, p.55)

Os diversos projetos foram sempre apoiados pelas várias organizações não-governamentais que apoiam os migrantes, bem como associações. Todavia, o reconhecimento da diferença no meio académico continua limitado. Vários são os relatos de docentes que não se sentem preparados para lecionar a alunos de outras nacionalidades e culturas, argumentando que "são abandonados com pouco apoio no que toca à educação multicultural, muitas vezes sem quaisquer parâmetros sociais, económicos e ideológicos com os quais atuar" (Almeida, 2006, p.12).

Mais recentemente surgiu a iniciativa REEI (Rede de Escolas para a Educação Intercultural), consiste num programa nacional que importa escolas públicas e privadas que se comprometem a valorizar a diversidade escolar e o sucesso de todos os jovens estudantes. Esta iniciativa é promovida pela Direção Geral da Educação (DGE), Ministério da Educação e Ciência (MEC) e a Fundação Aga Khan Portugal. Atualmente, o programa REEI integra 47 escolas em 14 distritos diferentes.

Apesar de o acesso ao ensino e educação ser um direito de todos, existem ainda barreias que impossibilitam o sucesso escolar de alguns alunos, nomeadamente alunos de origens étnicas minoritárias. As várias políticas em vigor, para a melhor integração de

imigrantes, centram-se na não-discriminação ou discriminação positiva, contudo não se mostram suficientes para dar resposta a uma nova realidade multicultural na escola portuguesa, pois muitas vezes estes programas e iniciativas não chegam a todas as escolas.

1.4.1 Medidas específicas para os alunos PLMN

O aumento de alunos imigrantes representa desafios importantes para o sistema de ensino português, visto que a escola constitui um papel importante para a integração destes jovens na sociedade, particularmente ao nível da língua e da cultura. Foram, assim, criadas várias medidas para responder às necessidades de jovens alunos que se enquadram na categoria de Português Língua Não Materna.

No entanto, é comum ouvir histórias de alunos que não receberam qualquer apoio, mesmo sem saber uma única palavra de português, e continuaram a frequentar as diferentes disciplinas que são lecionadas numa língua por si desconhecida. Este cenário ocorre em escolas que não seguem as diretrizes e normas da Direção Geral de Educação.

Nestas circunstâncias encontram-se os estudantes oriundos dos PALOP e da CPLP, pois apesar de a língua portuguesa ser oficial nestes países não corresponde à língua materna dos alunos. Estes jovens, muitas vezes, apresentam dificuldades e baixo rendimento escolar, carecendo também de um apoio e acompanhamento especial. Todavia, por falta de meios por parte da escola, ou até por indiferença, estes casos são esquecidos ou carecem de apoio.

No ano de 2006, o Ministério da Educação desenvolveu o Documento Orientador – Português Língua Não Materna no Currículo Nacional. Este documento veio estabelecer as medidas e estratégias a ser adotadas pelas escolas, públicas e privadas, nos três ciclos do ensino básico.

Este documento surge no seguimento do Decreto-Normativo nº 7/2006, de 6 de fevereiro, que apresenta princípios e normas orientadoras para o acompanhamento, avaliação das atividades curriculares e extracurriculares no domínio do ensino da língua portuguesa como língua não materna. O Decreto-Normativo anteriormente mencionado tem como base o Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de janeiro, que atribui às escolas a

responsabilidade de proporcionar atividades curriculares especificas para a aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda aos alunos do ensino básico.

O Decreto-Normativo nº 7/2006, de 6 de fevereiro, determina vários pontos importantes, entre eles destacamos os seguintes:

- As normas orientadoras aplicam-se a alunos dos três ciclos de ensino básico cuja língua materna não é o português;
- Cabe ao estabelecimento de ensino proceder a uma avaliação diagnóstica da língua portuguesa e definir o grau de proficiência na língua de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas;
- Cada escola deve realizar a planificação de trabalho para cada grupo de nível de proficiência;
- Os alunos que foram inseridos nos níveis de iniciação (A1, A2) e o nível intermédio (B1) devem ser inseridos em atividades de língua portuguesa como língua não materna, cuja carga horária deve corresponder a 90 minutos por semana no âmbito da área curricular não disciplinar Estudo Acompanhado;
- Os alunos inseridos nos níveis avançados (B2, C1) consideram-se aptos no domínio da língua portuguesa, o que lhes permite acompanhar o currículo nacional;
- Ao longo de todo o ano letivo são aplicados testes para aferir o progresso dos alunos;
- Cada escola ou agrupamento de escolas deve assegurar os recursos humanos e materiais necessários.

Mais recentemente foi apresentado o Despacho n.º 2044/2022 a 16 de fevereiro de 2022, este tem o intuito de melhorar o sucesso educativo dos alunos migrantes recém-chegados e que não tenham o Português como língua materna ou que não tenham tido o Português como língua de escolarização. Tal como o Despacho anteriormente mencionado, estas medidas vão afetar o 1º, 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, assim como o Ensino Secundário nas suas várias vertentes – cursos profissionais ou artísticos, cursos cientifico-humanísticos – de forma a assegurar equidade no sucesso escolar.

Este Despacho, tal como o anterior, nomeia a escola responsável por:

- Número de atividades letivas que considere adequadas às especificidades destes jovens, garantindo a sua vinculação a um grupo/turma e a realização de atividades para cumprimento do tempo equivalente ao tempo total previsto da matriz curricular.
- Decidir as medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão a mobilizar, designadamente as disciplinas a frequentar, em função do conhecimento da situação específica de cada aluno e do perfil dos docentes.
- Promover a integração progressiva do aluno na totalidade do currículo do respetivo ano de escolaridade.
- Matricular os alunos no seu respetivo ano de escolaridade e garantir que frequentam, no mínimo, 480 minutos/semana no 1.º ciclo, de 450 minutos/semana no 2.º ciclo, de 350 minutos/semana no 3.º ciclo e de 300 minutos/semana no ensino secundário, em disciplinas previstas na matriz curricular. Durante o período em que não se encontram a frequentar as restantes disciplinas previstas na matriz curricular do seu ano de escolaridade, os alunos devem desenvolver atividades de aprendizagem de PLNM, de acordo com as respetivas Aprendizagens Essenciais.
- Proporcionar aos alunos outras atividades que potenciem a imersão linguística, bem como a inclusão escolar e relacionamento interpessoal.
- O desenvolvimento das atividades e dos projetos no âmbito da integração dos alunos de PLNM deve, designadamente: a) Promover a familiarização com o espaço escolar, fomentando a utilização de espaços comuns; b) Incentivar o contacto com falantes nativos de português, do mesmo grupo etário; c) Valorizar o conhecimento da realidade e história da comunidade local, assim como o contacto com as suas instituições; d) Valorizar a língua materna e a cultura do aluno; e) Fomentar a participação dos alunos e o sentido de pertença à comunidade; f) Valorizar a diversidade como oportunidade e como fonte de aprendizagem para todos, no respeito pela multiculturalidade da comunidade escolar, desenvolvendo o conhecimento da língua e cultura portuguesas e as ligações com os aspetos culturais dos países de origem dos alunos; g) Promover o envolvimento dos pais ou encarregados de educação.

Não obstante às medidas apresentadas pelo Ministério da Educação, bem como o documento orientador coordenado pela Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, estas não são suficientes para colmatar as dificuldades sentidas pelos estudantes que vieram dos países da CPLP. Outra das dificuldades encontradas, para além da insuficiência das medidas apresentadas, prende-se com a falta de recursos por parte dos estabelecimentos de ensino para aplicar as medidas e orientações do Ministério da Educação.

Capítulo II – Enquadramento Teórico

1. Língua portuguesa, uma língua pluricêntica

1.1 Conceitos: Língua Materna, Língua Segunda, Língua Estrangeira, Língua não materna

Com a crescente multiculturalidade em todo o globo encontramos várias realidades linguísticas, por essa razão é importante refletir sobre os vários conceitos apresentados pela literatura. O próprio conceito de língua, que neste caso advém da noção de língua apresentada por Sassure, é

> "o sistema ou a organização que estrutura a fala, que é por sua vez, a realização da língua. A língua é uma virtualidade de signos que obedecem a determinadas regras sintáticas e semânticas que são descobertas através da análise explicita da gramática, mas os falantes de uma comunidade linguística têm um conhecimento implícito dessa gramática, o que lhes permite realizar a fala." (Flores, 2013).

A língua é assim usada em comunidade. No caso da língua portuguesa, que é língua oficial de Portugal, pode ser encontrada em várias comunidades pelo mundo. Pode ser falada por imigrantes portugueses num outro país, bem como cidadãos cuja língua oficial do seu país seja o português, como é o caso dos países da CPLP.

Assim, quando falamos de língua portuguesa surgem vários outros conceitos para ajudarem a definir as relações entre língua e os indivíduos que a utilizam. O português pode então ser língua materna (PLM) ou língua não materna (PLNM). Dentro do conceito de língua não materna surgem ainda os conceitos de língua segunda (LS), língua estrangeira (LE) ou língua de herança (LH).

Como o nome indica língua materna é a língua adquirida na infância e que muitas vezes coincide com a língua oficial no país de origem do sujeito falante. Esta é a língua com a qual a criança inicia a socialização e muitas vezes corresponde à língua falada pelos pais. Não obstante, existem autores que refutam a ideia de que a língua materna está ligada há língua "mãe" ou que é a "primeiramente adquirida ou até mesmo a que melhor se domina". (Silva & Gonçalves, 2011, p.30). A língua materna pode ser abandonada ou esquecida pelo individuo, ou ser apenas usada em contexto familiar. Este último é o caso

de imigrantes que se encontram num país cuja língua oficial é diferente da sua língua materna. Podem ainda existir casos de falantes que têm mais do que uma língua materna.

Muitos dos lusodescendentes, em grande parte dos casos, têm o português como língua materna, mas é uma língua apenas falada em contexto familiar e no seio da comunidade portuguesa. É assim usada de uma forma mais restrita, o que se opõe à língua oficial do país de acolhimento que começa a ganhar expressão nas suas vidas pois passa a ser a língua de socialização, na escola, entre amigos, etc. Deste modo, esta língua pode passar a ser a língua dominante.

Como oposição à língua materna, como referido anteriormente, surge o conceito de língua não materna, que inclui a LS, LE e a LH. Estes dois conceitos, LM e LNM, apresentam diferentes definições para diferentes autores. Segundo Madeira (2017) a aquisição da LM difere da aquisição de uma L2, visto que a primeira é adquirida por um processo natural e a outra é sujeita a um processo ativo de aprendizagem formal.

De acordo com Flores (2013), o PLNM corresponde ao português falado

> "pelos filhos de emigrantes portugueses que residem ou regressaram de um país de emigração, ao português adquirido pelos filhos de imigrantes residentes em Portugal, ao português aprendido por falantes estrangeiros num curso de Português para Estrangeiros ou ao português falado, por exemplo, por estudantes timorenses que aprendem a língua portuguesa no momento da escolarização." (p.1)

As três situações apresentadas pela autora dão a conhecer as várias noções da língua não materna. A primeira situação referida por Flores (2013) é à língua de herança.

O conceito de língua de herança não apresenta um consenso entre os autores. Os falantes de língua de herança, adquirem a língua pela exposição à mesma no seio familiar e as interações desta envolvem uma comunidade minoritária em comparação com o número de falantes da língua oficial do país em que se encontram. Por esta razão, vários autores defendem que, por a exposição à língua ser restrita, "a sua competência linguística a nível da sua língua de herança como deficitária e incompleta" (Flores, 2013, p.4). Porém, existem outros autores que não consideram que exista uma fraca competência da língua, mas sim que uma mudança linguística natural. É o caso de Pires (2011), como o autor afirma vários fatores contribuem para esta variação na proficiência da língua. Um

dos principais fatores apresentados prende-se com a variedade da língua à qual o individuo é exposto.

O conceito de LS difere do conceito de LE, apesar de alguns autores não fazerem qualquer distinção entre os conceitos e admitirem que a aquisição das duas é equivalente ao processo de aquisição de uma língua adicional que é adquirida depois da LM. Todavia, vários são os autores que diferenciam estes dois conceitos. A grande diferença apresentada é a forma de aprendizagem da língua.

O termo LS é aplicado quando a aprendizagem da língua tem uma função dentro do país de acolhimento. "A LS é frequentemente a ou uma das línguas oficiais. É indispensável para a participação na vida política e económica do Estado, e é a língua, ou uma das línguas, da escola." (Leiria, 1999, p.1). Muitas vezes a LS é mais utlizada pelo falante do que a sua própria LM, visto a última só ser falada no seio da sua comunidade enquanto a LS é a língua de socialização do país de acolhimento.

No caso dos imigrantes oriundos da ex-colónias portuguesas, que têm como língua oficial o português, muitos têm como LM uma língua africana ou crioulo e o português é então a LS. É então nos PALOP onde encontramos a maioria dos falantes de PLS, "O que não significa que, nesses países, não haja um certo número de pessoas que a desconheçam completamente ou, para quem, tal como para a maior parte dos portugueses e brasileiros, ela é L1." (Leiria, 1999, p.2).

A LE é aprendida, exclusivamente, no ensino formal. A aquisição desta língua por parte dos falantes pode ter como finalidade visitar o país ou comunicar com os seus falantes, ler textos nessa língua, entre outros fins. Contrariamente à LS não existe uma necessidade sociolinguística, pode ser apenas umas das muitas disciplinas da escola. Um pouco como acontece com a LS, é escolhida uma variedade de prestígio e essa é a variedade instruída. Por exemplo, no caso do português a escolha da variedade varia entre o português europeu ou português do Brasil.

De forma a encontrar um consenso quanto à LE ou à LS, chegou-se ao conceito de L2. Este é um conceito mais abrangente que se pode referir "ao estatuto de língua portuguesa para todos aqueles que não a têm como língua materna, independentemente das funções sociolinguísticas desempenhadas pela língua." (Pinto, 2002, p.350). Assim,

L2 pode ser sinónimo de PLS ou de PLNM.

2. Português – Língua acêntrica

A história da língua portuguesa interlaça-se com vários outros países e línguas, sendo atualmente língua oficial em nove países. Com o objetivo da promoção e difusão da língua portuguesa foi criada a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), no ano de 1996, os seus países membros são Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. No entanto, apesar de se falar língua portuguesa nestes países não significa que falem o mesmo português. Todas as línguas sofrem variações, quer seja fonológicas, sintáticas ou até morfológicas. Por isso, quando falamos em português, falamos de língua pluricêntrica.

Para ocorrer a existência de uma língua pluricêntrica é necessário que exista mais de um padrão ou norma (Pires, 2022, p.2). No caso do português existem várias variações nos países cuja língua oficial é o português, porém existem apenas duas normas: o português europeu (PE) e o português do Brasil (PB). Assim, podemos afirmar que uma língua pluricêntrica apresenta mais de um "centro de referência, de onde emanam variadas normas linguísticas, nem sempre coincidentes do ponto de vista de seus usos" (Mendes 2016, as cited in Jesus & Oliveira, 2018, p.1046).

Segundo Pires (2022) as línguas pluricêntricas "unificam as pessoas através do uso da língua e separam-nas por meio do desenvolvimento de normas nacionais e variáveis linguísticas" (p. 3). Este autor defende ainda que a língua portuguesa deveria ser denominada por língua plurinormativa em vez de língua pluricêntrica, tendo em conta que "grande parte dos estudos que se dedicam ao pluricentrismo da língua portuguesa se limitam ao circuito exclusivo e binominal Portugal/Brasil" (p. 4). Este pluricentrismo referido por Pires (2022) pode ser "um entrave ao diálogo inclusivo, à diversidade, às multitudes e multiculturas" (p. 5), o que torna a língua conservadora e inflexível.

No caso da língua portuguesa, como já mencionado, Portugal e Brasil foram desde sempre os principais protagonistas da normatização da língua apesar de o número de falantes de português nos PALOP e Timor-Leste já tenha ultrapassado o número de

falantes em Portugal. Prevê-se que, no futuro, "o maior número de falantes de português estará concentrado no conjunto formado por Moçambique e Angola" (Jesus & Oliveira, 2018).

A língua portuguesa está presente em quatro continentes e é assim uma língua rica em cultura e variação linguística. Por demonstrar tanta diversidade, no ensino da mesma deve-se ter em conta recursos diversos que mostrem a pluricentridade da língua. Desta forma, esta abordagem ao ensino da língua impacta de modo enriquecedor os alunos e fortalece relações de intercooperação da língua portuguesa sem discriminar a diferença ou variação.

Contudo, professores e estudantes são submetidos a uma das normas da língua portuguesa, PB ou PE. Nos países em que nenhuma das normas está estabelecida, como é o caso de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor-Leste, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, a norma europeia é a adotada e todas as outras normas ou variantes são excluídas. Os países pertencestes aos PALOP e Timor-Leste encontram-se ligados à norma europeia visto estarem dependentes dos apoios e recursos de Portugal e das suas várias associações para o ensino da língua. A norma brasileira é exclusiva do Brasil e tem pouca expressão nas ex-colónias portuguesas.

A sobrevalorização de uma das normas, no caso do português a europeia, e como consequência a exclusão das variedades não normatizadas leva a que a ideia de pluricentricidade da língua seja nula.

Em Portugal, na escola, apenas o uso da norma PE é aceite, sendo que todas as outras variedades são consideradas inválidas visto terem sido "adquiridas em contexto pré-migratório e/ou familiar" (Faneca et al., 2021, p.88). Segundo Wilson (2021), ensinar a língua portuguesa como um regime restrito - utilização de apenas uma das normas no ensino - é sentenciá-lo a uma utopia de normativistas, e pode até potenciar incompreensões dentro do mesmo idioma (p. 20).

Vários autores concordam que o uso de apenas uma das normas no ensino contribui para a marginalização das variedades locais, o que leva a que estas variações da língua não tenham prestígio e sejam apenas utilizadas em espaços informais. Como também já afirmado acima, a exclusão das diferentes variedades do português pode

originar incompreensões por parte dos alunos. Este é o caso de alunos imigrantes de países da CPLP em Portugal que frequentam a escola. Assim, se o professor recorrer às várias variedades do português aquando do desenvolvimento de materiais colocará o aluno numa posição que diminui eventuais incompreensões, bem como dar a conhecer as diferenças dentro da língua e envolver todas as diferenças linguísticas dos discentes.

Em contrapartida, esta pode ser uma visão romantizada do ensino de língua e não uma visão racional. Todas as línguas funcionam como meio de comunicação entre um grupo de pessoas e a uniformidade linguística pode ser vista como "meio de participação social, de acesso à educação, à cultura e à ciência, de emancipação social e política, de participação política e de construção da democracia." (Soares Da Silva, 2018, p.125). Porém, a utilização de apenas uma norma ou variante não corresponde à realidade.

Santos (2016) defende a construção de um português internacional, com uma gramática e léxico comum, que deve ser ensinado às crianças. Esta autora argumenta que a tradução de livros deve ser realizada para o português internacional, bem como a criação de materiais pedagógicos para o seu ensino a estrangeiros ou a lusodescendentes. O português internacional poderia ainda funcionar como um facilitador na comunicação entre lusofalantes de variedades e normas diferente. A autora conclui, "uma língua internacional comum e não dividida entre diferentes pequenos potentados que a puxam cada qual para seu lado e que a estraçalham em vez de a acarinhar." (Santos, 2016, p.62).

Apesar de atualmente se unirem esforços dos vários países para unificar a língua portuguesa, como por exemplo o Acordo Ortográfico de 1990 ou até a criação da CPLP em 1996 para facilitar a cooperação entre os países de língua portuguesa, continuam a existir agendas políticas e interesses económicos e linguísticos que divisão a tentativa de uma língua unida.

Capítulo III – Revisão da literatura

1. Protocolo de pesquisa e seleção de artigos

Com o objetivo de sistematizar a revisão da literatura sobre a temática já mencionada tivemos como base os princípios metodológicos da revisão sistemática da literatura. Partiu-se então da questão: será que existe discriminação linguística para com os alunos oriundos de países da CPLP?

Com a questão principal formulada começou-se a delinear critérios de inclusão e exclusão, de forma a escolher os estudos a mencionar na revisão sistémica.

Critérios de inclusão:

1) Estudo realizado em Portugal.
2) Estudo envolve participantes da CPLP ou PALOP.
3) Estudos com evidência científica, quantitativos ou qualitativos.
4) Estudos com resultados sobre a discriminação.
5) Estudos cujos participantes frequentaram qualquer nível ou ano de escolaridade o ensino em Portugal.

Critérios de exclusão:

1) Estudos realizados noutro país que não Portugal.
2) Estudos sobre discriminação que não envolvam participantes dos países da CPLP.

Estratégia de Pesquisa

Para a identificação e seleção dos estudos relevantes a incluir na presente revisão, isolaram-se os conceitos e critérios pretendidos, de modo à obtenção dos documentos necessários para a revisão. Foram procurados artigos científicos, para a realização desta revisão no motor de busca Nova Discovery, uma base de dados disponibilizada pela NOVA FCSH, onde é possível ter acesso a diversos e-books, artigos científicos e a outras bases de dados como a Scopus ou JSTOR.

A pesquisa partiu de um artigo partilhado num dos seminários do mestrado de Português como Língua Segunda e Estrangeira, (Faneca et al., 2021), do qual foram retiradas algumas das palavras-chave para iniciar a pesquisa.

A primeira pesquisa, realizada na plataforma Nova Discovery, foi com as palavras "língua pluricêntrica + escola + português". Nesta pesquisa foram obtidos 0 resultados. De seguida realizou-se uma pesquisa com as palavras "discriminação linguística" que obteve 7 resultados sem interesse. Já a pesquisa com "linguistic discrimination + Portugal" alcançou 38 resultados, dos quais se retiraram 4. Após a leitura dos resumos nenhum foi selecionado. Ao introduzir as palavras: "educação intercultural; domínio do português" foram obtidos 12 resultados. Após uma leitura dos títulos desses mesmos artigos, foram selecionados 3, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão.

Procedeu-se à leitura destes 3 artigos, selecionando-se apenas 1, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Após a leitura integral do artigo selecionado e analisada a sua compatibilidade com os critérios apresentados, este foi escolhido para fazer parte da revisão da literatura.

Foram realizadas mais pesquisas com outras palavras-chave, como por exemplo, "educação + domínio do português + linguística" a qual obteve 31 resultados, mas nenhum dos artigos respeitava o critério 2), 3) e 4). Outros conjuntos de palavras-chave, tal como o primeiro utilizado, não obtiveram quaisquer resultados.

Aos dois artigos já selecionados foram adicionados outros dois que enquadram no tema da discriminação de imigrantes. Estes últimos foram facultados pela orientadora da presente dissertação.

2. Tratamento e apresentação dos resultados

De modo a analisar e extrair os dados dos quatro artigos, realizou-se um quadro resumindo a evidência recolhida, com referência ao título, autor, ano de publicação e país, os participantes, a metodologia utilizada e o tipo de intervenção realizada.

Tabela 1- Esquematização dos artigos recolhidos

	Estudo 1	**Estudo 2**	**Estudo 3**	**Estudo 4**
Título	Fatores Sociolinguísticos na integração académica dos estudantes dos PALOP	"Hoje eu sou a fusão de dois português e eu danço entre o ritmo da música": O português língua de herança em Portugal	Experiências de Discriminação na Imigração em Portugal Um diagnóstico elaborado pelo Projeto: #MigraMyths - Desmistificando a imigração	Inquérito às Condições Origens e Trajetórias da População Residente em Portugal (ICOT)
Autor, Ano, e País	Campos et al (2019) Portugal	Faneca et al (2021) Brasil	Costa e Cyntia (2020) Portugal	INE (2023) Portugal
Orientação Metodológica	Quantitativa e Qualitativa	Qualitativa	Quantitativa e qualitativa	Quantitativa
Participantes	40 alunos matriculados nas escolas do Instituto Politécnico da Guarda oriundos de países pertencentes aos PALOP.	7 alunos do 8º ano ao 12º ano com idades entre os 15 e os 18 anos. Um dos participantes nasceu em Portugal enquanto os restantes pertencem a países da CPLP.	118 participantes responderam ao inquérito de várias nacionalidades, brasileira, guineense, espanhola, salvadorenha ou dupla nacionalidade.	21608 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e 74 anos que vivem há pelo menos 1 ano em Portugal.
Intervenções	Foi realizado um teste diagnóstico	Realização de entrevistas	Realização de um inquérito sobre	Realização de inquérito com o

	linguístico com base no QECRL. Foi também aplicado um questionário sobre o percurso pessoal e académico e a aprendizagem da língua portuguesa.	semiestruturadas em torno das seguintes áreas temáticas: valores atribuídos à língua; relações estabelecidas pelos alunos entre a sua variedade de herança e o PE; principais dificuldades sentidas relativamente à proficiência na norma europeia.	preconceitos e discriminação baseada em mitos e estereótipos.	intuito de perceber como se autoidentificam, como relatam e interpretam as suas origens de forma a compreender e combater a discriminação e desigualdades em vários domínios.

Os 4 estudos selecionados foram todos realizados em Portugal, apesar de um deles ter sido publicado no Brasil, e ainda que não adotem todos a mesma metodologia todos abordam o mesmo tema, a discriminação. Em dois dos estudos, Faneca et al (2021) e Campus et al (2019), temos várias discrições de alunos que experienciaram discriminação linguística na escola. Nos dois restantes, Costa e Cyntia (2020) e INE (2023), temos dados sobre a discriminação, nas suas várias formas, sentida pelas várias comunidades imigrantes em Portugal.

O estudo realizado pelo INE em Portugal, teve como objetivo dar destaque à pertença e identificação étnica de forma a caracterizar a diversidade da população residente em Portugal. Para tal foi realizado um inquérito que recebeu 21608 respostas válidas, durante o primeiro semestre de 2023.

Segundo as respostas do estudo, o Algarve e a área metropolitana de Lisboa são as regiões que acolhem um maior número de indivíduos com background imigratório e imigrantes de primeira geração. Os cidadãos com background imigratório são “pessoas

nascidas fora de Portugal ou pessoas nascidas em Portugal, mas com pelo menos um dos pais, ou avós, nascido fora de Portugal" (INE, 2023, p.6). Estão incluídos nesta última categoria imigrantes de primeira, segunda e terceira geração. Os imigrantes de primeira geração são, por norma, provenientes de países com ligações linguísticas, culturais e históricas com Portugal como o Brasil ou os PALOP. Representam 24,2% e 30,6% dos imigrantes de primeira geração em Portugal, respetivamente (INE, 2023, p.9). A maioria destes imigrantes reside em Portugal há mais de 10 anos, como é o exemplo dos PALOP, enquanto outras comunidades são mais recentes, como a brasileira.

Outros dados relevantes para a presente revisão prendem-se com as línguas faladas pelos imigrantes que não o português. Os participantes foram questionados sobre as línguas faladas até aos 15 de idade, as línguas faladas atualmente e as línguas que utilizam para comunicar com a sua família mais próxima. Apesar de os dados só nos darem a conhecer três categorias, "línguas europeias; línguas ou dialetos PALOP; outras línguas", observamos que mais de metade dos inquiridos (82,7%) falava outra língua para além do português até aos 15 anos. Outro dado importante prende-se com 18,5% dos inquiridos afirmar falar apenas uma língua ou dileto PALOP até aos 15 anos e não português europeu (INE, 2023, p.20,21).

Grande parte dos inquiridos, 71,4%, que não nasceram em Portugal e que falavam uma língua estrangeira até aos 15 anos de idade tiveram aulas de língua portuguesa no sistema de ensino português (INE, 2023, p.22).

Este estudo do INE trouxe também alguns dados sobre a discriminação da comunidade imigrante. Conforme os dados adquiridos podemos interpretar que a discriminação afeta mais mulheres do que homens e que os mais jovens são também os mais discriminados (INE, 2023, p.24). Os locais em que mais ocorre discriminação são no trabalho (40,0%) e na escola (34,6%). Os indivíduos dos países da CPLP apresentam as taxas mais altas de discriminação, PALOP – 33% e Brasil – 54,7% (INE, 2023, p.25).

O estudo realizado por Costa e Cyntia (2020), com o apoio da Casa do Brasil, quis conhecer e perceber como, e se, os mitos e estereótipo, preconceitos e fake news referentes às comunidades imigrantes as afetam e de que forma as suas experiências migratórias são influenciadas por estes. As autoras partiram do princípio de que as redes sociais, bem como a comunicação social, são um dos meios de propagação de mitos e

preconceitos relacionados com a imigração e com as pessoas imigrantes. Foi realizado um inquérito, o qual recebeu 118 respostas válidas na sua maioria de indivíduos com nacionalidade brasileira (77,1%), com o intuito de perceber como, e se os imigrantes em Portugal sofrem discriminação.

A maioria dos inquiridos afirma já ter sofrido algum tipo de discriminação e, tal como no estudo do INE (2023), a maioria pertence ao género feminino (82,7%). O estudo comprovou que a mulher brasileira é quem mais sofre com os estereótipos, quer seja no acesso a "arrendamento de casas, assédio sexual no local de trabalho e na via pública, maior vulnerabilidade para situações de desemprego, exploração laboral e desqualificação profissional" (Costa e Cyntia, 2020, p.23).

O estereótipo que mais é atribuído à mulher brasileira prende-se com a prostituição, 23,9% dos inquiridos afirma já ter vivenciado algum tipo de discriminação ou ouvido algum tipo de comentário relacionado à prostituição da brasileira. Outros dos preconceitos mais significativos, e que afetam toda a comunidade imigrante, são a criminalidade e a intenção de roubar o emprego aos cidadãos portugueses.

São ainda apresentados neste estudo vários relatos de xenofobia e discriminação linguística como é o seguinte exemplo, "Já me insinuaram que eu falo errado e que tenho de aprender o português de verdade." (Costa & Paula, 2020, p.27).

O estudo termina com algumas formas, apontadas pelos inquiridos, para a desmistificação destes preconceitos e que levam à discriminação. 35% dos inquiridos aponta a educação e o conhecimento como forma de desconstruir mitos, 18,8% afirma que campanhas de sensibilização e informação acerca das leis direitos e deveres incentivarão a que a comunidade portuguesa seja mais recetiva aos imigrantes (Costa e Cyntia, 2020, p.29).

O estudo de Faneca et al. (2021), realizou entrevistas a sete alunos provenientes de países com língua oficial ou co-oficial portuguesa. Vários dos inquiridos têm a língua portuguesa como primeira língua de aprendizagem, "tendo convivido, simultaneamente, com diversos crioulos de base lexical portuguesa e/ou com outras línguas nacionais" (Faneca et al., 2021, p. 94). Para muitos, o português imposto pela escola, é como uma língua estrangeira, completamente diferente da sua língua materna ou do português adquirido no seu país de origem. Contudo, entendem que é necessário dominar bem o PE

de forma a atingirem sucesso académico e a integrarem-se mais facilmente na comunidade portuguesa. Faneca et al (2021) chegou à conclusão de que "todos estes jovens possuem um repertório linguístico diversificado (…) os jovens encaram as suas pertenças como híbridas, múltiplas e transitórias, sendo redefinidas constantemente através da ação e das interações, em situações de novas vivências" (p. 92). Ou seja, estes jovens sentem a necessidade de adaptar a língua consoante a situação em que se encontram.

As várias dificuldades apresentadas pelos entrevistados em Faneca et al. (2021) prendem-se com o ritmo e pronuncia (fonética), com o vocabulário (léxico), a falta de motivação, a falta de capacidade de integração, a falta de conhecimento das normas e regras socioculturais, e os diferentes sotaques do PE (p. 100). Quanto à pronúncia, muitas das variedades fonéticas do português são vistas como inferiores, quer na sociedade portuguesa quer na escola, como demonstra o depoimento seguinte:

> "Quis perder o meu sotaque para não ser apontada pelos colegas [...] não foi uma questão de vergonha porque tenho orgulho de ser brasileira, mas [...] eu não queria que se rissem de mim eu mantenho o meu sotaque brasileiro para a minha família, para os amigos brasileiros [...]." (Faneca et al., 2021, p. 101).

Num outro depoimento, de uma jovem de Timor-Leste, é possível compreender o choque cultural e linguístico sentido por estes alunos na escola. Esta jovem aprendeu português em Timor, porém em casa apenas falava Tétum com a sua família e amigos, ao chegar a Portugal deparou-se com uma língua que nada ou pouco tinha a ver com a que aprendeu no seu país natal: "quando cheguei cá e fui para a escola portuguesa, percebi que o meu Português não tinha nada a ver com o Português de Portugal" (Faneca et al., 2021, p. 102).

Em todos os testemunhos apresentados no artigo temos presente o conflito para com a norma PE, norma que coloca os alunos numa posição inferior daqueles que já conhecem, falam, escrevem e são proficientes na língua exigida pelas escolas portuguesas. "A normatividade do PE, exigido no espaço escolar português, deixa pouco espaço para a expressão das "variedades de herança" e revela falta de articulação entre as diferentes normas em contextos mononormativos" (Faneca et al., 2021, p. 102).

O último estudo que vamos mencionar nesta revisão, desenvolvido por Campos et al. (2020), realizado no Instituto Politécnico da Guarda no ano letivo 2017/2018 teve

como objetivo perceber as dificuldades de adaptação dos alunos oriundos dos PALOP no primeiro ano do ensino superior. Com recurso a um teste e questionário Campos et al. (2020), deu a conhecer o tipo de dificuldades linguísticas que os estudantes encontraram quando entraram em contacto com falantes nativos de Portugal.

No ano letivo referente ao estudo encontravam-se inscritos no Instituto Politécnico da Guarda 170 alunos dos PALOP, a amostra deste estudo é de 40 estudantes. Concluiu-se que maioritariamente o nível de língua de português é B1, contudo "este domínio do português é mais crítico no início da sua integração no meio académico" (Campos et al., 2020, p.39). Os resultados do questionário aplicado mostram também que, na maioria dos estudantes inquiridos, o português não é a sua língua materna, "alguns assumindo mesmo que nem sequer a chegam a utilizar alguma vez em casa por usarem sempre o crioulo" (Campos et al., 2020, p.39).

Neste estudo verificou-se também que os alunos que tiveram mais dificuldades em entender os seus professores, quer na oralidade, quer na escrita, "são os que fizeram todo o percurso académico no seu país de origem" (Campos et al., 2020, p.34). Aqueles que realizaram anteriormente alguns estudos em Portugal não demonstram tanta dificuldade. De referir também que "os alunos que maioritariamente assumem que têm algumas dificuldades em entender o que os professores dizem não sentem essas mesmas dificuldades em relação ao que lhes é transmitido de forma escrita" (Campos et al., 2020, p.39).

Tanto o estudo de Faneca et al. (2021) como o estudo de Campos et al. (2020) vêm reforçar a ideia de que para frequentar o sistema de ensino português é importante ter domínio do PE. Campos et al. (2020) concluiu ainda que o nível de proficiência esperado pela comunidade académica não corresponde à realidade dos estudantes dos PALOP, bem como que a língua portuguesa não é a língua materna destes alunos. Outro dado significativo retirado deste estudo prende-se com a dificuldade em perceber a oralidade que contrasta com uma maior facilidade em compreender o que é transmitido de forma escrita.

Todos os estudos referidos na presente revisão mostram que os imigrantes oriundos de países da CPLP sofrem de discriminação, não só no seu dia a dia, mas também na escola. Vários são os relatos que nos presenteiam com a realidade de que o

nível nativo esperado nas escolas e universidades portuguesas não coincide com aquele apresentado pelos alunos da CPLP. Muitas vezes estes alunos têm o nível B1 ou B2 e não se apercebem da sua proficiência na língua até serem confrontados com a realidade linguística da escola portuguesa. Ou no caso dos alunos brasileiros, em que a discriminação se prende mais pela sua pronúncia e diferente construção frásica. É importante encontrar soluções para estes jovens de forma a facilitar a sua integração académica e social.

Capítulo IV – Metodologia

Neste capítulo procedemos à discrição das metodologias que guiaram o presente estudo, tendo por base a metodologia qualitativa e quantitativa. Será também apresentado o percurso metodológico desenvolvido ao logo do estudo, como os critérios de seleção, a amostra, bem como as técnicas e instrumentos de recolha.

1. Abordagem geral

Tendo em conta a revisão da literatura sobre este domínio de investigação e sendo este um estudo de natureza mista, tanto quantitativa como qualitativa - que como Creswell & Creswell, (2018) afirmam "cada tipo de recolha de dados tem tanto limitações quanto pontos fortes (…) os pontos fortes podem ser combinados para desenvolver uma compreensão mais sólida do problema ou das questões de pesquisa (e, assim, superar as limitações de cada um)" (p. 344) - foi definido como objetivo principal, conhecer as dificuldades sentidas por jovens e adultos oriundos de países da CPLP na escola portuguesa. Para tal dividimos o presente estudo em duas fases. A primeira, onde foram aplicados questionários, e a segunda fase onde foram aplicadas entrevistas.

Com este estudo pretende-se:

- Perceber se não falantes de PE são discriminados no seu dia a dia;
- Perceber se estes jovens são/ foram discriminados na escola por não falarem PE;
- Perceber quem são so agentes da discriminação;
- Perceber o quão afetados foram os seus estudos por não falarem PE;
- Perceber as dificuldades sentidas na escola por não falarem PE;

O presente trabalho é exploratório, no sentido em que pretende explicitar os documentos anteriormente apresentados, assim como responder aos objetivos desta pesquisa. Utiliza uma metodologia quantitativa para obter dados quantitativos sobre a temática e uma metodologia qualitativa para auferir informação sobre as dificuldades sentidas por não falarem PE na escola portuguesa, tal como perceber de que forma os seus estudos foram afetados.

1.2 Fase Quantitativa – Questionários

1.2.1 Objetivo

A fase quantitativa teve como objetivo reunir dados sobre a discriminação linguística na escola portuguesa de uma amostra ampla de participantes, permitindo uma análise estatística dos resultados. Para tal realizamos um questionário, visto que "tem a vantagem de permitir a colheita de dados junto de um grande número de sujeitos ou junto de grupos mais restritos, tendo em atenção o carácter representativo da população estudada." (Fortin, 1999, p.168)

Também Hill e Hill (1998) afirmam que "um questionário pode ser utilizado tanto para obter factos como para medir opiniões, atitudes, satisfações, etc.. Quando aplicamos um questionário, as respostas obtidas formam uma amostra tirada do universo das respostas possíveis." (p. 16).

O questionário realizado para este trabalho conjugou perguntas de resposta aberta e resposta fechada. As perguntas fechadas, permitem quantificar estatisticamente as respostas, visto que o universo de respostas é criado pelo investigador. As perguntas de resposta aberta, contrariamente às anteriores, vão ter de ser interpretadas visto não existir nenhum universo de respostas criado anteriormente.

Assim, na fase quantitativa do estudo pretendemos medir variáveis, obter dados quantificáveis para explorar e apresentar respostas aos objetivos já delineados.

1.2.2 Instrumentos de recolha de dados: Questionário

Aplicamos, a partir da plataforma Google Forms, um questionário com 36 perguntas de resposta aberta e fechada. Os dados apresentados no presente estudo foram recolhidos entre 28 de maio de 2024 e 6 de agosto de 2024.

Os questionários encontram-se divididos em 4 partes. A primeira parte pretende recolher uma caracterização geral dos inquiridos. A segunda parte procura, de uma forma geral, perceber como é que estas pessoas sofreram e sofrem discriminação, bem como perceber as dificuldades sentidas na integração na sociedade portuguesa. A terceira parte do questionário procura perceber as dificuldades e obstáculos encontrados, por parte de estudantes e ex-estudantes não falantes de português europeu, na escola portuguesa. A

quarta e última parte do questionário foca-se na experiência dos filhos dos inquiridos na escola portuguesa, queremos assim perceber o que acontece atualmente na escola portuguesa e quais as dificuldades sentidas. A terceira e quarta parte do questionário vai afunilar o público-alvo de forma a conseguirmos respostas para as nossas questões de investigação.

A partir das várias redes sociais como, Facebook, Instagram e Linkdin fizemos chegar os questionários aos vários participantes. A Casa do Brasil de Lisboa também se aliou a este projeto e ajudou a partilhar o questionário nas suas redes sociais e numa newsletter enviada por email aos assinantes da mesma.

A Casa do Brasil de Lisboa é uma organização sem fins lucrativos que, há mais de 30 anos, apoia imigrantes brasileiros em Portugal. A sua missão é proporcionar assistência e defender os direitos dos imigrantes, oferecendo um espaço de diversidade, ativismo social e acolhimento. A Casa do Brasil trabalha ativamente em questões relacionadas com habitação, emprego e discriminação, frequentemente dialogando com os governos locais e nacionais para enfrentar os desafios da comunidade imigrante. Trata-se de uma organização ativa também na investigação, no Capítulo III do presente trabalho foi mencionado uma das pesquisas que foi apoiada por esta. A Casa abriu-me as portas e permitiu que, ao longo de 2 meses, tenha frequentado e permanecido durante as manhãs na sede em Lisboa, de forma a contactar com os imigrantes que chegavam à Casa para pedir auxílio. Foi-me também cedido um espaço para realizar as entrevistas presenciais sempre que necessitasse.

1.2.3 Amostra

O questionário, como já foi referido antes, centra-se nas experiências de indivíduos que tenham nascido, ou cujos progenitores tenham nascido, em países da CPLP e que falem português, mas não a norma europeia. Desta forma, delimitamos o nosso estudo, eliminando qualquer resposta que não fosse de encontro à amostra específica que procuramos.

Na sua totalidade, o questionário recebeu 175 respostas, das quais só são válidas 171. Quatro das respostas recebidas pertenciam a indivíduos cuja nacionalidade não pertencia a nenhum país da CPLP, o que não é relevante para o presente estudo. Das 171

respostas válidas, só 170 respostas são contáveis pois um dos inquiridos não aceitou participar no estudo.

Os inquiridos têm idades compreendidas entre os 13 anos e os 69 anos, são na sua maioria do género feminino representando 81% das respostas, enquanto o género masculino representa 19%. Relativamente ao grau académico, 36,8% têm uma licenciatura, 32,2% têm um mestrado e 20,1% têm o ensino secundário completo. Os restantes participantes ou têm um doutoramento, 5,2%, ou o 3º ciclo do ensino básico, 4,6%.

A maioria dos inquiridos é do Brasil (93,5%), contudo temos também inquiridos que nasceram em Angola (2,9%), Moçambique (1,2%), Guiné-Bissau (1,2%) e Portugal (1,2%).

Como mencionado anteriormente o questionário encontra-se dividido em quatro partes. A primeira e a segunda parte obtiveram 170 respostas, a terceira obteve 94 respostas e a quarta 60 respostas.

1.2.4 Análise de dados

Os dados dos questionários foram objeto de análise estatística descritiva, baseada na descrição tabular, em gráficos descritivos. Foi utilizado o programa Excel e as suas ferramentas de análise.

1.3 Fase Qualitativa – Entrevistas

1.3.1 Objetivo

Após a análise inicial dos dados quantitativos, a fase qualitativa procurou aprofundar a compreensão dos resultados encontrados e explorar as perceções dos participantes em maior detalhe. Optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas, visto serem o tipo de entrevista mais vantajoso para um estudo exploratório. As entrevistas semiestruturadas permitem uma flexibilidade ao entrevistador para seguir novos caminhos de conversa que surgem durante a entrevista, é também um tipo de entrevista útil para explorar temas complexos onde as respostas dos participantes podem

não ser previsíveis. Este tipo de entrevista permite ainda a obtenção de respostas detalhadas, algo essencial num estudo exploratório que visa expandir teorias.

Porém, apesar das suas vantagens, as entrevistas semiestruturadas também apresentam várias dificuldades desafiantes. A maior dificuldade é a complexidade da análise de dados, visto ser um processo demorado não só pela transcrição de cada entrevista, como também na codificação e interpretação dos dados recolhidos. Outra dificuldade prende-se com a subjetividade dos entrevistados, as perguntas podem ser feitas de maneira diferente, ou o entrevistador pode até aprofundar alguns temas com alguns entrevistados e outros não.

Neste estudo, tal como em tantos outros, os entrevistados têm de fazer parte de um grupo específico de indivíduos. Devem ser jovens que frequentem a escola em Portugal e que sejam oriundos de países da CPLP ou cujos pais sejam nativos de um desses países. É também importante "que as pessoas selecionadas sejam capazes de testemunhar sobre a sua experiência ou de descrever o que interessa ao investigador, o que supõe uma motivação para participar e uma capacidade de se exprimir." (Fortin, 1999, p. 156). Tal como Fortin afirma, neste tipo de estudos a base da amostragem não é estatística, o objetivo é juntar participantes que confiram as características para o desenvolvimento do estudo.

A especificidade da amostra necessária para este trabalho mostrou-se um problema, pois foi difícil encontrar jovens dispostos a participar nas entrevistas. Alguns dos entrevistados surgiram após os seus encarregados de educação preencherem o questionário e facultarem o seu contacto, outros surgiram no âmbito do meu local de trabalho. Devido a esta dificuldade em encontrar voluntários, apenas conseguimos entrevistar jovens de nacionalidade brasileira, não foram entrevistados jovens de outros países da CPLP.

1.3.2 Instrumento de recolha de dados: Entrevistas

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que seguiram um guião previamente elaborado com perguntas abertas e fechadas relacionadas aos temas emergentes da análise quantitativa. As entrevistas foram flexíveis, permitindo que os entrevistados explorassem tópicos relevantes de acordo com suas experiências.

Os guiões das entrevistas foram divididos em 3 partes. A primeira de carácter geral, para identificar alguns dados pessoais. A segunda com o intuito de perceber a relação do entrevistado com o PE, bem como as diferenças entre a variante falada pelo entrevistado e o PE. A terceira parte prende-se com a experiência do entrevistado na escola portuguesa, pretendemos perceber as dificuldades sentidas, se sofreu algum tipo de discriminação e ainda refletir sobre o que poderia a escola fazer para colmatar as dificuldades de outros jovens na mesma situação que o entrevistado.

As entrevistas realizaram-se de forma presencial e por videoconferência através da plataforma Teams.

1.3.3 Amostra

As entrevistas contaram com a participação de 10 jovens, 9 brasileiros e uma jovem que nasceu em Portugal, mas filha de pais brasileiros. Os participantes foram selecionados a partir da amostra recolhida pelo questionário, como base em critérios como:

- Não falar PE;
- Estudar em Portugal;
- Ter nacionalidade de um país da CPLP ou os pais terem nacionalidade de um país da CPLP.

Apesar de ser uma amostra pequena, segundo Fortin (1999) "é mais pertinente em investigação qualitativa ter uma amostra não probabilística, mas apropriada, do que ter uma amostra probabilística que não o seja." (p.156).

Algumas das entrevistas contaram com a participação das mães dos entrevistados que em alguns casos chegaram a entrevir, como podemos comprovar nas transcrições das entrevistas no Anexo III. As entrevistas que tiveram a intervenção das mães foram a E2, E3, E5, E6, curiosamente estas foram também as únicas entrevistas presenciais.

Como podemos observar no Quadro II, foram entrevistados jovens em diferentes ciclos de estudo, e uma jovem de 20 anos que se encontra agora a terminar o 12º ano, mas que não se encontra no ensino regular. Os jovens entrevistados apresentam uma média de idades de 13,5, e têm idades compreendidas entre os 6 anos e os 20 anos.

Tabela 2 - Dados pessoais dos entrevistados

	Idade	**Género**	**Nacionalidade**	**Idade com que veio para Portugal**	**Ciclo de estudos que frequenta**
E1	10 anos	Feminino	Portuguesa	N.A.	2º Ciclo do Ensino Básico
E2	9 anos	Masculino	Brasileira	6 anos	1º Ciclo do Ensino Básico
E3	6 anos	Masculino	Brasileira	3 anos	1º Ciclo do Ensino Básico
E4	12 anos	Feminino	Brasileira	10 anos	3º Ciclo do Ensino Básico
E5	15 anos	Feminino	Brasileira	15 anos	Ensino Secundário
E6	11 anos	Masculino	Brasileira	11 anos	3º Ciclo do Ensino Básico
E7	20 anos	Feminino	Brasileira	14 anos	Ensino Secundário
E8	17 anos	Masculino	Brasileira	10 anos	Ensino Secundário
E9	16 anos	Feminino	Brasileira	14 anos	Ensino Secundário
E10	19 anos	Feminino	Brasileira	14 anos	Ensino Secundário

1.3.5 Análise de dados

Os dados das entrevistas semiestruturadas passaram por várias fases. Numa primeira fase, as entrevistas foram transcritas como se pode consultar no Anexo III e inseridas no programa MAXQDA para proceder a uma análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), que integrou uma grelha de análise com 8 categorias (Ver Anexo I). Tendo em conta os objetivos da nossa análise, optámos por um sistema de categorias de natureza dedutiva e indutiva, que remete para a definição do sistema de categorias à priori, com base no conhecimento teórico produzido sobre a problemática em questão e a partir de uma leitura flutuante do corpus em estudo (as entrevistas).

Na identificação das categorias aplicámos as duas funções de análise de conteúdo enunciadas por Bardin (2011): 1) a função de "administração de prova", sob a forma de orientações que conduzem a leitura dos documentos, nomeadamente, a revisão da literatura e; 2) a função heurística decorrente da leitura daqueles e dos objetivos da nossa investigação. Como unidade de registo, optámos pelo recorte ao nível semântico e como unidade de contexto usámos a frase. Já como regra de enumeração das categorias temáticas, privilegiámos a presença/ausência.

Capítulo V – Análise e Discussão dos dados obtidos

Neste capítulo vamos passar à análise das respostas dos questionários, bem como das entrevistas. Esta quarta parte do presente trabalho vai ser dividida em duas grandes partes, 1.1 Questionários e 1.2 Entrevistas. No primeiro ponto, vamos dividir a análise por três tópicos, 1.1.1 Integração na sociedade portuguesa, 1.1.2 Experiência na escola portuguesa e 1.1.3 Filhos no sistema de ensino português. Por fim, no ponto 1.3 do presente capítulo, indicamos algumas recomendações para tentar colmatar as dificuldades apresentadas pelos respondentes e entrevistados.

1. Questionários

1.1. Integração na sociedade portuguesa

Das 170 respostas obtidas 73% dos inquiridos afirmou ter sentido dificuldades na integração social por não falar português de Portugal. Na sua maioria, criar amizades (56%) e encontrar emprego (43%) foram as maiores dificuldades sentidas como podemos observar na Figura 1.

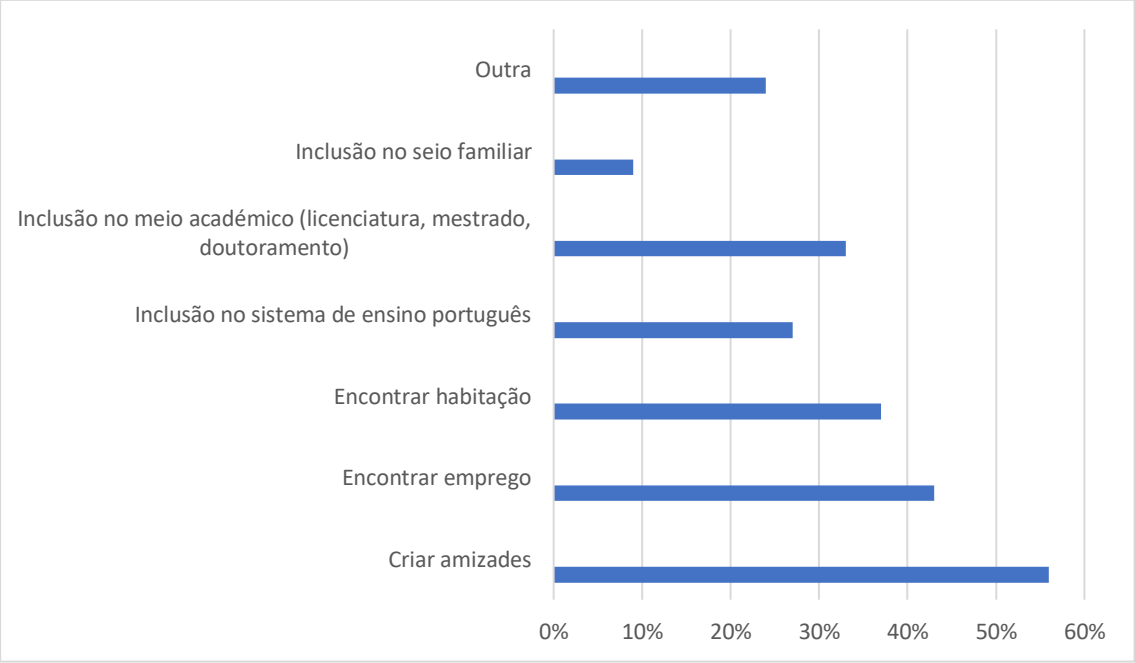

Figura 1 – Dificuldades sentidas na integração na sociedade portuguesa

Ainda mais proeminente que a dificuldade na integração social foi a discriminação linguística sentida por parte dos inquiridos, sendo que 88% afirmou que sentiu discriminação por não falar PE. Esta discriminação linguística foi mais sentida em instituições governamentais (59%), no local de trabalho (53%) e noutras instituições como bancos, hospitais, supermercados, etc. (55%). A percentagem apresentada para a escola e universidade é também significativa, 31% e 40% respetivamente, como mostra a Figura 2.

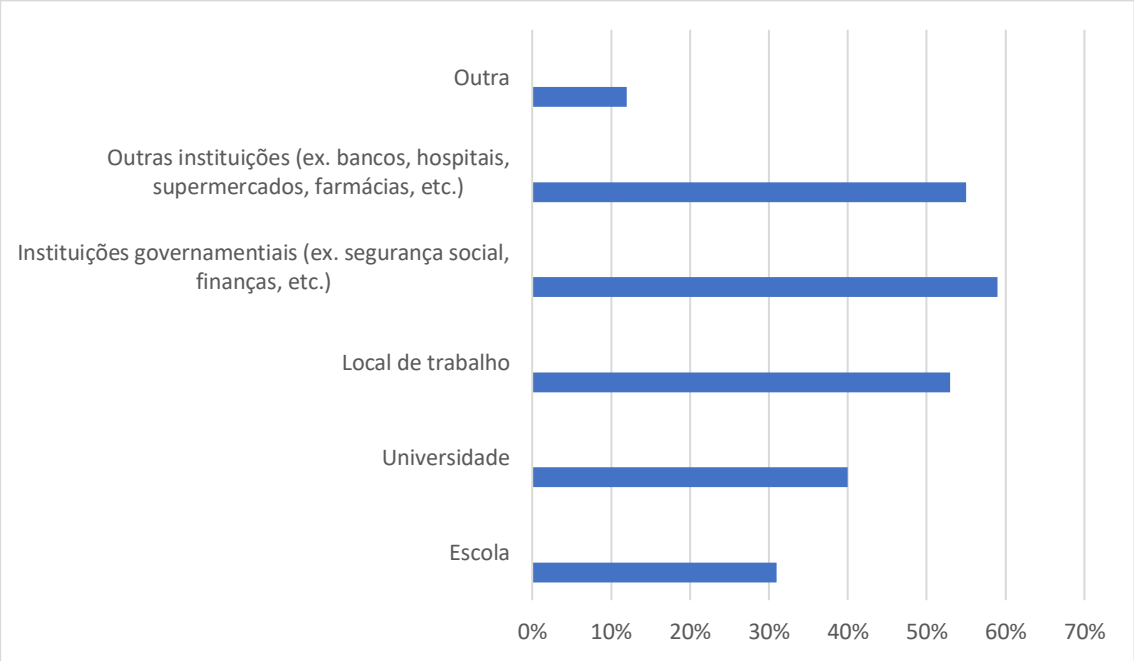

Figura 2 - Onde sentiu discriminação linguística?

Nesta parte do questionário foram colocadas duas questões abertas, a primeira para, no caso de ter selecionado a opção "Outra" na questão sobre as dificuldades sentidas na integração na sociedade portuguesa e a segunda, no caso de ter selecionado a opção "Outra" na questão sobre o local em que ocorreu a discriminação linguística.

A primeira questão aberta levou a várias entradas que remontam para a discriminação linguística. Alguns dos relatos prendem-se com a dificuldade em encontrar emprego por não falarem PE, outros relatam que os colegas no trabalho gozam e imitam o sotaque do PB, são também várias vezes corrigidos por utilizarem palavras ou expressões em PB. Dois outros testemunhos demonstram ainda a barreira linguística

sentida, “entender informações importantes em órgãos públicos e em reuniões com os professores dos meus filhos.” – Respondente 129; “um pouco de dificuldade de conseguir me comunicar (entender e me fazer entendida) durante o acesso a serviços sociais, médicos, dentre outros.” – Respondente 167.

A segunda questão aberta prova que a discriminação linguística pode ocorrer e ocorre em todo o lado. Vários são os relatos de casos de discriminação em espaços públicos como cafés, lojas, restaurantes ou até mesmo na rua. Um dos testemunhos afirma, “Cafés, restaurantes, shoppings, espaços públicos, meios de transporte, em geral, em todos os lugares que não fossem nossa casa. Nossa casa era geralmente o único lugar seguro para falar a vontade, sem ninguém se levantar e me ofender por falar português do Brasil.” – Respondente 94. Também existe discriminação linguística no seio familiar quando a família do conjugue é falante de PE.

Desta primeira parte do questionário podemos então retirar que, na sua maioria, os participantes sentem dificuldade na integração na sociedade portuguesa, bem como discriminação linguística. As duas temáticas, dificuldade na integração e discriminação linguística, parecem estar intrinsecamente ligadas. A dificuldade na integração na sociedade portuguesa acontece por estes indivíduos não falarem PE, existe discriminação nas instituições governamentais, bem como nos demais serviços como bancos, hospitais e supermercados. O local de trabalho é também um dos principais locais onde acontece discriminação. Vários são os relatos recebidos sobre a dificuldade em encontrar emprego ou até a alugar uma casa, somente pela pronúncia dos indivíduos. Afirmamos assim que a dificuldade na integração se deve à variante linguística falada.

1.2 Experiência na escola portuguesa

Na segunda parte do questionário procuramos saber como foi a experiência dos inquiridos na escola portuguesa, obtivemos 92 testemunhos válidos. Na sua grande maioria, 74%, os inquiridos alegam ter sentido dificuldades na inclusão escolar por não falarem o português de Portugal. Questionamos também quais as dificuldades sentidas, no caso de responderem afirmativamente à questão anterior, para isso propusemos quatro dificuldades, “Fazer amigos”; “Sentir-se incluído na turma”; “Adaptação ao método de ensino” e “Sentir-se incluído na turma”. A esta questão responderam 67 pessoas, na

Figura 3 conseguimos observar que a adaptação ao método de ensino, foi a opção mais escolhida.

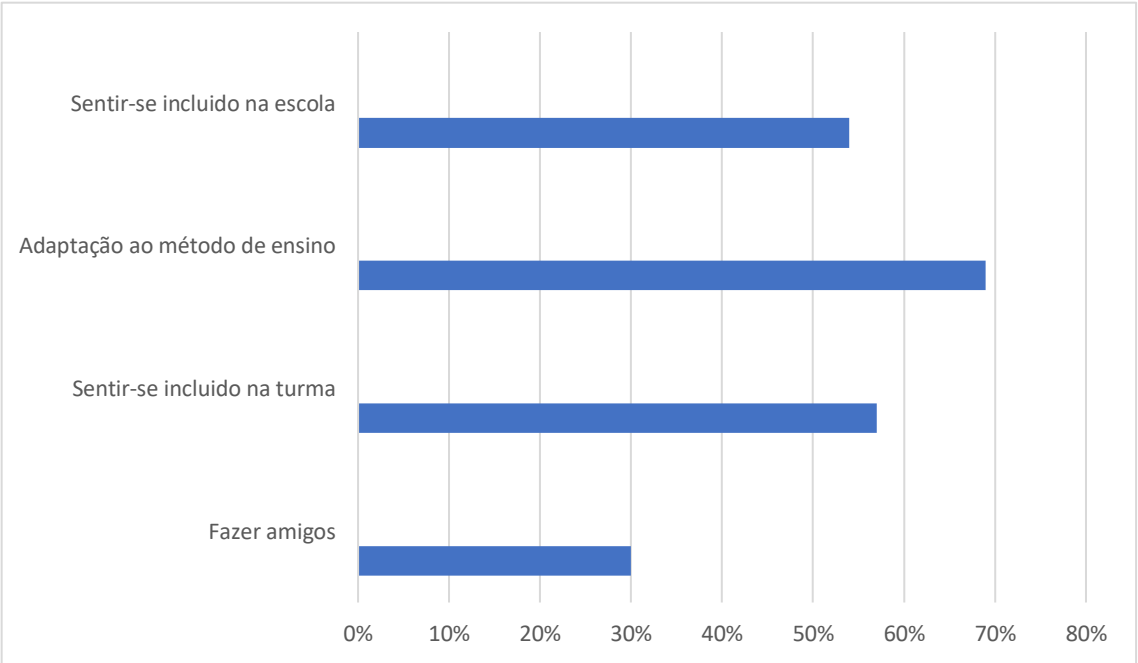

Figura 3 - Dificuldades na inclusão escolar

Quanto à discriminação no ambiente escolar devido à pronúncia, 70% das 92 pessoas que responderam afirmaram que sofreram discriminação. Quando questionados sobre os agentes que os discriminaram linguisticamente obtivemos os seguintes resultados: de 64 respostas podemos concluir que os maiores agentes de discriminação são os professores com 89% entradas e de seguida os colegas com 70% entradas, como podemos observar na Figura 4.

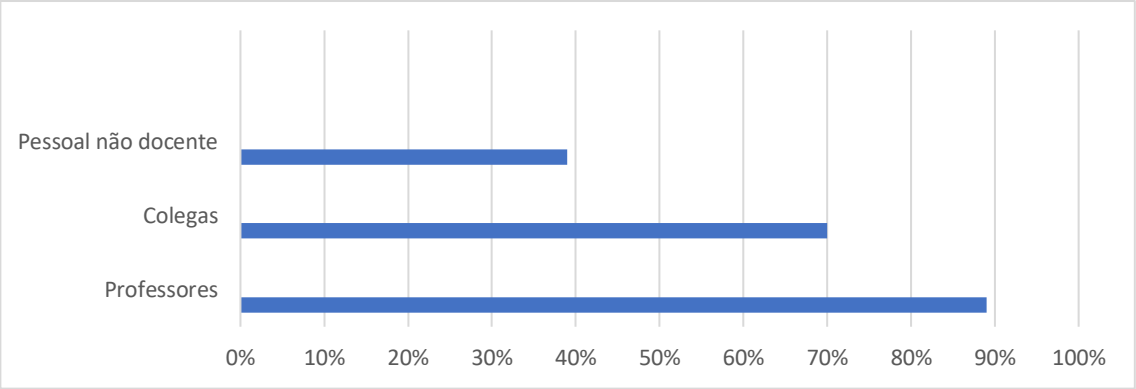

Figura 4 - Quem foram os agentes da discriminação?

Indagamos ainda os inquiridos sobre cinco categorias diferentes: compreensão do conteúdo das aulas, ritmo e pronúncia do PE, vocabulário, estrutura da frase e ortografia. Demos uma escala de 1 a 5, onde 1 significa que é pouco ou nada difícil e 5 significa que é muito difícil.

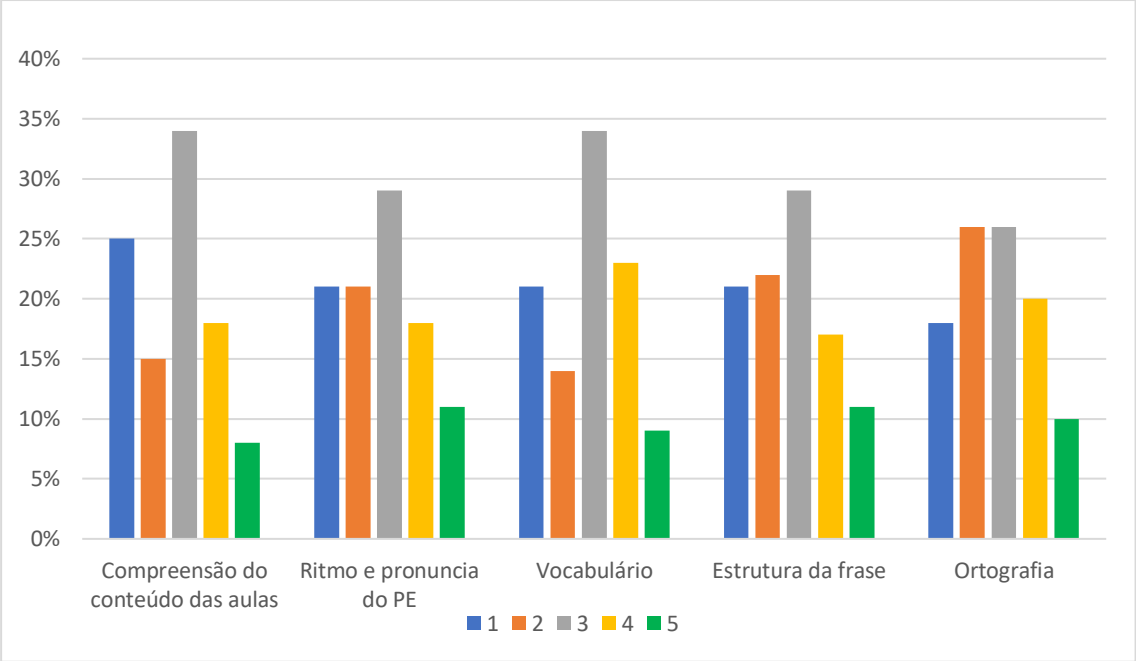

Figura 5 - Dificuldades nas aulas

Como podemos observar na Figura 5, em todas as categorias a maioria dos inquiridos escolheu a opção 3, o que mostra que não sentem muita dificuldade, mas não se sentem confortáveis o suficiente para escolher a opção 1. Contudo, se olharmos para a

coluna da opção 5 observamos que o ritmo e pronuncia do PE, bem como a estrutura da frase e o vocabulário são as categorias que os inquiridos sentem maior dificuldade.

Apesar de os inquiridos, na sua grande maioria, não considerarem que têm muitas dificuldades nas cinco categorias representadas na Figura 5, 59% afirma que as dificuldades que encontrou influenciaram o grau de sucesso das suas aprendizagens. Porém, embora o número de indivíduos que sentiu dificuldades seja significativo, 85% declara que nunca recebeu qualquer tipo de apoio para colmatar as dificuldades.

Nesta terceira parte do questionário concluímos que os inquiridos sentiram não só dificuldade na inclusão escolar como discriminação linguística. A adaptação ao método de ensino foi a maior dificuldade assinalada. Não obstante, quando questionados quanto às suas dificuldades não existiu um grande número de indivíduos a selecionar o maior grau de dificuldade nas cinco categorias dadas. Todavia, quando olhamos para os resultados da Figura 5 percebemos que selecionaram o ritmo e pronuncia do PE, o vocabulário e a estrutura da frase como as áreas mais difíceis. De salientar ainda, que apesar das dificuldades sentidas apenas um número reduzido de inquiridos recebeu apoio.

1.3 Filhos no sistema de ensino português

Na quarta e última parte do questionário, focamo-nos nas experiências dos filhos dos inquiridos no sistema de ensino português. Obtivemos 72 respostas válidas, contudo apenas 60 inquiridos têm os seus filhos na escola portuguesa. Na sua grande maioria os filhos dos inquiridos frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico como podemos observar na Figura 6.

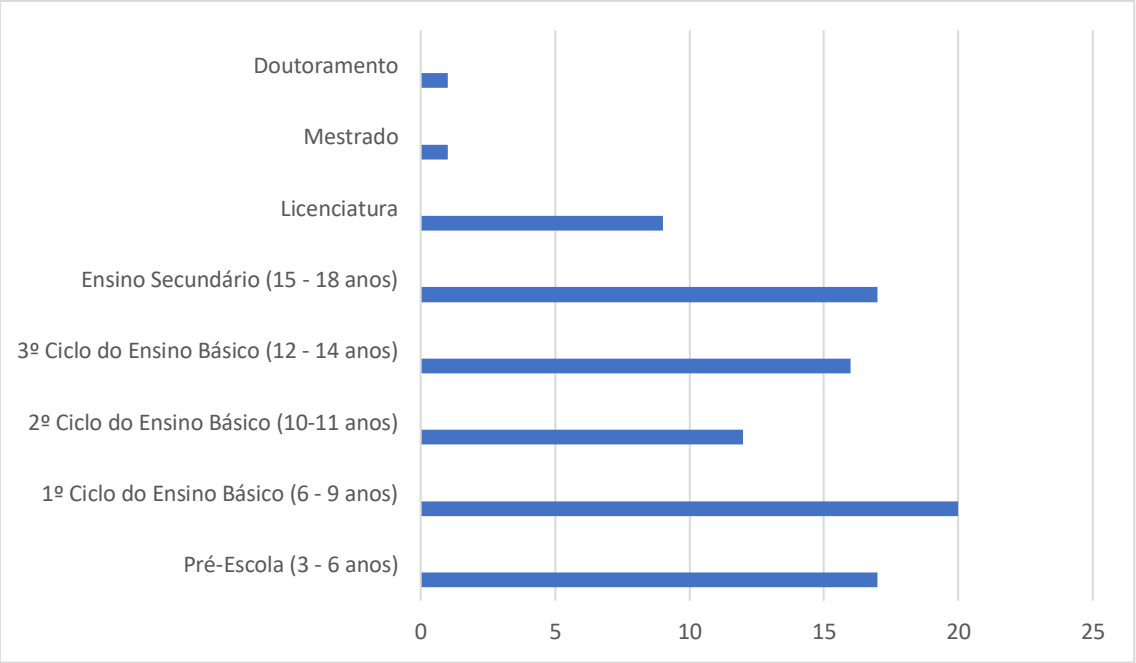

Figura 6 - Ciclo de estudos frequentado pelos filhos dos inquiridos

Das 60 respostas recolhidas, 82% dos inquiridos afirma que os filhos já se queixaram de discriminação na escola, e os maiores agentes de discriminação são os professores (84%) e logo de seguida os colegas (76%) – num total de 49 respostas. Como era de esperar devido aos resultados anteriores, os pais afirmam que a discriminação ocorreu na sua maioria no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados indicam que 68% dos pais destes alunos afirmam que os filhos foram prejudicados nos seus estudos por não falarem PE.

A última pergunta da quarta parte do questionário era uma pergunta com resposta aberta. Aqui procuramos saber alguns episódios ou situações de discriminação que tenham ocorrido aos educandos. Obtivemos 48 respostas, várias das quais relatavam situações semelhantes:

- Professores retiram pontuação nos elementos de avaliação por usarem vocabulário e/ou expressões do PB – vários relatos referem que acontecia maioritariamente na disciplina de português.
- Alunos são sempre corrigidos pela sua pronúncia e vocabulário, tanto por professores como por colegas.

- Os encarregados de educação dos colegas discriminam-nos por falarem PB.
- A linguagem utilizada nos recados e mensagens trazidas pelos filhos da escola muitas vezes traz vocabulário que os inquiridos não reconhecem, não conseguindo assim perceber o que é pedido.
- Os inquiridos são muitas vezes acusados de influenciarem a estrutura e vocabulário dos seus filhos, e são aconselhados a não falar PB com os mesmos.
- Muitas vezes estes jovens não se relacionam com outros colegas, isolando-se de todos ou então ficam apenas num pequeno círculo com outro colegas não falantes de PE.
- Vários jovens escolhem isolarem-se e deixam de contar aos pais o que acontece na escola.

Nos exemplos que a seguir se transcrevem podemos ver os tópicos mencionados anteriormente:

- "(…) Ela conseguiu finalizar com boa qualificação, porém fez terapia por um ano após adquirir uma ansiedade generalizada que chegou a desmaiar, por medo dos professores." – Respondente 29
- "Minha filha é imitada por colegas e ouve indiretas de professores que criticam o sotaque do Brasil" – Respondente 41
- «A professora fala para ela "Fale português!" "Em casa pode falar a língua da mãe, mas na escola não" "o facto de haver brasileiro na sala prejudica a manutenção da pronúncia portuguesa na escola"» - Respondente 90
- "(…) nos testes de Português é atribuída pontuação negativa quando utilizam a acentuação gráfica conforme as regras gramaticais brasileiras ou quando não utilizam mesóclise." – Respondente 129
- "A professora nos conta alguma história ocorrida com o nosso filho e fala com sotaque brasileiro querendo exemplificar como ele falou. Parece que só assim nós entendemos o português." – Respondente 163

- "A mãe de um coleguinha falou que ele tem de falar português, senão o filho dela fica burro" – Respondente 175

Na quarta parte do questionário identificamos que grande parte dos educandos já sofreu discriminação na escola e que muitas vezes esta discriminação é realizada pelos próprios professores. Não obstante, estes jovens sofrem discriminação pelos colegas e pelos encarregados de educação dos colegas. Recebemos também testemunhos de crianças que precisaram de apoio psicológico após estas experiências traumatizantes na escola, outros relatam que as crianças se tornaram introvertidas e com um número reduzido de amigos, até porque os portugueses parecem não querer travar amizades com eles. Muitos dos pais que responderam a este inquérito afirmam que os filhos foram prejudicados na escola por não falarem o PE.

2. Entrevistas

Vamos agora passar à análise de conteúdo das entrevistas. Para tal desenvolvemos um quadro para interpretar os testemunhos dos jovens entrevistados.

Tabela 3 - Conteúdo das entrevistas

	Relação com o PE		**Experiência na escola portuguesa**				
	Primeiro contacto com o PE	**Diferenças entre o PB e o PE**	**Idade com que entrou na escola em Portugal**	**Dificuldades na escola**	**Sofreu discriminação por não falar PE? Por parte de quem?**	**Sentiu que não falar PE influenciou o grau de sucesso das suas aprendizagens?**	**Seria benéfico os alunos terem algum apoio? De que tipo?**
E1	Escola	Vocabulário; tom de voz	1ºano	N.A.	Sim, pelos colegas.	Não	Sim, a escola deve contratar professores especializados

							para auxiliar os alunos que vêm da CPLP.
E2	Série portuguesa de TV	Pronúncia de algumas letras e palavras.	6 anos	Estrutura frásica, nomeadamente a colocação dos clíticos, e vocabulário.	Sim, colegas e professores	N.A	Sim, deve existir um apoio reforçado na escrita.
E3	Escola	N.A.	3/ 4 anos	Som das letras	Sim, colegas.	N.A.	N.A.
E4	Escola	Sotaque, vocabulário e velocidade de fala.	10 anos	Adaptação ao método e nível de ensino; fazer amizades; compreensão do que era dito pelos professores.	Sim, professores e colegas.	Não.	Sim, um apoio ao estudo bem como atividades sobre interculturalidade de forma a facilitar a integração,
E5	Quando chegou a Portugal	Vocabulário e sotaque.	15 anos	Entender os professores; formalidade do ensino	Não.	N.A.	N.A.
E6	Quando chegou a Portugal	Vocabulário, sotaque e velocidade da fala.	11 anos	Formalidade do ensino	Não	Não	Não

E7	Escola	Vocabulário e velocidade da fala	14 anos	Escrever em PE, interpretar textos, compreender os professores	Sim, professores	Sim	Sim, um reforço para colmatar as dificuldades quanto à gramática e estrutura do PE.
E8	Com os avós maternos	Velocidade da língua	10 anos	Falta de compreensão por parte dos professores; dificuldade em criar amizades; gramática e ortografia; compreensão do que era dito pelos professores	Sim, colegas	Sim	Sim, um apoio para aprender o PE e colmatar as dificuldades, bem como atividades de integração.
E9	Quando chegou a Portugal	Velocidade da fala	14 anos	Não se sentia compreendida pelos professores e colegas, foi muito difícil criar amizades, compreender e interpretar o que estava escrito.	Sim, professores e colegas	Sim	Sim, deveria ser criado um apoio para ensinar as regras do PE.

E10	Escola	Sotaque, velocidade da língua, vocabulário	14 anos	Método de ensino, dificuldade em criar amizades, interpretação de texto.	Sim, professores	Sim	Sim, testes adaptados e aulas de apoio.

Como podemos observar no quadro acima, as grandes diferenças apresentadas pelos entrevistados entre o PB e o PE são o vocabulário e a velocidade da fala. Estas diferenças apontadas tornaram-se também em dificuldades no âmbito escolar, vários foram os relatos dos jovens que não conseguiam perceber o que era dito pelo professor e por isso tornava-se difícil seguir e adquirir o conteúdo lecionado.

A maior dificuldade apresentada pelos entrevistados é a compreensão do que é dito pelos professores, 5 dos jovens entrevistados referiram que esta foi um dos seus maiores entraves para a integração escolar. De seguida, o nível ou método de ensino, bem como criar amizades foram as segundas maiores dificuldades. Ambos os temas surgiram 4 vezes nas entrevistas. Os jovens consideram que o nível de ensino, tal como o método, é bastante diferente do Brasil, afirmam que é muito mais formal em comparação com o seu país de origem. A jovem E5, por exemplo, foi das entrevistadas que sentiu menos dificuldades na integração escolar, contudo afirmou ter sentido uma grande diferença quanto à formalidade da língua, "E no Brasil, pelo menos, não tem tanta formalidade assim na escola. Eu senti uma diferença assim grande." – Entrevistada 5. Igualmente, fazer amizades mostrou ser um problema. Alguns dos jovens entrevistados chegaram a Portugal a meio do ano letivo e depararam-se com grupos de amigos já feitos, onde eles sentiram dificuldade em entrar. Por exemplo, o testemunho de E10 e E9, que entraram no 9º ano na escola portuguesa, testemunharam que só conseguiram fazer amizades aquando da mudança para o 10º ano. Porém, a dificuldade na criação de amizades não foi apenas por as amizades já estarem formadas dos anos anteriores, foi também devido a discriminação.

Outras 3 dificuldades referidas, que se encontram de alguma forma conectadas, são a estrutura frásica, a gramática e a interpretação de texto. Consideramos que todas

estão correlacionadas, pois as dificuldades da interpretação de texto parecem ser devido à estrutura frásica que está intrinsecamente ligada à gramática. Este tipo de dificuldade prende-se com as diferenças gramaticais entre o PB e o PE, nomeadamente, como foi declarado por vários entrevistados, a colocação do clítico. Também as diferenças no vocabulário das duas normas tornou difícil a interpretação textual.

Dos 10 jovens entrevistados, 8 afirmaram que sofreram discriminação linguística na escola: 6 jovens afirmaram ter sido discriminados por colegas, enquanto 5 afirmaram ter sido discriminados pelos professores. Apesar de dois entrevistados afirmarem não terem sofrido discriminação, ambos relataram casos discriminatórios. Na E5, a jovem concluiu que não sentiu discriminação por falar PB, mas sim por ser brasileira, "Não é bem discriminação pela variedade brasileira, mas sim pelo brasileiro de modo geral. A minha professora de inglês ficou muito abismada porque sou fluente em inglês e nenhum brasileiro é.". O jovem E6 mencionou não ter sentido discriminação, todavia a sua mãe relembrou-o de quando fez uma apresentação oral e a professora fez um comentário desagradável dizendo que não fazia mal "fracassar". Após a mãe relatar esta história o jovem ficou com lágrimas nos olhos, claramente afetado por esse episódio. Vários entrevistados referiram que muitas vezes a discriminação por parte dos professores ocorria na disciplina de português.

Os entrevistados que referiram serem discriminados pelos colegas relataram vários exemplos em que os colegas corrigem a forma como eles falam, muitas vezes afirmando que são burros e que não sabem falar português. No caso destes jovens, muitos tentam arranjar estratégias, como apenas falar PE com os amigos e em casa falarem PB com os familiares, isolarem-se, ou apenas se relacionarem com outros jovens na mesma situação que eles.

Quando questionados se seria benéfico a criação de um apoio, 7 dos entrevistados respondeu afirmativamente. Alegam que teria sido mais fácil se a escola propusesse um apoio após a sua chegada. Os entrevistados referiram vários tipos de apoio, entre eles aulas complementares para aprender as regras do PE, testes adaptados e atividades interculturais e de integração. A E7 afirma que ", mesmo que a gente fale português, a gente deveria ter a aula de … aquela que é português para não falantes, sabe? Mesmo que a gente fale, eu até hoje acredito que seria muito mais fácil se tivesse uma aula extra de português para a gente aprender a escrever e tudo, tanto porque era uma cobrança dos

professores de escrever em português de Portugal". Esta jovem admitiu que tentou procurar ajuda dentro da escola para que a pudessem ajudar a colmatar as dificuldades que sentia. Contudo, a escola não ofereceu nenhuma solução e disse que a aluna deveria procurar explicadores fora da escola.

Dos 10 entrevistados, 4 alegam que o sucesso das suas aprendizagens foi comprometido por não falarem a mesma variedade que é exigida na escola. Alguns porque não compreendiam o que era dito, ou porque sentiram pouco ou nenhum apoio da escola, ou porque o nível de exigência e formalidade era desconhecido para eles, ou ainda por terem sido discriminados por professores que não pareciam ter intenções de os ajudar a integrar no meio escolar.

Assim, podemos concluir que as barreiras linguísticas e culturais representam desafios significativos para a integração escolar de jovens brasileiros em Portugal. As diferenças no vocabulário, na velocidade de fala, e nas estruturas gramaticais entre o PB e o PE não afetam apenas a compreensão em sala de aula, mas também são refletidas na integração e socialização destes jovens. Ademais, a discriminação linguística e cultural, tanto por parte dos colegas como professores, reforça essas dificuldades impactando negativamente a experiência educacional destes estudantes. A elaboração de medidas de apoio, pode vir a ser uma ferramenta para aliviar essas barreiras e permitir uma integração no meio escolar mais plena.

3. Recomendações

Para promover uma melhor integração escolar dos alunos que enfrentam dificuldades linguísticas, é essencial implementar algumas medidas importantes no ambiente escolar.

Em primeiro lugar, é recomendado criar aulas suplementares de apoio para todos os alunos que sentem dificuldades em compreender a língua de instrução. Estas aulas vão fornecer um apoio que ajudará os estudantes a colmatar as dificuldades e barreias entre o português por eles falado e o português exigido pela escola, melhorar as suas competências linguísticas no PE, bem como acompanhar mais facilmente o ritmo das aulas.

Além disso, é necessário oferecer formação aos professores sobre as diferenças linguística entre as várias variantes do português, com um foco especial na norma PB.

Esta formação permitirá que os professores compreendam melhor as nuances e desafios que estes alunos enfrentam, promovendo um ambiente mais inclusivo e adaptado às necessidades dos jovens.

Por fim, o desenvolvimento de programas interculturais é fundamental para garantir que os alunos se sintam integrados no novo ambiente escolar. Esses programas podem incluir atividades que valorizem a diversidade cultural e linguística, promovendo a troca de experiências e a inclusão de todos os alunos, independentemente da sua origem. A criação de um espaço onde diferentes culturas sejam respeitadas e celebradas contribui para uma maior aceitação e redução de preconceitos.

Estas medidas combinadas ajudam a criar uma escola mais justa e inclusiva, beneficiando tanto os alunos como a comunidade escolar como um todo.

Considerações Finais

A transição demográfica de Portugal, tradicionalmente um país de emigrantes, para um destino crescente de imigrantes, especialmente após a década de 1990, marca um período significativo de mudança social e cultural. A crescente diversidade populacional, enriquecida pela chegada de indivíduos das ex-colónias africanas e de outras regiões do mundo, reflete-se em todos os aspetos da vida social, incluindo o sistema educacional português. Este trabalho procurou investigar as implicações dessa diversidade no ambiente escolar, com foco particular na experiência de jovens imigrantes oriundos de países da CPLP e na forma como a discriminação linguística influência as sua educação e integração.

O presente estudo concluiu que existe uma crescente dificuldade de adaptação e integração na escola portuguesa. Ambos os questionários e as entrevistas obtiveram resultados semelhantes. Estes dois métodos de pesquisa concluíram que os jovens sentem dificuldade quanto ao método e nível de ensino em Portugal, afirmando em alguns casos que é um ensino muito formal quando em comparação com o ensino do Brasil. As dificuldades em relação à língua também foram semelhantes nas duas recolhas. O ritmo e pronúncia, a estrutura da frase e o vocabulário são apresentados como as maiores barreiras linguísticas entre as várias variantes de português e o PE. Os obstáculos sentidos por estes estudantes dificultaram a sua adaptação e prejudicaram o seu desempenho escolar.

Para além das dificuldades sentidas recebemos vários relatos de que estes jovens sofrem discriminação linguística na escola. Esta é na maioria dos casos praticada pelos professores, mas também pelos colegas. Ocorre muitas vezes na sala de aula, quando os professores corrigem a pronúncia, vocabulário, ou chegam até a referir que têm de falar PE. Em muitos casos, os jovens são prejudicados em testes por utilizarem vocabulário ou estruturas que diferem da norma PE. No caso da discriminação realizada pelos colegas, esta leva a que os jovens se isolem ou tentem ao máximo não utilizar expressões ou palavras em PB de forma a não serem gozados e/ou discriminados.

Gostaríamos também de referir que apesar de o estudo ser direcionado para os jovens estudantes oriundos da CPLP, percebemos também que os seus encarregados de educação experienciam discriminação por parte da escola. Ou porque devido à barreira

da língua não compreendem as missivas enviadas, ou porque são acusados de ensinar e influenciar a norma falada pelos seus discentes. Esta situação cria uma dinâmica de exclusão que afeta profundamente a relação entre a escola e as famílias dos alunos da CPLP.

Diante deste cenário, é imperativo reconhecer e dar a conhecer que o português é uma língua pluricêntrica, com várias normas e variantes igualmente válidas e legítimas. O uso de apenas uma norma no ambiente escolar marginaliza todas as outras. A aceitação e valorização da diversidade linguística são fundamentais para promover uma educação inclusiva. Apenas através de abertura, tanto pelos atores da escola como pelos colegas será possível superar as barreiras linguísticas e garantir oportunidades iguais para todos, independentemente da variante do português que utilizem.

Apesar de termos obtido um vasto leque de respostas que nos permitiram chegar aos resultados acima detalhados, a pesquisa tinha como intuito abranger todas as comunidades da CPLP. Porém, a maioria das respostas chegaram da comunidade brasileira. Isto deve-se por ser a comunidade da CPLP com mais representação em Portugal, mas também porque o questionário foi maioritariamente partilhado com esse grupo. Assim, os dados aqui apresentados são representantes da comunidade brasileira e por isso representantes da norma PB. As outras variantes do português não apresentam qualquer expressão no presente trabalho. Contudo, entendemos que as dificuldades descritas anteriormente e a discriminação sentida na escola pelos jovens brasileiros e/ou falantes de PB é semelhante à experiência das outras comunidades da CPLP.

Em suma, este estudo destacou a prevalência e os impactos da discriminação linguística na escola em Portugal, revelando os desafios enfrentados por estudantes oriundos da CPLP. Os resultados obtidos sugerem a necessidade de políticas educacionais mais inclusivas, que reconheçam e valorizem a diversidade linguística. Recomenda-se a implementação de programas de sensibilização e formação para educadores, que visem promover um ambiente de aprendizagem acolhedor e justo. É fundamental que as instituições educacionais reconheçam e abordem estas questões, não só para facilitar a adaptação dos alunos, como também para enriquecer o ambiente escolar com a diversidade cultural e linguística que estes alunos trazem. Também defendemos aulas ou formações sobre interculturalidade, para que os colegas aceitem melhor a diferença.

Reconhecendo as limitações deste estudo, incluído o tamanho da amostra, encorajamos investigações mais amplas que possam corroborar e expandir as nossas conclusões.

Bibliografia

Baganha, M. I., Marques, J. C., & Góis, P. (2009). Imigrantes em Portugal: uma síntese histórica. *Ler História*, *56*, 123–133. https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1979

Baganha, M., & Marques, J. (2001). *Imigração e Política o caso português* (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Ed.; 1st ed.). Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

Campos, L., Neves, M., Oliveira, N., & Ribeiro, M. (2020). Fatores sociolinguísticos na integração académica dos estudantes dos palop. *Egitania Sciencia*, 25–40. https://doi.org/10.46691/es.vi.140

Costa, A., & Paula, C. (2020). *Relatório - Experiências de Discriminação na Imigração em Portugal*.

Creswell, J. W., & David Creswell, J. (2018). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches* (5ª edição). SAGE.

Faneca, R., Araújo e Sá, M., & Melo-Pfeifer, S. (2021). HOJE EU SOU A FUSÃO DE DOIS PORTUGUÊS E EU DANÇO ENTRE O RITMO DA MÚSICA": O PORTUGUÊS LÍNGUA DE HERANÇA EM PORTUGAL. In *Anais do VI SIMELP – Da união à diversidade* (pp. 83–108). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Faneca, R. M., Araújo e Sá, M. H., & Melo-Pfeifer, S. (2016). Is there a place for heritage languages in the promotion of an intercultural and multilingual education in the Portuguese schools? *Language and Intercultural Communication*, *16*(1), 44–68. https://doi.org/10.1080/14708477.2015.1113751

Flores, C. (2013). Português Língua Não Materna. Discutindo conceitos de uma perspetiva linguística. In *PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA: INVESTIGAÇÃO E ENSINO* (pp. 35–46). Lidel.

Fortin, M.-F. (1999). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização* (N. Salgueiro & M. Gameiro, Eds.). LUSOCIÊNCIA - Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Gillborn, D. (1990). *'Race', Ethnicity and Education: Teaching and Learning in Multi-Ethnic Schools*.

Instituto Nacional de Estatística. (2023). MAIS DE 1,2 MILHÕES DE PESSOAS JÁ SOFRERAM DISCRIMINAÇÃO EM PORTUGAL. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=625453018&DESTAQUESmodo=2

Jesus, P. C. S. G. de, & Oliveira, G. M. de. (2018). Ensinando línguas em uma perspectiva pluricêntrica: o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna (PPPLE). *Domínios de Lingu@gem*, *12*(2), 1043. https://doi.org/10.14393/DL34-v12n2a2018-13

Karataş, S., Eckstein, K., Noack, P., Rubini, M., & Crocetti, E. (2023). Meeting in school: Cultural diversity approaches of teachers and intergroup contact among ethnic minority and majority adolescents. *Child Development*, *94*(1), 237–253. https://doi.org/10.1111/cdev.13854

Leiria, I. (1999). Português língua segunda e estrangeira: investigação e ensino. *1o Congresso Do Português Língua Não-Materna*.

Madeira, A. (2017). *Aquisição de língua não materna*. https://doi.org/10.5281/zenodo.889441

Magalhães Hill, M., & Hill, A. (1998). *D I N Â M I A C E N T R O D E E S T U D O S S O B R E A M U D A N Ç A S O C I O E C O N Ó M I C A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS: Um Guia Introdutório*.

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2023*). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2022*. https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2022%20vF2a.pdf

Pina Almeida, J. C. (2006). A Escola e a Diversidade Cultural: Algumas Notas sobre a Educação multicultural em Portugal. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, *14*(15).

Pinto, P. (2002). Política do Português Língua Segunda em Portugal. *Actas Do XVIII Encontro Nacional Da Associação Portuguesa de Linguística*, 351–355.

Pires, A. (2011). LINGUISTIC COMPETENCE, POVERTY OF THE STIMULUS AND THE SCOPE OF NATIVE LANGUAGE ACQUISITION. In C. Flores (Ed.), *MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O BILINGUISMO* (pp. 116–143).

Pires, M. J. (2022). Português, língua acêntrica: Reflexões pela mão do ensino de PLE na China. *Revista EntreLinguas*. https://doi.org/10.29051/el.v8i00.15412

Santos, D. (2016). *PORTUGUÊS INTERNACIONAL: ALGUNS ARGUMENTOS*.

Silva, M. do C., & Gonçalves, C. (2011). *Diversidade Linguística no sistema educativo português: necessidades e práticas pedagógicas nos ensinos básico e secundário* (R. Carneiro, Ed.). Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Soares Da Silva, A. (2018). *Hoje O Português na Casa do Mundo, O PORTUGUÊS NO MUNDO E A SUA ESTANDARDIZAÇÃO: ENTRE A REALIDADE DE UMA LÍNGUA PLURICÊNTRICA E O DESEJO DE UMA LÍNGUA INTERNACIONAL*.

Wilson, F. (2021). Português, língua pluricêntrica: integração de variedades no ensino. *RILP - Revista Internacional Em Língua Portuguesa*, *no 39*, 17–31.

Lista de Tabelas

Tabela 1- Esquematização dos artigos recolhidos 29

Tabela 2 - Dados pessoais dos entrevistados 42

Tabela 3 - Conteúdo das entrevistas 52

Lista de Figuras

Figura 1 – Dificuldades sentidas na integração na sociedade portuguesa 44

Figura 2 - Onde sentiu discriminação linguística? 45

Figura 3 - Dificuldades na inclusão escolar 47

Figura 4 - Quem foram os agentes da discriminação? 48

Figura 5 - Dificuldades nas aulas 48

Figura 6 - Ciclo de estudos frequentado pelos filhos dos inquiridos 50

Anexo I – Grelha de análise

Dimensões	Categoria	Subcategoria	Excerto
Relação com a língua portuguesa	Relação com o PE – 1º contacto	- Escola - Série de TV - Portugal - Avós maternos - Hotel	"Foi quando comecei a escola, porque meus pais falam brasileiro" -E1 "Eu estava no Brasil e eu tava a ver tipo uma série que se chama… não sei, antes ela tava em português de Portugal, então eu ouvia e eu tava preparado quando vim para aqui." – E2 "Quando cheguei cá." – E6 "Diria que foi no hotel que a gente fico, que foi a primeira vez que eu ouvi realmente o português de Portugal." – E5 "Então o meu primeiro contacto com o

			português de Portugal foi com os meus avós." – E8
	Diferenças da sua língua e do PE	- Tom de voz - Vocabulário - A pronunciação das letras - Sotaque - Velocidade da fala	"Como as pessoas pronunciam o R, o L, não sei mais." – E2 "Acho que é o sotaque… algumas palavras mudam e a velocidade da fala." – E4 "Eu acho que as maiores diferenças são o tom de voz, algumas palavras, mas não há muita diferença." – E1 "Algumas palavras eu às vezes não entendo direito e acho que o sotaque… é um sotaque mais forte, batido assim… que o brasileiro." – E5
Escola Portuguesa	Dificuldades na integração escolar	- Adaptação ao nível de escolaridade - Formalidade do ensino - Fazer amizades - Compreensão da oralidade	"Eu sentia que eu estava falando outra língua e foi muito difícil conciliar amizade." – E9 "Acho que na minha cabeça quando os portugueses falam na

			aula eles parecem mais formais. E no Brasil, pelo menos, não tem tanta formalidade assim na escola. Eu senti uma diferença assim grande." – E5 "Dificuldades, primeiro pela questão do estudo, estudo do Brasil e o estudo de Portugal, como já muita gente sabe, é completamente diferente. Então, não digo que é o estudo do Brasil inferior, mas acaba que não acompanha, talvez, o que o acelerado é aqui." – E10 "Me adaptar às diferenças do nível de aprendizagem, me adaptar ao jeito de ensino, a maneira de ensino aqui é muito diferente" – E4

			"Eu acho que no início a compreensão do que era falado pelos professores foi difícil. Demorou alguns meses…" – E4 "Porque quando eu estava no décimo primeiro eu não conhecia nada, então realmente tinha muita dificuldade em entender o professor, entender os textos, então tinha que viver estudando, procurando mais vocabulário porque não me era explicado melhor na escola." – E7
	Discriminação devido à pronúncia	- Colegas - Professores - Colegas e professores - Não	"Disseram que eu devia falar português de Portugal porque estava aqui tinha de falar. (…) Foram os colegas." – E2 "Ah, dos colegas nem tanto, mas a parte dos professores sim. (…) De resto tive sempre, "ah tens de escrever mais

			português de Portugal", qualquer coisa assim." – E7 "Não, não é o caso." – E5 "Foram por parte de professores e até de amigos." – E4
	Dificuldades linguísticas sentidas na escola	- Nenhumas - Gramática - Utilização dos clíticos - Som das letras - Interpretação de texto - Ortografia - Estrutura frásica	"O lhe o me e tudo isso, essas coisas é tudo diferente do Brasil e eu tive muita dificuldade. Teve essa e a parte gramatical também tem (…) eu tive bastante dificuldade, mas essa parte me consegui adaptar melhor." – E8 "Também português, que no Brasil o português é só a interpretação de texto. Eu cheguei aqui e tive um baque gigante com a gramática. Por mais que hoje em dia é uma matéria que eu gosto muito, porque eu adoro as obras todas, mas a

			gramática sempre foi algo que nunca estudei e quando cheguei aqui veio oração subordinada de não sei o quê e para mim foi uma confusão imensa. (…) A grande parte das vezes foi também da parte da minha interpretação. Porque eu lia algo e fazia o contrário." – E10 "Não ela diz que está errado, ela pensa que é outra letra. Pensa que é jota (…)eu prefiro o gê, eu acho." – E3 "Não." – E6
	Grau de aprendizagem influenciado por não ser fluente em PE	- Sim - Não	"Sim, influenciou bastante." – E8 "Não, sempre aprendi." – E6
	Ferramentas de auxílio para colmatar as dificuldades	- Integração de professores especializados	"Eu acho que as escolas poderiam contratar professores profissionais nisso, e por exemplo,

		- Atividades de integração intercultural - Paciência - Testes adaptados - Aulas extra de apoio à língua portuguesa	deixarem eles esclarecer as dúvidas" – E1 "mas não é somente apoio ao estudo que nós precisamos. Eu acho que é um apoio mesmo para se poder integrar mais fácil." – E4 "Eu penso que, se calhar, ter um bocadinho mais de paciência" – E10 "Sim, por exemplo, talvez testes adaptados." – E10 "Acho que se tivesse um reforço, uma ajuda fora que eu procurei mas a escola não ofereceu, seria muito mais fácil. E não teria de ter tanta dificuldade para tudo o que acontece na escola, tanto para fazer amigos que também foi uma dificuldade." – E7

			"Acho que poderia, tipo, em vez de juntar todos, pegar esses que não tem português de Portugal como língua materna assim dizendo e colocar numa aula com uma outra professora para poder aprender, pra ter uma melhor capacidade para aprender a língua. E também, o muito bom que poderiam fazer (…) era para poder, conseguir integrar mais a turma, porque é algo que ajudou a gente, nós, imigrantes, a ter uma melhor, tipo, uma melhor capacidade, uma melhor cognitiva, uma melhor capacidade cognitiva é também ajudar a gente a juntar mais a turma, a ajudar o outro, a se entender mais." – E8

	Uso da língua de herança/ língua materna na escola	- Gozado por colegas/ professores - Não usa PB na escola - Já não utiliza apenas o vocabulário da sua LH - Apenas utiliza a sua LM em casa	"mas no nono ano inteiro eu senti muito sarcasmo e ironia por parte dos professores, seja na implicância, muitas das vezes imitavam o meu sotaque e não levavam a sério as coisas que eu digo." – E10 "(sobre os professores) Eles dizem que… então… no brasil se fala brasileiro mas eu falo não." – E2 "Algumas palavras eu não consigo largar o português de Portugal, porque é a convivência, felizmente fiz amigos, não é? Então eu tenho uma convivência grande com eles e é sempre aquela… é falar sempre aquelas mesmas palavras estou aqui em casa não abandono as palavras como autocarro já não falo ônibus é autocarro já não falo o celular, é o

			telemóvel essas coisinhas, mas o sotaque em si grande parte das vezes é português do brasil"- E10 "A: Falas com sotaque do português do brasil com os teus amigos ou com o sotaque do português de Portugal? E3: De Portugal A: Porquê? E3: Porque tem de ser. A: Porque é que tem de ser? E3: Porque senão não iam entender A: Achas que eles não te entendem quando falas com sotaque brasileiro? E3: Entendem. A: Então porque usas o sotaque de Portugal e não o sotaque do brasil? E3: Porque é assim que se fala na escola." – E3

			“A: Não te sentes confortável a falar português do brasil com os teus amigos? E3: Não…” – E3

Anexo II – Questionário

Discriminação Linguística na escola portuguesa

Eu, Margarida Ferreira, aluna da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a frequentar o mestrado de Português como Língua Segunda ou Estrangeira, estou a desenvolver um estudo académico sobre a discriminação linguística na escola portuguesa em parceria com a Casa do Brasil de Lisboa. Será pedido que responda a um pequeno inquérito sobre a sua experiência na sociedade portuguesa, de forma a tirar conclusões sobre as dificuldades encontradas por indivíduos não falantes de português europeu, bem como refletir sociolinguisticamente sobre este problema.

A sua participação, que muito agradeço, é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Este questionário tem uma duração média de 10 a 15 minutos.

Todas as informações obtidas são confidenciais e mantidas sob anonimato, sendo utilizadas apenas para fins da investigação. A sua privacidade está assegurada em todos os momentos.

Qualquer dúvida poderá contactar-me através do email a2022101079@campus.fcsh.unl.pt

Obrigada pela sua colaboração.

NB. Os campos assinalados com * são de preenchimento obrigatório.

Declaro que tomei conhecimento que sobre a informação e confidencialidade do estudo e aceito voluntariamente participar no mesmo.

( ) Aceito Participar

( ) Não aceito participar

1. Caracterização do entrevistado

1.1 Idade

_____

1.2 Género

( ) Feminino

( ) Masculino

( ) Outro

1.3 Grau Académico

( ) 1º Ciclo do Ensino Básico

( ) 2º Ciclo do Ensino Básico

( ) 3º Ciclo do Ensino Básico

( ) Ensino Secundário

( ) Licenciatura

( ) Mestrado

( ) Doutoramento

1.4 Naturalidade

_____

1.5 Nacionalidade

_____

1.6 Há quanto tempo vive em Portugal?

_____

2. Relação com a língua portuguesa

2.1 Sentiu dificuldades na integração social por não falar português de Portugal?

( ) Sim

( ) Não

2.2 Se respondeu "Sim" na alínea anterior, selecione quais as maiores dificuldades que sentiu.

( ) Criar amizades

( ) Encontrar emprego

( ) Encontrar habitação

( ) Inclusão no sistema de ensino português

( ) Inclusão no meio académico (licenciatura, mestrado, doutoramento)

( ) Inclusão no seio familiar

( ) Outra

2.3 Se selecionou a opção "Outra" na alínea anterior, explicite qual foi a dificuldade ou dificuldades que sentiu.

_____

2.4 Alguma vez se sentiu discriminado/a por não falar o português de Portugal?

( ) Sim

( ) Não

2.5 Se respondeu "Sim" na alínea anterior, escolha uma ou mais, das seguintes situações onde possa ter ocorrido discriminação devido à sua língua.

( ) Escola

( ) Universidade

( ) Local de trabalho

( ) Instituições governamentais (ex. segurança social, finanças, etc.)

( ) Outras instituições (ex. bancos, hospitais, supermercados, farmácias, etc.)

( ) Outra

2.6 Se escolheu a opção "Outra" na alínea anterior, dê um exemplo.

_____

3. Escola Portuguesa

Frequentou o sistema de ensino em Portugal?

( ) Sim

( ) Não

3.1 Sentiu dificuldades na inclusão escolar por não falar português de Portugal?

( ) Sim

( ) Não

3.2 Se respondeu "Sim" na alínea anterior, selecione quais foram as suas maiores dificuldades.

( ) Fazer amigos

( ) Sentir-se incluído na turma

( ) Adaptação ao método de ensino

( ) Sentir-se incluído na escola

3.3 Sentiu discriminação, no ambiente escolar, devido à sua pronúncia?

( ) Sim

( ) Não

3.4 Se respondeu "Sim" na alínea anterior, indique qual ou quais os agentes que o/a discriminaram.

( ) Professores/as

( ) Colegas

( ) Pessoal não docente (ex. auxiliares, psicólogos, etc.)

3.5 Indique de 1 a 5 o nível de dificuldade que sentiu nas aulas nas seguintes categorias:

3.5.1 Compreensão do conteúdo das aulas

Pouco ou nada difícil 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) Muito difícil

3.5.2 Ritmo e pronúncia do português de Portugal

Pouco ou nada difícil 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) Muito difícil

3.5.3 Vocabulário

Pouco ou nada difícil 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) Muito difícil

3.5.4 Estrutura da frase

Pouco ou nada difícil 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) Muito difícil

3.5.5 Ortografia

Pouco ou nada difícil 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) Muito difícil

3.6 As dificuldades que encontrou influenciaram o grau de sucesso das suas aprendizagens?

( ) Sim

( ) Não

3.7 Foi-lhe oferecido algum tipo de apoio para superar as dificuldades sentidas?

( ) Sim

( ) Não

3.8 Face às dificuldades e discriminação sentida na escola, sentiu motivação para prosseguir nos estudos?

( ) Sim

( ) Não

4. Filhos no sistema de ensino português

4.1 Tem filhos?

( ) Sim

( ) Não

4.2 Quantos filhos/as tem?

_____

4.3 Os seus filhos e filhas frequentam a escola em Portugal?

( ) Sim

( ) Não

4.4 Indique o ciclo de estudos que o(s) seu(s) filho(s) ou a(s) sua(s) filha(s) frequenta(m).

( ) Pré-Escola (3 aos 6 anos)

( ) 1º Ciclo do Ensino Básico (6 aos 9 anos)

( ) 2º Ciclo do Ensino Básico (10 aos 11 anos)

( ) 3º Ciclo do Ensino Básico (12 aos 14 anos)

( ) Ensino Secundário (15 aos 18 anos)

( ) Licenciatura

( ) Mestrado

( ) Doutoramento

4.5 Alguma vez os seus filhos ou filhas se queixaram de discriminação na escola?

( ) Sim

( ) Não

4.6 Se respondeu "Sim" na alínea anterior, indique quem foram os agentes da discriminação.

( ) Professores/as

( ) Colegas

( ) Pessoal não docente (ex. auxiliares, psicólogos, etc.)

4.7 Se afirmou que os seus filhos ou filhas sofreram de discriminação na escola, explicite em que ciclo de estudos aconteceu. (Pode escolher mais do que uma opção)

( ) Pré-escola

( ) 1º Ciclo do Ensino Básico

( ) 2º Ciclo do Ensino Básico

( ) 3º Ciclo do Ensino Básico

( ) Ensino Secundário

( ) Licenciatura

( ) Mestrado

( ) Doutoramento

( ) Todos

4.8 Sente que os seus filhos e/ou filhas são, ou foram, prejudicados na escola por não falarem português de Portugal?

( ) Sim

( ) Não

4.9 Descreva uma situação em que o/a seu/sua filho/a foi discriminado/a.

_____

Estaria disponível para uma entrevista caso tenha ou esteja a frequentar a escola portuguesa? Ou no caso de não ter frequentado a escola portuguesa, estaria disponível para nos deixar entrevistar o(s) seu(s) filho(s) e/ou filha(s), de forma a aprofundar o tema da discriminação na escola? Se sim, peço que deixe o seu contacto (telemóvel e/ou email) para agendarmos a entrevista. Obrigada

_____

_____

Anexo III – Guião da entrevista

Guião da Entrevista

Esta entrevista resulta de um estudo no âmbito da dissertação de mestrado em Português como Língua Segunda ou Estrangeira. A temática deste estudo prende-se com a discriminação linguística sentida, na escola portuguesa, por parte de alunos não falantes de português europeu. O objeto de estudo são adultos e crianças oriundos de países da CPLP, nomeadamente do Brasil, que tenham frequentado ou estejam a frequentar o sistema educativo em Portugal. O presente estudo tem três grandes objetivos: (i) perceber de que forma é que existe discriminação; (ii) perceber quais as principais dificuldades dos estudantes e/ou ex-estudantes; (iii) compreender o que poderia a escola fazer para ajudar os seus alunos.

Problemáticas/ Temas	Objetivos	Questões orientadoras
- Legitimação da entrevista	- Explicar os objetivos da entrevista.	- Explicação sintética dos objetivos da entrevista
- Questões éticas	- Assegurar o anonimato. - Solicitar autorização para a gravação da entrevista.	- Explicação sobre o anonimato e confidencialidade do conteúdo da entrevista - Pedido de autorização para gravar a entrevista
Universo pessoal e familiar	- Identificar alguns dados pessoais importantes para o desenvolvimento da entrevista.	- Idade e ciclo de estudos que frequenta. - Qual a sua naturalidade?

		- Qual a sua nacionalidade? - Qual a nacionalidade dos seus pais? - Quais as habilitações dos seus pais? - Caso não tenha nascido em Portugal, com que idade veio para Portugal?
Relação com a língua portuguesa	- Perceber a relação do entrevistado com o PE. - Identificar quais as diferenças que o entrevistado considera relevantes entre o seu português e o de Portugal.	- Qual foi o seu primeiro contacto com o português de Portugal? - O quão diferente considera o seu português para o português de Portugal? Quais são as maiores diferenças, na sua opinião?
Escola Portuguesa	- Identificar a idade e nível de escolaridade em que o entrevistado entrou na escola em Portugal.	- Com que idade é que entrou na escola em Portugal? E em que ano?

	- Identificar as dificuldades sentidas pelos entrevistados quanto à sua integração escolar.	- Sentiu dificuldades na integração escolar devido à barreira da língua? Se sim quais?
	- Perceber se os entrevistados sentiram algum tipo de discriminação devido à sua pronúncia.	- Sentiu, na escola, discriminação devido à sua pronúncia? - Se sim, quem é que o discriminou?
	- Identificar as dificuldades linguísticas sentidas nas aulas.	- A discriminação ocorreu em algum ano escolar específico ou não?
	- Perceber se a não proficiência de PE influenciou o grau de sucesso das aprendizagens dos entrevistados.	- Quais as maiores dificuldades que encontrou nas aulas? (dar exemplos: compreensão do que é dito pelos professores, interpretação de textos e problemas, ritmo da língua, ortografia, etc.)
	- Realizar uma reflexão sobre as ferramentas que poderiam ter auxiliado os entrevistados a colmatar as dificuldades sentidas na aprendizagem.	- Sentiu que não falar português de Portugal influenciou o grau de

		sucesso das suas aprendizagens? - Considera que teria sido benéfico receber algum tipo de apoio para colmatar as dificuldades sentidas? - O que poderá a escola fazer para ajudar outros alunos na mesma situação, ou seja, não falantes de PE?
Questões finais	- Questionar o entrevistado de modo a saber se pretende adicionar mais alguma informação.	
Agradecimento	- Agradecer a colaboração	
Observação Outras questões a efetuar vão depender de cada entrevistado e da condução da entrevista, dado que cada experiência é única e particular.		

Anexo IV – Transcrição das Entrevistas

Transcrição entrevista E1

Legenda:

A – Entrevistador

E1 – Entrevistado

A: Qual é a tua idade e qual o ciclo de estudo que frequentas?

E1: Eu estou no quinto ano, na escola X. É uma escola muito boa, mas também há muita discriminação entre os jovens, mas também há muita união. Eu tenho 10 anos.

A: Onde é que nasceste? Qual é a tua naturalidade?

E1: Nasci em Portugal, em Lisboa.

A: Qual é a nacionalidade dos teus pais?

E1: São brasileiros.

A: Os dois?

E1: Os dois.

A: E sabes quais são as habilitações dos teus pais? Qual é o nível de escolaridade deles?

E1: Décimo segundo.

A: Os dois também?

E1: Sim, os dois.

A: Muito bem. Então qual é que foi o primeiro contacto que tiveste com o português de Portugal?

E1: Foi quando comecei a escola, porque meus pais falam brasileiro. Na escola tive uma colega que nasceu no Brasil e ela se apresentou normalmente e depois teve um colega que chamou ela de macaca. Isso é muito grave, porque nós todos somos iguais e todos devemos ter os mesmos direitos. E logo no mesmo dia, na hora de almoço, uma

colega minha não é colega, não é amiga, pegou a minha garrafa de água e jogou na cabeça dela. Ela não chorou, não disse à professora, mas eu fiquei meio chateada porque ela é uma colega super simpática e super amiga e ela anda a sofrer muito por causa de ser do Brasil. E eu acho isso muito mal, porque todos devemos ter união, todos devemos ter os mesmos direitos e não devemos discriminar os outros por ser de outro país, ter nacionalidade diferente, porque todos somos iguais, somos humanos, sentimos as mesmas coisas. E noutra aula de português com a minha professora, ela pediu para a minha colega ler. Ela leu lindamente, perfeitamente. E depois passou para outro colega, e na minha opinião ela não leu muito bem. A professora disse que a colega brasileira não tinha lido muito bem, que estávamos no final do ano e ela já deveria ler muito bem o português. Eu acho que é um comentário desnecessário. Ela veio do Brasil há dois anos, ela tem dificuldades no português sim, mas a professora não deveria falar isso para a turma. Ela deveria manter e dizer que as duas leram muito bem, e depois ver as dificuldades de cada uma, e pronto.

A: Tu sentes que os próprios professores fazem essa diferença entre quem fala o português de Portugal, e quem fala o português, por exemplo, neste caso, o português do Brasil?

E1: Sim, alguns professores.

A: Ok, e dentro da escola, tu sentes que para além dos professores existem outras pessoas na escola que fazem essa diferença e demonstram essa diferença ou não?

E1: Acho que não. As auxiliares são respeitosas com toda a gente, elas sempre tratam bem os outros não fazem discriminações.

A: Em que ano é que entraste na escola?

E1: Entrei no 1º ano.

A: O quão diferente é o português de Portugal para o português do Brasil, quais são as maiores diferenças que tu achas que existem?

E1: Eu acho que as maiores diferenças são o tom de voz, algumas palavras, mas não há muita diferença, porque os dois são português, nós colonizamos, então é português.

A: Claramente tu não tens uma pronúncia do português do Brasil muito carregada, contrariamente, por exemplo, como a tua mãe. Mas mesmo assim, sentiste alguma vez

discriminação por causa da tua pronúncia, por utilizares algumas expressões ou palavras que não sejam português de Portugal ou algo assim?

E1: Já, principalmente por causa dos meus pais. Algumas colegas sempre ficam a perguntar: Ah, de onde é que são os teus pais? E sempre me olham com olhar de estranho, como se eu fosse diferente, só por ter parentes do Brasil.

A: Então tu sentes que nesse caso quem discrimina são os colegas?

E1: São os colegas, sempre os colegas.

A: Não os professores?

E1: Não os professores raramente.

A: E aquela discriminação que estavas a falar da tua colega que foi discriminada pela professora, em que ano escolar é que isso aconteceu?

E1: Foi no quinto ano, há uma semana.

A: Sentes que, apesar de no teu caso talvez não ser tão evidente, mas achas que por alguns alunos não falarem o português de Portugal que isso influencia o grau das suas aprendizagens ou não?

E1: Em alguns casos, sim, em alguns casos, não. Porque, por exemplo, um brasileiro ou um angolano pode ser super, hiper, mega inteligente e quando chega aqui em Portugal, pode não adaptar-se. Ou então, um brasileiro que vem do Brasil, chegar aqui em Portugal e ser bem-sucedido com casa com tudo… Em relação à língua provavelmente pode acontecer algumas discriminações na rua, como alguns casos que passaram na televisão…

A: Acho que não percebeste a minha pergunta. Eu explico outra vez, não há problema. A minha pergunta é no sentido em que, como o português não é o mesmo, ou seja, tem vocabulário diferente, tem uma estrutura diferente, achas que isso traz dificuldades para a aprendizagem na escola?

E1: Sim, por causa da gramática, das regras e etc. Porque no Brasil provavelmente, eu não sei, pode haver mais ou menos regras do que no português em Portugal, pode dificultar um pouco na aprendizagem do aluno que vem do Brasil.

A: Achas que deveria haver algum apoio para estes estudantes? No sentido de tentar auxiliá-los.

E1: Acho, acho. Porque assim já fica orientado e não precisa de se preocupar tanto e consegue aprender como todos os alunos que vêm de Portugal.

A: E o que achas que a escola poderia fazer para ajudar os alunos que não falam o português europeu? Que iniciativas é que a escola poderia trazer?

E1: Eu acho que as escolas poderiam contratar professores profissionais nisso, e por exemplo, deixarem eles esclarecer as dúvidas e caso aconteça alguma coisa de discriminação, falar com o que discriminou o aluno e perguntar porquê ele fez isso. Porque isso é uma coisa que não faz sentido, todos somos humanos, temos os mesmos direitos e não somos macacos, devemos sempre viver em harmonia, sempre.

A: Então achas que devia haver alguém que auxilie estes alunos e ao mesmo tempo chame à atenção àqueles que estão a realizar a discriminação, neste caso, os professores?

E1: Exato.

A: Deveria haver alguma consequência para os professores que discriminam?

E1: Provavelmente uma reunião, o aluno deveria falar com os pais sobre o que aconteceu e o encarregado de educação devia marcar uma reunião com o professor para perguntar o que aconteceu. Porque isso é estranho, um professor discriminar um aluno que quer aprender, quer ser alguém no futuro… provavelmente até uma professora, de português, inglês, de tudo. Que seja bem-sucedido no futuro.

A: Tens alguma pergunta para mim ou algo mais para acrescentar?

E1: Não.

A: Ok, obrigada pela tua participação.

Transcrição entrevista E2

Legenda:

A – Entrevistador

E2 – Entrevistado

M – Mãe do entrevistado

A: Então, qual é a tua idade?

E2: Nove anos. Vou fazer dez.

A: Muito bem. E em que ano andas na escola?

E2: No quarto.

A: Andas no quarto ano… E onde é que nasceste?

E2: No Brasil.

A: Há quantos anos é que estás em Portugal, sabes?

E2: Três anos.

A: Quais são as habilitações dos teus pais? Ou seja, que ano de escolaridade é que os teus pais têm? Sabes?

E2: Sim, superior. Minha mãe tem doutoramento e o meu pai é mestrado.

A: Quando é que foi o teu primeiro contacto com o português de Portugal?

E2: Eu estava no Brasil e eu tava a ver tipo uma série que se chama… não sei, antes ela tava em português de Portugal, então eu ouvia e eu tava preparado quando vim para aqui. Por isso eu cheguei e já sabia alguma coisa.

M: Mas é assim, meus pais são portugueses. Assim, a minha mãe já era falecida quando o meu filho nasceu, mas o meu pai tem um sotaque já muito abrasileirado, mas nós sempre convivemos com muitas pessoas portuguesas no Brasil, certo?

E2: Sim.

A: Portanto quando vieram para Portugal não foi uma surpresa o sotaque português, nem o português europeu, nunca foi uma surpresa. Já conheciam.

E2: Já.

A: Então quais é que são as diferenças entre o português de Portugal e o Português do Brasil? Quais é que achas que são as maiores diferenças nas duas línguas?

E2: Como as pessoas pronunciam o R, o L, não sei mais.

A: Alguma vez sentiste dificuldades na tua integração na escola? Devido ao português?

E2: Não.

C: E as coisas que você ouviu?

E2: Como assim?

M: No primeiro dia da escola o que é que você ouviu? Quando você estava falando normal, como no Brasil, o que é que eles disseram para você?

E2: Disseram que eu devia falar português de Portugal porque estava aqui tinha de falar.

A: E quem é que disse isso? Foram os colegas ou os professores?

E2: Foram os colegas. Os professores nunca falaram isso.

M: Lembra o que os professores falam que você sente incomodado? Eles dizem que no Brasil você fala o quê?

E2: Ah, sim. Eles dizem que… então… no brasil se fala brasileiro mas eu falo não.

A: Então os professores fazem essa distinção do português e do que eles chamam brasileiro. Não consideram ser o mesmo português.

E2: Sim.

A: E com que idade entraste na escola aqui em Portugal?

E2: Seis.

A: Então entraste no 1º ano.

E2: Sim.

A: Para além dessa situação que tu e a tua mãe estavam a contar, de logo no primeiro dia os colegas dizerem que tu não falavas português, houve algum momento em que sentiste discriminação por causa do teu sotaque ou da forma como falas?

E2: Sim, ao longo deste ano. Tipo, eu acho engraçado que em inglês fala-se train e no português do brasil fala-se train. Então uma vez eu fui falar e eu confundi-me e as pessoas começaram a gozar comigo.

A: Porque tinhas dito a palavra em português do brasil em vez de português de Portugal.

E2: hum hum

A: quem é que gozou? Os colegas?

E2: Sim.

A: E quais é que são então as maiores dificuldades que tu encontras na escola? É esse comportamento por parte dos colegas? Tens alguma dificuldade em aprender porque o português é um bocadinho diferente..?

E2: Assim, dificuldades eu não tenho… Eu sei falar. Às vezes, eu não quero às vezes… eu falo na minha língua. Mas sinto-me mal quando as pessoas dizem que isso não é português porque eu estou a falar português.

M: Até em relação aos professores, se você precisar falar que no Brasil se fala português, como é que você se sente diante disso?

E2: Se, tipo, as pessoas não entendem.

A: Alguma vez tiveste algum professor a chamar-te à atenção por teres escrito uma frase com uma estrutura diferente do português europeu ou utilizado uma palavra do português do brasil? Isso Alguma vez isso aconteceu?

E2: Sim, com o "se" e com uma palavra. Era para pôr o se atrás e eu pus na frente.

M: Ele foi corrigido diversas vezes, mas não é um erro.

E2: Mas agora estou a escrever certo, como querem.

A: Achas que alunos como tu que vieram do Brasil à pouco tempo achas que deviam ter algum apoio por parte da escola para tentarem superar as dificuldades que

podem encontrar como por exemplo este caso que falaste sobre a posição do “Se”. Deviam ter algum apoio?

E2: Acho que sim porque nós viemos e às vezes não sabemos muito. Isto aconteceu assim, na minha escola tem muitas pessoas que vieram do brasil conheço muitas. Acho que deviam ter apoio para tipo escrever, falar eles podem. Eles falam como eles querem, mas eles podiam tipo para escrever.

A: Ok, dar um apoio na parte escrita.

E2: Sim

A: tens alguma pergunta para mim?

E2: Não.

A: Tens mais alguma coisa que querias partilhar da tua experiência na escola?

M: Pensa. Agora que está a acabar o quarto ano… não tem assim nada que aconteceu … que você se lembra…

E2: Lembro do 1º, 2º, 3º.

A: Sempre aconteceram coisas assim?

E2: Não, aconteceram mais no 1º e no 4º.

A: Nos outros anos não sentiste tanto isso?

E2: Não.

M: Ele como no primeiro dia ouviu essa coisa do fala português, ele na escola faz um sotaque português e com as outras pessoas portuguesas. Até a professora numa reunião à um tempo a trás que um professor que deu aula para ele mais de um ano inteiro não sabia que ele era brasileiro.

E2: Sim isso foi do professor de educação física do ano passado.

M: Tenho a impressão de que enfim, a gente se esforça para fazer estas adequações mas fruto de um construção violenta. Ou seja, no primeiro dia ele ouviu que o que ele tava falando não era português ele se esforçou em fazer bem um sotaque português para também ser integrado como as demais crianças. Acho que isso aconteceu muito com ele. Com a escrita ele também é um aluno muito bom, nunca trouxe nada que não fosse muito

bom, mas tenho a impressão que também o facto de não serem coisas erradas que as vezes veem corrigidas também é uma certa violência nesse sentido né? De não ter assim uma integração e um reconhecimento de formas plurais. De trazer assim talvez, não sei amor, estou falando como observação de mãe. Mas não sei se faz sentido para você…

E2: Faz.

A: O imitar ou criar este sotaque do português europeu é talvez um mecanismo de defesa para ele se proteger a ele próprio para não ouvir os comentários dos colegas. Concordas?

E2: Concordo… Para não ouvir isso que não gosto muito…

A: Claro ninguém gosta de ouvir estas coisas… Mais alguma coisa que queiras partilhar? Ou a mãe que tem a sua interpretação dos acontecimentos?

M: Não sei se deveria estar falando… peço desculpa.

A: Não faz mal, às vezes nestas idades eles não se conseguem expressar tão bem e com os pais presentes conseguem ter outra noção do que se passa.

M: É eu acho que sim, é essa questão de termos essa habilidade de conseguir falar um pouco à portuguesa e de inclusive de ver que existia mesmo dentro da escola uma certa sisão. Ah não, mas os brasileiros veem com uma desfasagem… mas o X tem notas boas, ele não. É como se fosse diferente numa hierarquia. Existe esta integração diferenciada. Mas não vejo isto como uma coisa positiva. Vejo que as outras crianças deviam ser integradas com mais respeito, mas falta né? Parece assim esse olhar de acolhimento de outras possibilidades da língua portuguesa. De resto os brasileiros não falariam se os portugueses não tivessem chegado lá.

A: Obrigada pela vossa participação.

M: Obrigada nós.

Transcrição de entrevista E3

Legenda:

A – Entrevistador

E3 – Entrevistado

M – Mãe do entrevistado

A: Quantos anos é que tu tens?

E3: Seis

A: Seis? Então estás em que ano?

E3: No primeiro ano.

A: O primeiro ano foi o primeiro ano foi o primeiro ano que entraste aqui em Portugal ou fizeste a pré-escola cá?

E3: Andei na pré-escola.

A: Tu nasceste onde?

E3: No Brasil

A: E os teus pais? Também são brasileiros?

E3: Sim.

A: Há quanto tempo estás em Portugal?

E3: 3 anos.

A: E sabes até que ano na escola eles estudaram?

E3: Não.

M: Eu tenho um doutoramento e o pai tem um mestrado.

A: Qual é que foi o teu primeiro contacto com o português de Portugal? Foi no Brasil ou cá na escola?

E3: Não fui gozado quando falei português do brasil aqui em Portugal.

A: Não, não tiveste um mau contacto com a língua mal chegaste?

E3: Não foi assim.

A: Trataram te bem no primeiro ano, no primeiro dia e durante o ano todo?

E3: Sim, a primeira vez foi no infantário e também não fizeram nada a mim. Só falei…

A: Então não sentiste nenhuma dificuldade?

E3: Não.

A: Todos foram teus amigos e tratam-te bem… ninguém te disse nada… Não tiveste uma má experiência?

E3: Não.

A: Alguma vez te disseram que no Brasil se fala brasileiro?

E3: Não.

M: Você não lembra uma vez que chegou a casa e disse "Ela disse que eu falei brasileiro" e eu até disse para você responder para ela que você falava em português. Que no Brasil se fala português. E depois você disse que tinha falado e que ela nunca mais tinha incomodado você. Você consegue lembrar disso? Ou não?

E3: Não.

A: Então nunca sentiste na escola nenhuma dificuldade com o português sempre foi tudo fácil?

E3: Foi.

A: A aprender o português houve alguma palavra, estrutura, que tivesses mais dificuldade na escola e precisasses mais de ajuda?

M: Por exemplo agora com ao abecedário, como você diz a letra do meu nome?

E3: Eu falo como a professora diz que é, gue.

A: A professora não aceita o gê?

E3: Não ela diz que está errado, ela pensa que é outra letra. Pensa que é jota

A: Então e como é que tu preferes dizer? Preferes o gue ou ge?

E3: eu prefiro o gê, eu acho

A: Faz mais sentido para ti?

E3: Sim

A: Então na escola preferias dizer ge em vez de guê?

E3: Sim.

A: Há mais alguma coisa que tu digas e a professora te diga que não é assim?

E3: Só para dizer o som das letras, não o nome normal. Só o som que faz.

A: Consegues dar um exemplo.

E3: Eu estou sempre a falar como ela diz na escola e tudo bem.

M: E se você fala ónibus na escola, o que vão dizer pra você?

E3: Não sei, nunca experimentei.

A: Falas com sotaque do português do brasil com os teus amigos ou com o sotaque do português de Portugal?

E3: De Portugal

A: Porquê?

E3: Porque tem de ser.

A: Porque é que tem de ser?

E3: Porque senão não iam entender

A: Achas que eles não te entendem quando falas com sotaque brasileiro?

E3: Entendem.

A: Então porque usas o sotaque de Portugal e não o sotaque do brasil?

E3: Porque é assim que se fala na escola.

A: e quando falas com os teus amigos brasileiros também utilizas o sotaque de Portugal?

E3: Uso o português na mesma, até falo pouco…

M: Aqui você pode falar como fala em casa, não precisa de falar português de Portugal que ela vai entender você.

A: Sim, podes falar como quiseres!

Silencio

A: Tens alguma coisa mais para partilhar? Já me contaste todas as histórias que tens na tua memória?

E3: Sim.

M: Eu posso contar algumas histórias e ver se você consegue lembrar?

E3: Sim.

M: Você lembra uma vez, esta não foi exatamente na escola, foi no futebol. A gente estava lá no futebol ehh e aí tinha um menino que tava olhando o telefone e você foi lá com ele e a mãe dele falou que não era para você falar brasileiro com o filho dela. Lembra disso?

E3: Não.

M: Ele tinha 4 anos. E não era para ele falar brasileiro para o filho dela senão o filho dela depois tinha de ir para a terapia da fala. Na verdade, as piores coisas aconteceram com ele mas ele como ainda é pequeno não entendeu bem. Na sala dele do jardim havia muitos meninos que faziam terapia da fala, ele nunca fez. Mas isso acho que tinha relação com o facto que estes meninos e meninas viam muitos vídeos e isso acabava vindo na conta de que as crianças estavam a aprender brasileiro e não português de Portugal. Tivemos uma reunião que foi uma reunião com a professora, com a psicóloga e a terapeuta da fala do agrupamento e elas disseram que o brasileiro era um problema. E aí o brasileiro como uma fala tinha essa carga. E eu estava na reunião e a professora disse, na nossa sala há um brasileiro, eu levantei a mão e disse é o meu filho. E aí seguiu um clima.. do tipo temos de ter cuidado com o que vamos dizer. Temos de ver como podemos fazer isso. Aí a terapeuta da fala disse para mim "seu filho vai ter dificuldades porque ele precisa aprender que uma coisa é o que ele fala com a mãe outra é o que ele pode falar na escola. Porque na escola ele não pode dizer ónibus. Ele tem de dizer autocarro." Eu falei mas se ele disse ónibus está certo porque está no dicionário. Teve assim uma questão… eu acho que sofri mais que ele que nem estava na reunião né? Mas teve uma violência muito muito grande. Porque na verdade aquele grupo já estava formado quando a gente chegou... as crianças iam para a terapia da fala porque tinham as suas questões, os seus

problemas, talvez também pela exposição ao Youtube e os meus filhos por acaso eram crianças que não tinham acesso a isso. Acabou ali por haver uma transformação de que o problema poderia ter uma relação com uma fala que poderia vir de qualquer lugar menos naquele contexto específico dos meus filhos. Então aquela turma em específico tinha algumas dinâmicas que me pareciam ainda mais preocupantes, desse ponto de vista da integração. E algumas vezes quando ele está com os amiguinhos aqui e ele diz alguma coisa logo vê a virada de cara, o estranhamento, a correção, né? São situações que acontecem com alguma frequência. Mas eles acabaram por desenvolver este mecanismo de só falar com os amigos com um sotaque português, de só se relaciona na escola com o sotaque português para evitar que estas violências fossem sempre. Uma necessidade de adequação permanente.

A: Tens alguma coisa para acrescentar ao que a mãe contou?

E3: Não.

A: Não te sentes confortável a falar português do brasil com os teus amigos?

E3: Não…

A: Queres partilhar mais alguma coisa?

E3: Não.

A: Obrigada por participarem!

Transcrição da entrevista E4

Legenda:

A – Entrevistador

E4 – Entrevistado

A: Qual é a tua idade?

E4: 12 anos.

A: E andas em que ano na escola?

E4: Sétimo, vou agora para o oitavo.

A: Onde é que nasceste?

E4: Salvador Baia Brasil

A: E qual é a nacionalidade dos teus pais?

E4: Os dois são brasileiros também.

A: E sabes quais são as habilitações dos teus pais? Ou seja, que ciclo de estudos é que eles concluíram?

E4: Ahhh meus dois pais têm mestrado.

A: E com que idade é que vieste para Portugal.

E4: Com dez.

A: Qual foi o primeiro contacto com o português aqui de Portugal?

E4: Acho que foi na escola.

A: Nunca tinhas, mesmo no Brasil, nunca tinhas estado em contacto com o português de Portugal? Foi na escola?

E4: Sim.

A: e quais são as maiores diferenças, na tua opinião, entre o português de Portugal e o português do Brasil?

E4: Acho que é o sotaque… algumas palavras mudam e a velocidade da fala.

A: Quem é que fala mais rápido nós portugueses ou os brasileiros?

E4: Os portugueses.

A: Então tu vieste para Portugal com 10 anos, entraste logo na escola? Em que ano?

E4: Ah eu esperei 3 meses para começar o segundo período e entrei no sexto ano.

A: Entraste então a meio do ano e não no início. Quais foram então as maiores dificuldades para a tua integração na escola?

E4: Me adaptar às diferenças do nível de aprendizagem, me adaptar ao jeito de ensino, a maneira de ensino aqui é muito diferente e eu acho que me enturmar foi muito difícil.

A: Em que sentido? Consegues dar me alguma situação ou exemplo?

E4: Eu tinha algumas amizades, porém era muito mais difícil para mim manter essas amizades porque eu não conhecia muito bem as pessoas e não tive muito tempo para conhecer elas.

A: Como entraste a meio do ano algumas amizades já estavam formadas, e sentiste mais dificuldade em integrar-te.

E4: Exato.

A: Sentiste alguma discriminação por causa da tua pronúncia ou não?

E4: Sim.

A: Por parte de quem?

E4: Foram por parte de professores e até de amigos.

A: Em que sentido é que os professores te discriminavam? Que situações é que tu te lembras?

E4: No ano passado, a professora fingia que não me escutava quando eu estava a falar.

A: Ignorava-te?

E4: Sim.

A: E tu achas que era por falares português do brasil?

E4: Sim, porque não era só comigo. Era comigo e com outro menino que por acaso também é brasileiro.

A: Humm, então havia aqui um padrão. E os colegas? Também te referiste aos colegas, em que sentido é que os colegas te discriminaram? Punham-te de parte? Chamavam nomes? O que acontecia?

E4: Eles ficavam, alguns deles… os meninos faziam comentários xenofóbicos.. e tinha uma amiga minha, que por acaso agente ainda se fala um pouco que ela ficava falando que tipo eu falava errado.

A: E dentro das aulas quais foram assim as maiores dificuldades? A compreensão do que é dito pelos professores, a interpretação de texto, ritmo da língua, a ortografia…? Quais são as maiores dificuldades que sentes?

E4: Eu acho que no início a compreensão do que era falado pelos professores foi difícil. Demorou alguns meses…

A: Devido à velocidade da língua como falaste antes?

E4: Sim.

A: E em termos de vocabulário? Não sentes dificuldade nesse aspeto?

E4: Um pouco, mas muito pouco. Enfim eu tirava duvidas e já estou acostumada.

A: Sentes ou sentiste, que o facto de não falares português de Portugal influenciou as tuas aprendizagens? Ou seja, tiveste mais dificuldades, se calhar más notas… Achas que isso influenciou de alguma forma?

E4: Acho que no meu caso não. Porque eu tinha alguns professores também que me ajudavam. A minha DT sempre... falava com a gente e oferecia ajuda.

A: Então tinhas dois lados, professores que te punham de parte, mas também tinhas outros que te tentavam auxiliar.

E4: Sim.

A: Para outras crianças ou estudantes que estejam na mesma situação que tu, ou seja veem de um país em que podem falar português como o Brasil ou Angola, etc, mas

que não é o português de Portugal, achas que estes alunos deviam ter algum apoio por parte da escola?

E4: Eu acho que sim, não somente um apoio… no ano passado tive apoio, aquelas aulas extra e tal, uma amiga minha que por acaso tem a mesma história que eu. Chegou logo no 2º período, ela também teve, mas não é somente apoio ao estudo que nós precisamos. Eu acho que é um apoio mesmo para se poder integrar mais fácil.

A: Não é só o estudo, também dentro da comunidade escolar é difícil vocês integrarem se e sentirem se aceites.

E4: Sim.

A: Consegues pensar em alguma medida, alguma coisa que a escola pudesse fazer te ajudar e a outros alunos como tu, que não sejam falantes de português europeu?

E4: Eu não sei tipo… este ano tivemos muitas atividades nas aulas de atendimento com a nossa DT e eu sinto que isso ajuda muito a integrar mais as pessoas, sabe entender os outros melhor, entender pelo que os outros estão passando. E eu vi que o comportamento de algumas pessoas mudou muito em relação às outras pessoas. E acho que algumas atividades praticas assim, respondendo a algumas coisas conversando... acho que isso melhora muito.

A: Atividades que sejam sobre integração e que falem sobre a diferença. É disso que estás a falar? Aulas sobre multiculturalismo e a importância de aceitar o outro?

E4: Sim, é isso mesmo!

A: Tens alguma pergunta para mim, ou alguma história que aches relevante contar para eu partilhar no estudo?

E4: Eu tenho uma coisa para falar. No ano passado e nesse ano eu tive um professor, que eu não consegui me adaptar ao jeito dele. O ano inteiro desabando para mim, porque esse professor gritava com todo o mundo. Quando uma pequena coisa sai do jeito… sai da programação dele, em vez de ele falar, ele grita. Ele reclama com agente. Ele não tem… ele sai da ética e isso me incomodava muito. Eu também… eu também fiquei mal o ano passado no final por muitas questões e acho que esta foi uma delas.

A: E qual era a disciplina?

E4: Música.

A: Achas que ele gritava com todos ou era com um grupo específico de alunos?

E4: Tipo ele gritava com todos… se você se esquece de alguma coisa, ah falta de material e isso tudo bem porque é o correto e se fazer mas em vez de sinalizar a falta de material e avisar para não esquecer mais ele gritava com a pessoa e contando histórias de vida dele, se achando melhor que nós… sabe? Isso saia muito da ética dele.

A: Mais alguma história que queiras partilhar?

E4: Ah e a minha professora, ela me humilhava. Era minha professora de português e era sub-diretora na minha escola. Eu lembro que por ela me ignorar, houve uma aula que ela gritou comigo. Disse que nós brasileiros não sabíamos falar… ficou reclamando. Eu cheguei em casa muito mal, eu nem lembrava o que tinha acontecido depois porque fiquei em choque. Eu falei com a minha mãe e ela foi na escola para ter uma reunião com a minha diretora de turma. Quando ela estava lá a mãe de um amigo meu também estava lá, e aí o meu amigo… eu não sabia que ele tinha feito isso, porque eu estava em choque, mas ele tinha me defendido e ela também gritou com ele. Enfim, ela deu falta disciplinar para ele. E desde aí eu não me deixo abalar tanto, até porque já tinha acontecido no ano passado e eu estava esperando a ver se a professora ia mudar porque se não mudasse eu ia falar com a minha mãe de novo. E aí eu percebi que depois a minha mãe falar com ela, ela mudou completamente. Ela conseguiu me tratar como qualquer outro aluno.

A: Achas que os professores e até os colegas que podem ter ou vir a ter atitudes preconceituosas devem ter algum tipo de consequência? Devem ser chamados à atenção?

E4: Olha eu penso que não dá para tipo… gritar não resolve, eu acho que deveriam conseguir… o trabalho dos professores não é terapia, mas tentar entender a situação de cada um e ter um pouco de compreensão… o que a pessoa está passando e tentar ajudar assim… se não resolver então sim devem chamar os pais né para perceber o que está acontecendo. Mas primeiro ajudaria muito a conserva entre professor e aluno e que haja compreensão.

A: Para ti a compreensão é o mais importante?

E4: Sim, sem dúvida.

A: Muito bem, algo mais que queiras partilhar ou perguntar me?

E4: Acho que não.

A: Obrigada pela tua participação!

E4: De nada, boa sorte!

Transcrição da entrevista E5

Legenda:

A – Entrevistado

E5 – Entrevistado

M – Mãe do entrevistado

A: Qual é s tua idade e em que ano é que estudas?

E5: Eu tenho 15 anos e estou no décimo.

A: Qual é a tua naturalidade? Onde é que nasceste?

E5: Florianópolis no Brasil.

A: Desculpa?

E5: Florianópolis.

A: E qual é a nacionalidade dos teus pais?

E5: São brasileiros.

A: Com que idade é que vieste para Portugal?

E5: Com 15 anos.

A: E há quanto tempo é que estás em Portugal, mais ou menos?

E5: Três meses?

A: Qual é que foi o teu primeiro contacto com o português de Portugal?

E5: Diria que foi no hotel que a gente fico, que foi a primeira vez que eu ouvi realmente o português de Portugal.

A: Ok, foi quando chegaste. Ou seja, há 3 meses atrás. No Brasil nunca tiveste contacto com o português europeu?

E5: Não.

A: Quais é que são as maiores diferenças, na tua opinião, entre o português de Portugal e o português do Brasil?

E5: Algumas palavras eu às vezes não entendo direito e acho que o sotaque… é um sotaque mais forte, batido assim… que o brasileiro.

A: Tu entraste aqui em Portugal com 15 anos e no 10º ano, certo?

E5: Sim.

A: Mas não entraste no início do ano.

E5: Não, eu entrei e já estava no segundo semestre.

A: A tua escola funciona por semestres e não períodos?

E5: Sim, dois semestres.

A: Quais é que foram as maiores dificuldades que tu sentiste na integração na escola aqui em Portugal?

E5: No começo foi um pouco difícil entender as professoras, principalmente uma que é do porto. Mas depois ficou mais fácil.

A: E a integração com os colegas?

E5: Foi bem fácil…

A: Foi? Todos te acolheram bem na turma?

E5: Sim, na minha turma sim.

A: Alguma vez sentiste discriminação na escola devido à tua pronúncia?

E5: Não.

M: Talvez seja importante falar que existem 7 meninas na turma e apenas uma é portuguesa.

A: Ah ok, então a portuguesa é que está em minoria por assim dizer. E nunca sentiste discriminação por parte dos professores? Algum comentário mais desagradável que possam ter feito…

E5: Não, não é o caso.

A: Não?

E5: Não, eles foram bem abertos.

A: E dentro do ambiente escolar na escola onde tu estás, sentes que existe alguma discriminação para quem não fala português europeu ou não?

E5: Não é bem discriminação pela variedade brasileira, mas sim pelo brasileiro de modo geral. A minha professora de inglês ficou muito abismada porque sou fluente em inglês e nenhum brasileiro é.

A: Apesar de tu nunca teres sentido nenhuma dificuldade nem teres sentido nenhuma discriminação, achas que a escola deveria proporcionar algum tipo de ajuda aos alunos que vêm por exemplo do Brasil, de Angola, Moçambique, ou seja, de países em que é falado o português, mas não o português europeu?

E5: Acho, que não sei… Acho que na minha cabeça quando os portugueses falam na aula eles parecem mais formais. E no Brasil, pelo menos, não tem tanta formalidade assim na escola. Eu senti uma diferença assim grande. Em português, eles… um garoto foi treinar falar sobre uma notícia e ele, pra mim, o que ele tava falando já era formal, mas a professora de português acrescentava palavras mais formais para o que ele estava falando. Palavras que eu não conhecia.

A: Achas que o ensino em Portugal é mais formal, quando comparado com o Brasil? Achas que deviam dar algum apoio nesse sentido, de auxiliar os alunos a colmatar esta lacuna da formalidade?

E5: Sim.

A: Por exemplo, que iniciativas é que tu achas que a escola poderia ter ou fazer para acolher e incluir mais estes alunos?

E5: Não sei…

A: Talvez esta seja uma pergunta difícil de responder pois tiveste uma experiência positiva aqui em Portugal. Tens alguma história para contar ou algo mais que queiras partilhar?

E5: Eu desloquei o joelho na aula de educação física, e daí todas as garotas fizeram uma roda assim e me acalmaram. E daí a professora ligou pro hospital e… é mas elas foram e ficaram preocupadas.

A: Tiveste sempre as tuas colegas a teu lado.

E5: Sim, várias são brasileiras como eu. Teve duas brasileiras que chegaram também na metade do ano.

A: Gostavas de partilhar mais alguma coisa? Tens alguma dúvida?

E5: Não.

A: Obrigada pela tua participação!

Transcrição de entrevista E6

Legenda:

A – Entrevistador

E6 – Entrevistado

M – Mãe do entrevistado

A: Que idade tens?

E6: Onze.

A: Tens onze anos, estás em que ano?

E6: Sétimo.

A: Qual é a tua nacionalidade?

E6: Sou brasileiro.

A: E a nacionalidade dos teus pais?

E6: Também são brasileiros.

A: Estás há quanto tempo em Portugal?

E6: Três meses.

A: Qual é que foi o teu primeiro contacto com o português de Portugal?

E6: Quando cheguei cá.

A: E entraste a meio do sétimo ano aqui em Portugal?

E6: Sim.

A: Como foi a tua integração na escola?

E6: Boa!

A: Não sentiste nenhuma dificuldade?

E6: Não.

A: Não? E para ti quais são as maiores diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil?

E6: As palavras, tem umas palavras aqui… e acho que o sotaque aqui. Acho que o português fala mais rápido do que o brasileiro.

A: Para ti é difícil acompanhar as aulas por causa disso?

E6: Não… mais ou menos… não.

A: Alguma vez sentiste preconceito ou discriminação devido à tua pronúncia na escola?

E6: Não.

A: Sempre foste bem aceite tanto por colegas como por professores?

E6: Sim.

M: E a situação quando tu apresentaste o trabalho? Ele me contou quando ele apresentou o trabalho que a professora ainda no final... como é que ela disse? É, tudo bem fracassar. Ela não orientou como era para apresentar o trabalho…

A: Qual foi a disciplina?

E6: Português. Ela falou para minha colega que é de angola que tinha de largar o sotaque dela.

A: E também disse isso a ti?

Silêncio

A: Era uma professora muito exigente? Só aceitava o português europeu?

E6: Sim.

A: E nos testes? Recebeste algum comentário?

E6: Uma professora disse que eu não podia desenhar. Porque eu acabei a prova e daí não tinha nada para fazer… Mas uma vez a professora falou para um aluno que não é "desculpa" é "desculpe-me". Ficou indignada…

A: Achas que isso é um pouco da formalidade que falávamos antes?

E6: É.

A: Então nunca sentiste nenhum tipo de discriminação para além do comentário feito pela professora na apresentação do trabalho?

E6: Não.

A: E o relacionamento com os teus colegas é bom?

E6: Sim.

A: Também te conseguiste integrar bem na escola?

E6: Sim.

M: Ele se juntou com uma amiguinha que estava na mesma situação que ele. Um pouquinho pior porque ela tirava nota baixa.

A: No caso desta colega, achas que os professores a deviam ter ajudado mais?

E6: Sim.

A: Como?

E6: Não sei, porque o ensino ela disse que em Angola é muito diferente. É mais difícil ter nota alta.

A: Portanto, nas aulas nunca sentiste nenhuma dificuldade? Nem em termos de vocabulário, estrutura…

E6: Não, não.

A: Então não sentiste que o facto de não falares português de Portugal influenciou o grau de aprendizagem? Por exemplo se tiravas boas notas ou más… Nunca influenciou?

E6: Não, sempre aprendi.

A: Achas que a escola deveria ajudar os alunos na mesma situação que tu? Ou seja, vem de um país diferente e falam português, mas não o português europeu. Achas que a escola os devia auxiliar de alguma forma?

E6: Não sei… Eu não precisei de auxílio.

A: Mas por exemplo na situação da tua apresentação oral se a professora tivesse explicado como era para apresentar não tinha ajudado?

E6: é que ninguém me explicou os trabalhos…

A: Os professores não se sentaram contigo quando chegaste e explicaram o que tinhas para fazer? Que trabalhos eram necessários? Como se fazia?

E6: Não.

A: Talvez fosse isso que faltava… achas que talvez na situação dos testes, apresentações, etc. devia haver um acompanhamento diferente para não acontecerem erros e os alunos conseguirem boas notas?

E6: Sim.

A: Alguma história que queiras partilhar?

E6: Não.

A: Algo mais que querias partilhar ou alguma pergunta que me queiras fazer?

E6: Não.

A: Obrigada pela tua participação!

Transcrição da entrevista E7

Legenda:

A – Entrevistador

E7 – Entrevistado

A: Qual é a tua idade e que ciclo de estudos é que frequentas?

E7: Olha atualmente não estou estudando, estou só trabalhando. Tenho 20 anos.

A: Onde é que nasceste?

E7: Nasci no Brasil, em minas gerais.

A: E quando é que viste para Portugal? Com que idade?

E7: Com uns 14 anos.

A: E qual foi o ano em que entraste na escola em Portugal? Lembraste?

E7: Eu entrei no 11º

A: Quais são as habilitações dos teus pais?

E7: Minha mãe tem o ensino secundário completo e meu pai não.

A: Então ele não tem o 12º? Ficou pelo 9º?

E7: Ele ficou na verdade pelo último ano, ele ficou em uma matéria.

A: Ah ok ok. Qual é que foi o primeiro contacto com o português de Portugal? Foi quando vieste para cá ou já tinhas tido contacto com a língua?

E7: Olha, quando eu cheguei foi bem na altura da pandemia, então não tive tanto contacto com ninguém em português. Porque primeiro teve a quarentena, tudo, e depois teve que eu entrei na escola, foi quando eu tive mais contacto. Os professores alguns tiveram meio receio por ser décimo primeiro ano e eu não tinha nada da escola daqui, então meio que eu deveria ter entrado no décimo para poder me adaptar, mas a escola achou melhor me colocar já no décimo primeiro. Eu tive dificuldade com o professor, ele tinha um sotaque muito forte, ele falava muito rápido também, então eu não entendia parecia ser espanhol na minha cabeça.

A: O que estás a falar tem a ver com a minha próxima pergunta, que é o quão diferente tu achas o português do Brasil do português de Portugal? Quais é que achas que são assim as maiores diferenças?

E7: Olha, atualmente eu já não acho assim tão diferente porque já é natural para os meus ouvidos, né em 4 anos. Então, mas no início foi isso mesmo, algumas palavras eram semelhantes com o espanhol, outras palavras não conhecia e ficava meio perdida, e a velocidade como falam.

A: Ok, então era mais o vocabulário e a cadência da fala dos portugueses que é muito rápida.

E7: Isso!

A: E quais foram as maiores dificuldades que sentiste na integração escolar?

E7: Olha, como o meu português é do Brasil, acho que, assim, a princípio uma conversa que eu tive com outra colega também estrangeira, é que, mesmo que a gente fale português, a gente deveria ter a aula de … aquela que é português para não falantes, sabe? Mesmo que a gente fale, eu até hoje acredito que seria muito mais fácil se tivesse uma aula extra de português para a gente aprender a escrever e tudo, tanto porque era uma cobrança dos professores de escrever em português de Portugal, não em português do Brasil ou Angola, que era o caso da minha colega.

A: Nesse sentido sentiste que havia uma discriminação por parte dos professores, ou até de colegas, por não falarem o português de Portugal?

E7: Ah, dos colegas nem tanto, mas a parte dos professores sim. Principalmente nas dissertações… A única aula que eu não tive dificuldade com o português era na aula de inglês. De resto tive sempre, "ah tens de escrever mais português de Portugal", qualquer coisa assim.

A: E isso acontecia só na escrita ou acontecia também quando, por exemplo fazias apresentações orais?

E7: Nas apresentações orais eu me esforçava um pouquinho para tentar chegar mais próximo, mas ainda usava bastante palavras brasileiras, então os professores não reclamavam, mas a de português já puxava um pouquinho, tipo ah não é mulher, porque

eu tinha vicio de chamar as mulheres de mulheres, senhoras não usava… e ela ah é senhora, que não sei quê…

A: Mas não era tão incisivo como, por exemplo, na escrita, reclamavam mais com a escrita.

E7: Sim, sim, era mais a escrita por conta dos exames.

A: A preocupação era então mais no sentido de escreverem como é exigido nos exames nacionais.

E7: Exato!

A: Dentro das aulas, qual é que foi a maior dificuldade que encontraste? Foi a compreensão do que é dito pelos professores? Foi a interpretação textual?

E7: Olha, foi tudo! Para mim foi tudo mesmo.

A: Foi tudo? E tiveste uma adaptação difícil? Tu tiveste dois anos na escola portuguesa, ou seja, o décimo primeiro e o décimo segundo. Os dois anos foram difíceis ou foi só a adaptação no início?

E7: Olha, foi muito difícil no início quando terminou continuou difícil.

A: Porque dizes isso, explica-me.

E7: Porque quando eu estava no décimo primeiro eu não conhecia nada, então realmente tinha muita dificuldade em entender o professor, entender os textos, então tinha que viver estudando, procurando mais vocabulário porque não me era explicado melhor na escola. Já no 12º eu já conheci então estava mais fácil.

A: Ok, já havia uma certa destreza da tua parte para conseguir perceber o que era dito e o que era pedido por parte dos professores.

E7: Sim.

A: No início falaste de uma coisa interessante, que eu queria voltar a tocar nisso. Tu falaste que, tu e a tua colega angolana, comentaram que seria uma coisa boa para vocês terem uma aula extra de português, neste caso falaste de português para estrangeiros. Achas que então teria sido algo benéfico terem esse apoio?

E7: Ah, com certeza. Seria outra coisa, o ensino secundário para mim. Porque para ela também tinha muitas dificuldades.

A: Porque dizes isso? O que é que achas que isso ia ajudar?

E7: Olha, porque para mim, eu sempre tive muitas dificuldades com gramática, tanto no Brasil quanto aqui. Só que no Brasil tem as diferenças, não é? Então, eu tive que aprender, que eu não aprendi, porque eu não entendi direito o que estava acontecendo... Acho que se tivesse um reforço, uma ajuda fora que eu procurei mas a escola não ofereceu, seria muito mais fácil. E não teria de ter tanta dificuldade para tudo o que acontece na escola, tanto para fazer amigos que também foi uma dificuldade.

A: Porque é que foi uma dificuldade fazer amigos?

E7: Eu também não entendia o que eles falavam.

A: Era a barreira da língua também.

E7: Sim, era mais isso na parte dos colegas.

A: Tu dizes que procuraste ajuda dentro da escola. A quem é que pediste auxílio?

E7: Olha, eu fui à secretaria. Procurei na secretaria e falei, olha, preciso de ajuda para entender melhor. Falou que não tinha muito que fazer. Que eu tinha de procurar explicadores… e eu não tinha condição.

A: Ok, a escola não te ofereceu nenhuma solução. Disse para procurares fora da escola.

E7: Sim, disse para procurar fora da escola.

A: Então, o que é que tu achas que poderia ser feito para ajudar alunos como tu? Ou seja, alunos que vieram do Brasil e de outros países da CPLP, como Angola, Moçambique, Cabo Verde... O que é que pode ser feito para auxiliar estes alunos que claramente chegam aqui a Portugal com dificuldades e com uma barreira linguística?

E7: Olha, eu acho que primeiro deveria se reconhecer que, mesmo sendo português, tem muitas regras diferentes. Que muitos professores nem te ensinam, nem enxergam e passam a cobrar da gente uma coisa que a gente não conhece porque acabou de chegar. Então, acho que primeiro teria que reconhecer isso, depois, sei lá, fazer uma especialização pra gente, tipo, pra quem é da CPLP conhecer as regras do português de

Portugal. Mesmo que tipo no décimo ano, você já sabe boa parte da gramática daqui. Eu entrei no décimo primeiro, então eu não sabia.

A: Para além da dificuldade da língua também caíste num ano em temos matéria no ano anterior que não aprendeste.

E7: E também era o último ano de algumas matérias, então era ainda mais difícil.

A: Tu decidiste prosseguir nos estudos ou não?

E7: Olha, para já eu acabei por não… por reprovar a geometria. Então eu decidi fazer um curso por fora de formação modular, sabe 3 meses. E atualmente estou trabalhando para pagar esse curso. Assim que eu terminar esse curso eu volto para fazer uma licenciatura, um curso profissional… ainda estou a ver.

A: A minha pergunta vem no sentido, de certa forma esta má experiência que tiveste na escola, esta dificuldade, se te tinha posto de pé atrás para prosseguires os teus estudos aqui em Portugal.

E7: Não me atrapalhou, porque eu reconheço também que não são todos os lugares que são assim. Tem pessoas que são desse jeito, que vai estar dificultando a vida só por eu ser estrangeira, então tenho que reconhecer isso também, que nem sempre vai ser fácil, mas eu tenho que continuar independente, não é?

A: Tens algum momento que te lembras nesses dois anos que estiveste aqui a estudar, em que tenhas sentido discriminação, que tenhas sentido que não fazias parte da escola?

E7: Como eu disse, eu reprovei geometria. O professor também não me facilitava a vida. Quando eu cheguei, a primeira coisa que ele falou é que se eu tinha geometria no Brasil, que era geometria descritiva, que eu não tive. Daí, ele já começou a fazer umas piadinhas sem graça, tipo, ah no Brasil não tem isso, não tem aquilo, e não sei o quê… Toda a vez ele arranjava um jeito de me chamar a atenção na sala de aula, e não entendia o que ele estava falando, então para piorar a minha situação eu não entendia. E é um senhor mais velho, todo o mundo tem queixa dele. Ninguém, assim, para além de frases machistas, racistas, xenofóbicas, né? Já fizeram baixo assinado, mas não tiraram o professor de lá. Então eu sofri muito mais na aula dele, porque também não tinha apoio

na escola, nenhum reforço também para aprender a matéria dele. E tinha vontade nenhuma de ir para aula dele por conta disso.

A: Foi o professor que te marcou mais pela negativa?

E7: Foi, foi.

A: Eu não tenho mais nenhuma pergunta para ti. Tens alguma questão para mim ou mais alguma história que queiras partilhar comigo?

E7: Eu não sei se é muito relevante, mas teve uma vez que por conta da prova de geometria. Eu geralmente ia nas provas porque todas as vezes que eu ia ele falava que eu não ia conseguir, que era uma desgraçada por não conseguir passar na matéria dele. Eu ficava super… nossa. Aí ao invés de ir para a sala, eu fui para a biblioteca tentar estudar a matéria dele. Só que eu não conseguia. Então eu coloquei o fone de ouvido e fiquei muito triste… Chorava até.

A: Sentias-te mesmo à parte nessa aula.

E7: É, para já era o meu primeiro contacto com portugueses e aí me travou bastante. Agora é que eu fui e me abri mesmo para poder conhecer as pessoas daqui. Porque eu trabalho com pessoas, eu sou atendente. Então agora que eu estou aprendendo que não são todas as pessoas assim, mas até lá…

A: Ficaste com uma má imagem dos portugueses.

E7: Sim, deixou uma má impressão de muitas pessoas.

A: Ainda bem que agora já tens histórias e memórias mais positivas que negativas. Espero que o teu futuro em Portugal continue a ser positivo e que caso voltes a estudar tenhas uma boa experiência.

E7: Muito obrigada, eu espero que sim.

A: Tens mais alguma história para me contar?

E7: Não é só isso mesmo. Parabéns pelo teu tema achei bastante interessante.

A: Obrigada, e obrigada por teres partilhado um bocadinho do teu tempo e da tua história comigo.

Transcrição da entrevista E8

Legenda:

A – Entrevistador

E8 – Entrevistado

A: Então, diz-me a tua idade e qual é que é o ciclo de estudos que frequentas na escola.

E8: Eu tenho 17 anos. Eu agora acabei agora o 12º, mas estou aqui desde o 6ºano, então já é um longo percurso.

A: E qual é a tua naturalidade? Onde é que nasceste?

E8: Eu nasci no Brasil e vim para Portugal com 10 anos.

A: E qual é a nacionalidade dos teus pais?

E8: A minha mãe é portuguesa e o meu pai brasileiro.

A: Sabes qual é a habilitação dos teus pais?

E8: Como?

A: Que estudos é que eles terminaram?

E8: A mãe tem o ensino secundário completo e também tem cursos de matemática. Meu pai não sei.

A: Tu vieste para Portugal com 12 anos?

E8: 10, com 10.

A: Ok, qual é que foi, apesar de a tua mãe ser portuguesa eu sei que ela tem o sotaque do português do Brasil porque viveu no Brasil durante muito tempo, qual é que foi o teu primeiro contacto com o português de Portugal? Foi com a família da tua mãe? Como é que foi?

E8: Então o meu primeiro contacto com o português de Portugal foi com os meus avós. Eu fui para casa deles.

A: No Brasil ou aqui em Portugal?

E8: Aqui em Portugal, aqui em Portugal. No Brasil, às vezes eu ficava em ligação com o meu avó mas nunca tinha conhecido. Então só tinha ouvido a voz e assim.

A: Quais é que são as maiores diferenças entre os dois portugueses, o do Brasil e o de Portugal?

E8: As maiores diferenças que eu acho é a rapidez, aqui falam muito rápido. A gente acaba dificultando esse empreendimento da língua, é mais complicado. Até hoje ainda tem algumas dificuldades.

A: Ok mesmo passando estes anos todos, continua a ser uma dificuldade o ritmo da nossa língua?

E8: Um pouco sim, depende de cada pessoa. Ontem mesmo a minha professora estava explicando uma coisa, e ela fala muito rápido, então assim não dava para entender algumas coisas.

A: A tua vinda para a escola portuguesa, tu eras bastante novo com 10 ano. Qual é que foi a maior dificuldade que tu sentiste na integração da escola?

E8: Acho que as pessoas não tinham grande compreensão, então dependendo das matérias eu tive mais dificuldade ainda. E também dependendo muito dos professores, porque tinham professores que não tinham muita paciência para ficar repetindo, já que eu não conseguia entender tudo na primeira porque era muito rápido. E querendo ou não tem muitas dessas coisas que acaba preocupando.

A: Sentiste que existiu algum tipo de discriminação devido à tua pronúncia na escola ou não?

E8: Sim, sim. Eu estudei numa escola, lá foi mau mas quando eu mudei de escola para X foi bem pior. O pessoal era mais xenofóbico, tinha mais esse preconceito e tal.

A: E esta discriminação era praticada por quem? Pelos professores, pelos colegas, pelos dois?

E8: Não, pelos colegas. Os professores tentavam ajudar mais também. Eu tive a sorte de ter no início bons professores assim que ajudavam e tentavam sempre de uma forma fazer com que eu compreendesse melhor e me integrasse melhor na turma.

A: Portanto, eram mais os colegas que te punham de parte ou eles gozavam contigo? Que tipo de discriminação é que tu sentiste?

E8: É porque eu era muito de ficar no meu canto, mas tinha colegas que vinham desafiar de atacado, e tal, tinha colegas que vinha e reclamava… Esta situação já faz um tempo, foi no ano passado, eu estava nas piscinas e tinha um outro brasileiro e o resto era tudo menino pequeno. Então esse menino brasileiro pediu a um instrutor para ir no banheiro, porque no brasil a gente chama de banheiro a uma casa de banho. E depois os outros miúdos pequenos ficaram a falar "ah não é banheiro, é casa de banho". Isto é preconceituoso e não é necessário.

A: É uma situação que não influencia a vida de ninguém, é só uma palavra.

E8: Exato. O professor também entendeu porque tem muito troca de cultura entre os dois países.

A: Dentro das aulas, qual é que foi assim a maior dificuldade tendo em conta as diferenças do português? Foi a compreensão do que é dito pelos professores, foi a interpretação de textos, foi o ritmo da língua como já tinhas falado antes, foi a ortografia, foi o vocabulário? Quais é que foram as áreas em que sentiste maior dificuldade?

E8: Para mim, a área mais difícil, que eu sempre tive dificuldade nisso, foi na área de gramática e ortográfica que é uma coisa muito diferente. Por exemplo, no Brasil, a gente não fala… como é que eu posso… apresento-me. O lhe o me e tudo isso, essas coisas é tudo diferente do Brasil e eu tive muita dificuldade. Teve essa e a parte gramatical também tem diferenças e também a parte da compreensão auditiva dos professores, comigo eu tive bastante dificuldade, mas essa parte me consegui adaptar melhor.

A: Existiu algum ano em que sentisses que tiveste mais dificuldade em comparação com os outros anos ou não?

E8: Eu acho que no primeiro ano que eu estava aqui, no sexto ano, foi o pior porque eu não tinha nenhuma adaptação. Na primeira escola, já estava melhor, já tinha colegas amigos e isso. E já tinha uma melhor adaptação e já tinha gente que me ajudava e isso ah foi melhor. Agora como eu tive de trocar de escola no meio, aí as coisas acabaram piorando, porque tive uma nova adaptação novamente, novas pessoas para conhecer, diferentes e também querendo ou não o lugar onde eu estava é totalmente

diferente de lá. Porque lá na primeira escola eles me receberam melhor, me ajudaram mais, já aqui foi um pouco mais diferente. Como é um lugar mais distante, são as pessoas da aldeia…

A: É então um meio mais rural?

E8: Sim, exato.

A: Sentiste que o facto de não falares o português de Portugal influenciou de alguma forma o grau de sucesso das tuas aprendizagens ou não?

E8: Sim, influenciou bastante. Até porque no início eu não tinha boas notas, principalmente em português e tive muitas dificuldades. Eu sempre gostei muito, por exemplo, desde pequeno, agora nem tanto, mas eu lia bastante eu gostava então eu acho muito melhor eu falar do que escrever porque eu tenho uma certa dificuldade com a escrita. Então quando eu vim para cá acabou descendo muito as minhas notas, sendo que no Brasil eu tinha notas muito boas. Eu tinha de 0 a 10, então eu tinha 9, tinha 10, tinha 8. A nota mais baixa que eu tive lá foi um 6. Então já dá para perceber… e aqui eu não tinha notas muito boas. Até hoje ainda tenho essa dificuldade.

A: Consideras que seria benéfico para alunos como tu, ou seja, que vieram do Brasil, de Angola, de Moçambique, de outros países da CPLP em que falam um português, mas não o português europeu. Achas que seria benéfico terem algum tipo de apoio para tentar colmatar as vossas dificuldades?

E8: Sim, sim, eu acho. Eu acho que era bom ter um apoio melhor para nós que temos mais dificuldades, por exemplo, quem… tenho um amigo meu da minha sala que veio da Malásia e ele teve o português língua não materna, que já é um português mais básico, porque querendo ou não a língua dele é totalmente diferente. E para a gente acho que poderia ter algo parecido, não igual, porque a gente já tem uma base mais ou menos. Integrar a gente logo numa turma assim e ter o português que não é a língua deles é complicado. Por exemplo, tem gente que veio de lá e já está no 11º lá mas quendo vem para cá acaba tendo de regredir um ano. E ter que acompanhar tudo no nível deles que é totalmente diferente lá do Brasil ou de outros países é uma dificuldade muito grande. Muito grande mesmo. O que me ajudou muito quando eu cheguei porque no 6º ano 7º e isso eu tinha um apoio com uma professora. Eu ia repetir o sexto, mas como eu tive o apoio eu acabei conseguido passar de ano.

A: O que é que achas que a escola poderia fazer em termos práticos para ajudar os alunos que estão nesta situação? Que falam uma outra variante de português mas não a de Portugal.

E8: Acho que poderia, tipo, em vez de juntar todos, pegar esses que não tem português de Portugal como língua materna assim dizendo e colocar numa aula com uma outra professora para poder apreender, pra ter uma melhor capacidade para aprender a língua. E também, o muito bom que poderiam fazer, que faziam na turma da minha namorada, que era, era um espanhol, mas também pode fazer em português, era para poder, conseguir integrar mais a turma, porque é algo que ajudou a gente, nós, imigrantes, a ter uma melhor, tipo, uma melhor capacidade, uma melhor cognitiva, uma melhor capacidade cognitiva é também ajudar a gente a juntar mais a turma, a ajudar o outro, a se entender mais.

A: Sim, porque esse também é um dos grandes problemas, às vezes também não é só a língua, tem a ver também com a integração das pessoas dentro da turma, não só pela barreira da língua. É então importante que haja uma aceitação por parte dos alunos e também professores para todos se sentirem integrados.

E8: Sim, sim isso é muito importante porque é também importante a saúde da pessoa e se tiver outras pessoas que se importem, que sejam amigos mesmo, ajuda muito.

A: Eu já acabei as minhas perguntas. Tens alguma coisa mais para contar? Alguma história que te lembres, que achas que seja relevante ou alguma questão para mim?

E8: Hoje em dia, eu acho que assim, hoje em dia estou conseguindo aceitar mais. Porque quando eu cheguei não tinha tantos imigrantes assim e era muito mais complicado. Era mais difícil com os imigrantes e aceitar pessoas diferentes. Hoje em dia tem que conseguir aceitar mais, até por causa da internet que ajuda bastante, essa troca cultural. Então, é algo que é muito importante agora, é um aceitar o outro e não ficar julgando. Você não gosta daquela pessoa, mas, por exemplo, eu conheci aquela pessoa ali e eu não gostei dela. Então pronto, não precisa estar falando dela, não precisa ir lá e criticar ela, nem nada disso. É só não falar com ela, deixar ela lá com outras pessoas e pronto, seguir sua vida.

A: Tu vais acabar agora o 12º ou já acabaste?

E8: Só falta eu receber uma nota, aí mais ou menos, porque já está sendo feito, já acabou.

A: Mas estás ainda a fazer o estágio?

E8: Não, não, já acabei tudo.

A: Vais prosseguir nos estudos ou não?

E8: Sim, sim. Eu pretendo agora fazer um outro curso. Uma área bem diferente da minha, mas é uma que eu também gosto. E, querendo ou não, isso depois abre um leque maior de emprego e de oportunidades e isso, para mim, é bom.

A: Boa, boa, eu também gostava de perguntar isso, ou seja, se apesar de teres começado a escola aqui em Portugal como uma má experiência, se isso influenciou na tua decisão de prosseguir estudos ou não aqui em Portugal.

E8: Assim, não até porque eu não liguei muito às outras pessoas, assim que falam muito… Antes tinha mais problemas em aceitar o que as pessoas falam e fazem, mas hoje em dia eu já não ligo muito e viro as costas e sigo a minha vida.

A: Vives na tua sem ligar muito aos outros.

E8: É.

A: Mais alguma coisa para me dizer ou não?

E8: Não.

A: Não? Ok. Então, olha. Ficamos por aqui. Obrigada pelo teu tempo!

Transcrição da entrevista E9

Legenda:

A – Entrevistador

E9 – Entrevistado

A: Então, qual é a tua idade e qual é o ciclo de estudos que frequentas?

E9: Eu tenho 16 anos e frequento o 10º ano.

A: Muito bem. De onde é que és? De onde é que nasceste?

E9: Eu nasci no Pará, no Brasil.

A: Qual é a nacionalidade dos teus pais?

E9: Os meus pais são brasileiros.

A: Sabes quais são as habilitações dos teus pais?

E9: A minha mãe é professora e o meu pai acho que não tem nenhuma formação na faculdade.

A: Ok, então a tua mãe tem uma formação da faculdade, ok.

E9: Sim, sim.

A: Mas o teu pai não?

E9: Não.

A: Ok. Com que idade é que vieste para Portugal?

E9: Eu vim para Portugal com 14 anos.

A: 14 anos?

E9: Sim.

A: Ok. E em que ano é que entraste na escola?

E9: Eu entrei em 2022, aqui, aqui em 2022, só que eu comecei a estudar em 2014, no Brasil.

A: Ok, e em 2022 entraste em que ano?

E9: Eu entrei no 9º.

A: No 9º ano?

E9: Sim.

A: Ok. Quando é que foi o teu primeiro contacto com português de Portugal? Foi no Brasil? Foi quando chegaste cá a Portugal?

E9: Foi quando cheguei aqui a Portugal.

A: No Brasil nunca tinhas tido contacto com a língua?

E9: Não.

A: Não?

E9: Não.

A: Quais é que são assim para ti as maiores diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal?

E9: Acho que a velocidade na fala e… acho que só.

A: Só o nosso ritmo, nós falamos muito rápido. Sentiste alguma dificuldade na integração na escola por causa da barreira da língua?

E9: Sim.

A: Que dificuldades é que sentiste?

E9: Eu não me sentia entendida por eles. Eu sentia que eu estava falando outra língua e foi muito difícil conciliar amizade.

A: Ok. Então foi difícil fazer amigos aqui em Portugal?

E9: Foi. Mesmo isso foi.

A: Mas porquê? Porque ninguém fazia um esforço para te entender? Sentias que havia alguma discriminação por vires do Brasil?

E9: Não, acho que quando entrei na escola, o nono ano já estava junto desde o sétimo. Então eles eram ali mais eles e eu era mais eu. Era mais excluída.

A: Ok, ok. Porque eles já tinham um grupo fechado e depois estavas tu tecnicamente à parte. Sentiste alguma vez discriminação por causa da tua pronúncia?

E9: Sim. dos professores.

A: A sério? Em que sentido? Dá-me exemplos.

E9: Algumas palavras que eu dizia e que para eles não é certo.

A: Consegues pensar em algum exemplo?

E9: Em Apresentações orais, prova de escrita e leitura.

A: E o que é que acontecia nesses casos? Por exemplo, se utilizavas palavras do português do Brasil, o que é que os professores diziam, faziam?

E9: Diziam que como eu estou em Portugal, tenho que adequar a minha língua à deles.

A: Isso aconteceu em alguma disciplina em específico ou era...

E9: Português. Acho que foi só. Português e Físico-Química.

A: Os outros professores já eram mais compreensíveis?

E9: Sim.

A: Ok, ok. Então, sentiste que da parte dos colegas houve uma falta de integração? Também porque, como tu explicaste, eles já tinham um grupinho feito. Disseste também que por parte dos professores houve uma certa discriminação quanto à língua, mas os colegas nunca discriminaram quanto à língua?

E9: Já, mais ou menos que os professores. Por exemplo, numa roda de conversa, quando eu falava, algumas palavras eles corrigiam. E acho que sim.

A: Quais foram as maiores dificuldades nas aulas? Foi o ritmo da língua, foi a ortografia, foi a interpretação dos textos ou de problemas, por exemplo, no caso da matemática, foi compreender o que era dito pelos professores, qual é que foi a maior dificuldade ou as maiores dificuldades?

E9: Tudo isso.

A: Todas?

E9: Acho que, no início, a minha maior dificuldade foi compreender outros professores e interpretar o que estava escrito. Até hoje eu tenho dificuldade.

A: Porquê? Por causa da estrutura das frases? Ou é o vocabulário que te complica?

E9: Sim, acho que é a estrutura das frases, lá no Brasil é muito mais objetivo. Aqui, para os portugueses deve ser mais fácil, mas lá no Brasil é mais objetivo o que eles pedem, aqui eles não.

A: Sentes que o facto de não falares o português de Portugal influenciou o grau de sucesso das tuas aprendizagens, ou seja, achas que isto influenciou as tuas notas e a forma como aprendeste?

E9: Sim.

A: Em que medida?

E9: Principalmente, volto a dizer, na disciplina de português, acho que eu conseguia ter melhores notas se as minhas apresentações orais fossem em português de Portugal, se eu compreendesse melhor o que estava escrito no Português de Portugal.

A: Achas que teria sido benéfico teres tido algum género de apoio por parte da escola para tentar colmatar estas dificuldades que sentiste, ou não?

E9: Acho que sim.

A: A escola não ofereceu nenhum apoio?

E9: Não.

A: Em termos, não só da língua, mas em termos de integração, por vires de um país diferente?

E9: Não.

A: Tendo em conta o teu caso, por exemplo, que vens do Brasil e outros alunos que vêm de outros países da CPLP que falam tecnicamente português, o que é que poderia a escola fazer para ajudar estes alunos que não são falantes do português europeu?

E9: Acho que, querendo ou não, deveria ser ensinado. Sei que nos nossos países não é ensinado o português de Portugal, mas para imigrantes que vêm e que não têm noção do que é o português de Portugal, acho que deveria ser ensinado. E não atirar a primeira pedra sendo que não foi ensinado.

A: Então achas que devia haver se calhar uma disciplina focada para auxiliar nesse sentido?

E9: Acho que… Um apoio mesmo, não precisa ser uma disciplina específica só um apoio mesmo.

A: Conheces outros colegas na mesma situação que tu?

E9: Conheço.

A: Sentem todos as mesmas dificuldades?

E9: Sim! Tanto cabo verdianos, angolanos, tudo.

A: E a escola não apresenta nenhuma solução?

E9: Não. Esse ano para mim foi mais fácil porque o professor que eu tive esse ano foi mais compreensível, mas no nono ano não foi, e a professora dizia que no décimo ano seria mais difícil porque eu teria que fazer o exame, e só foi piorando assim, nunca foi compreensível.

A: Ok. Nunca tentou levantar, sempre foi para baixo.

E9: Sim.

A: Estás em que ano agora?

E9: Estou no décimo.

A: No décimo. Sentiste que este ano não tiveste tanta dificuldade, comparando com...

E9: Comparando com o ano passado, não. Este ano foi mais fácil.

A: Foi mais fácil porque os professores foram mais compreensivos ou porque achas que já percebes melhor?

E9: Os dois.

A: Ok. Um bocadinho dos dois. Eu já não tenho mais perguntas para ti. Tens alguma história para me contar? Alguma situação que achas que seja relevante partilhar?

E9: Não.

A: Alguma pergunta para mim?

E9: Não.

A: Ok. Então, está feito. Obrigada por participares!

Transcrição da entrevista E10

Legenda:

A – Entrevistador

E10 – Entrevistado

A: Diz-me a tua idade e qual é que é o ciclo de estudos que frequentas.

E10: Eu tenho 19 anos e acabo de terminar o ciclo de secundário.

A: Ok, décimo segundo.

E10: Exato.

A: Ok, muito bem. Qual é que é a tua naturalidade?

E10: Eu sou curitibana, da parte sul do Brasil.

A: Ok, então a tua nacionalidade é brasileira?

E10: Exato.

A: Muito bem. E qual é a nacionalidade dos teus pais?

E10: Ambos são também brasileiros.

A: Quais é que são as habilitações dos teus pais, sabes?

E10: O do meu pai eu não faço ideia, mas a da minha mãe, ela trabalha com limpeza. Trabalhou quando era jovem em empresas como secretária, mas agora trabalha com limpeza.

A: E quais é que são os ciclos de estudos que eles frequentaram? Se tem o secundário, se tem mestrado, se têm licenciatura?

E10: Novamente, meu pai eu não faço ideia, mas a minha mãe, se não me engano, terminou pronto o ensino médio no Brasil e depois fez como que um curso, não sei, mais ou menos. Tipo um concurso público para trabalhar em empresas e coisas assim. Não tem de facto uma formação.

A: Sim, sim, não tem formação académica em específico.

E10: Exato.

A: Ok, ok. Com que idade é que tu vieste para Portugal?

E10: Vi em Portugal com 14 anos.

A: Ok, com 14 anos. E qual é que foi o teu primeiro contacto com o português de Portugal?

E10: O meu primeiro contacto com o português de Portugal foi logo na escola, no primeiro dia de aulas.

A: Cá em Portugal?

E10: Sim.

A: Ok, antes de vires para cá não era uma língua que estivesse sem contacto?

E10: Não, não.

A: Quais é que são assim as maiores diferenças, na tua opinião, entre o português do Brasil e o português de Portugal?

E10: Eu penso que a pronúncia, como é óbvio, o sotaque, algumas palavras que mudam o sentido ou simplesmente são novas e talvez o facto de falarem em rápido, isso foi um impasse muito grande para mim assim que eu cheguei, que era falarem muito rápido e eu não entendia nada.

A: Ok, ok, a cadência da língua é assim muito rápida. Então, se tu vieste com 14 anos, entraste logo na escola?

E10: Sim.

A: Entraste em que ano?

E10: Entrei no nono.

A: No nono ano, ok. Quais é que foram assim as maiores dificuldades? Sentiste alguma dificuldade na integração na escola?

E10: Dificuldades, primeiro pela questão do estudo, estudo do Brasil e o estudo de Portugal, como já muita gente sabe, é completamente diferente. Então, não digo que é o estudo do Brasil inferior, mas acaba que não acompanha, talvez, o que o acelerado é aqui. Então, tive dificuldades no estudo, de certa forma, tive dificuldades em me integrar

em um grupo de amigos e alguns professores também não me facilitaram muito a vida, então também tive dificuldades com os professores.

A: Explica-me mais essas dificuldades de integração com os colegas e os entraves que os professores colocaram, o que é que... Dá-me um caso concreto.

E10: Sim, com os colegas, por exemplo, eu que entrei no 9ºbano, logo eles já se conheciam desde crianças então já tinham como que grupos formados então o facto de eu acabar de chegar e entrar em grupos que já são formados de anos e anos, é um bocado difícil, então no intervalo, cada um ia ter com uns amigos que já estão habituados e eu acabava por ficar sozinha. Eu me sentia um bocado deslocada, porque pronto, é um lugar que eu nunca tive na minha vida, não é? Mas, de certa forma, também entendia, não via, de facto, uma discriminação da parte deles, assim, por já se conhecerem há muito tempo e já terem grupos de amigos formados, uma intimidade diferente com os outros e talvez uma dificuldade de integrar alguém novo. Com os alunos foi isso. Agora, em questão aos professores, não que isso tenha sido até o final, isso mudou quando eu entrei no décimo completamente, mas no nono ano inteiro eu senti muito sarcasmo e ironia por parte dos professores, seja na implicância, muitas das vezes imitavam o meu sotaque e não levavam a sério as coisas que eu digo. Por exemplo, tinha uma dúvida, eu tirava a dúvida, o professor ou a professora imitava o meu sotaque e não respondia a minha dúvida. Ou seja, eu ficava ali sem saber o que fazer, porque se não me explicavam e tal, eu não podia tirar as dúvidas, as minhas notas logo também não eram as melhores. Isto também afetava quando, por exemplo, eu tive uma certa inimizade com duas professoras e uma coisa que eu achei muito forte é que quando pegam uma certa intimidade, intimidade não, uma certa rivalidade, por assim dizer, com um aluno, tratam realmente mal, realmente faltam ao respeito. Não imagino que seja assim em todas as escolas de Portugal, ou que seja assim em todos os casos, mas calhou a mim ser assim. E tive dois professores que realmente foram horríveis, e se não fosse o apoio da minha mãe, ou, pronto, por força de vontade da minha parte, eu acho que eu tinha desde muito em questão a escola, porque eu já não sentia vontade nenhuma de estudar e a escola de me esforçar, porque essas professoras tiraram completamente a vontade que eu tinha de me dedicar.

A: Portanto, a minha seguinte questão seria se alguma vez sentiste discriminação devido à tua pronúncia. Sentiste que esses casos que estavas a relatar eram discriminação?

E10: Talvez. Pelo menos essas duas eram. Eu posso estar fazendo aquele papel de vítima e tal, mas não acho. Eu sei peneirar as coisas, eu sei ver o que realmente é discriminação. Eu acho que o que essas duas professoras fizeram foi uma discriminação horrível, porque não era só comigo, também a mesma forma de ser com cabo verdianos ou outros brasileiros.

A: Ok, não eras a única vítima, digamos assim, destas professoras.

E10: Então eu penso que não é só porque é comigo.

A: E só sentiste esta discriminação por parte de professores ou também sentiste por parte de colegas ou auxiliares da escola, etc?

E10: Por auxiliares da escola, nunca fui, de facto, discriminada, mas elas já disseram coisas que são em relação aos professores, também seja um bocadinho antiprofissional da parte delas, porque acho que este tipo de coisa não se diz, mas elas disseram e uma vez se viraram para mim, tipo funcionárias, e disseram, tipo, tu nunca vais ter, tu nunca vais ter nota, tipo, que um aluno português vai ter, porque você sempre vai ser considerada como brasileira, enquanto os outros alunos vão ser avaliados normal, e você sempre vai ser penalizada por ser brasileira. E eu, isto não é normal, eu não acho que seja normal. E as continuas disseram que é a realidade. Aí estou um bocadinho em choque, por uma continua dizer isto diretamente. Sem qualquer rodeio, sem nada disso. Mas eu fiquei, meu Deus. E em questão aos alunos, bem, não, nunca senti de facto. Por mais que também não fui incluída, nunca fui de facto muito incluida, mas nunca tive uma discriminação direta. Só nunca, tipo, se aproximaram de mim. Só a partir do décimo que eu realmente passei a ter amigos.

A: Ok, ok. Porque lá está, até o décimo, se calhar mudaste de escola e então foi...

E10: Exato, foi isso.

A: Exatamente, e muitas vezes do nono para o décimo os grupos separam-se porque uns querem ir para uma área, outros querem ir para outra, então...

E10: Exato, é isto, é porque muita gente se separou e se encontraram naquele grupo, tipo, que era novo, aí pronto, aí eu tive a chance.

A: Nas próprias aulas, quais é que foram assim as maiores dificuldades que tu encontraste? Foi a compreensão do que era dito por parte dos professores? Se foi a

interpretação de textos e problemas, por exemplo, de matemática? Se foi o ritmo da língua como estavas a referir antes? Se foi alguma parte da ortografia? Quais foram, assim, dentro da sala de aula, as maiores dificuldades?

E10: As maiores dificuldades que eu senti em questão à matéria foi diretamente em matemática e inglês, porque o inglês para mim é uma complicação que só agora graças a Deus eu estou melhorando… em matemática eu tive um bloqueio para o resto da minha vida porque infelizmente uma dessas professoras que fez mal para mim era uma professora de matemática, então não tive chance nenhuma. Então, matemática senti muitas dificuldades, porque eu já tinha dificuldades no Brasil, e também estudei um tempo na Espanha, também tinha, mas eu nunca tive uma negativa. Sempre foram positivas, sempre foram positivas baixinhas, mas tinha. Acompanhava, tirava as minhas dúvidas. Quando cheguei em Portugal, desci as minhas notas em matemática, e depois as pessoas eram, acabando querendo ou não, um bocadinho mais avançadas, tinham métodos diferentes. E eu não conseguia acompanhar, até porque, primeiramente, não conseguia tirar dúvidas, porque a professora não me facilitava a vida. E desanimei, no meio do caminho desanimei, e, epá, desisti de matemática. Então, passei de ano com nega a matemática. E em questão ao inglês, no Brasil, o inglês é muito fraco. E quando vivi na Espanha, não cheguei a ter inglês, porque assim que cheguei na Espanha me tiraram o inglês para me colocar em aulas de reforço de castelhano. Então eu não tive o inglês por muito tempo da minha vida. Eu só tive no nono ano, onde já é mais avançado, onde as pessoas fazem orais, falam fluentemente. E eu não sabia o verbo to be. E eu fiquei, oh meu Deus, uma vergonha. E acho que é isto. Também português, que no Brasil o português é só a interpretação de texto. Eu cheguei aqui e tive um baque gigante com a gramática. Por mais que hoje em dia é uma matéria que eu gosto muito, porque eu adoro as obras todas, mas a gramática sempre foi algo que nunca estudei e quando cheguei aqui veio oração subordinada de não sei o quê e para mim foi uma confusão imensa. Então foi esse mais, tipo, o meu problema na sala.

A: Ok, ok. Achas que a tua dificuldade na matemática tem a ver com uma aversão aos números que tu tens? Ou tinha a ver, por exemplo, não conseguias interpretar bem o que estava a ser pedido? Não conseguias seguir a aula por causa disso? Ou era mesmo só a tua aversão aos números?

E10: Sim. A grande parte das vezes foi também da parte da minha interpretação. Porque eu lia algo e fazia o contrário. O que ele me pedia... Isto não era só em matemática, isto é, em história, em português, em todas as matérias. Hoje em dia eu melhorei, porque pronto, aprendi a interpretar. Mas no começo, matérias que eu gostava, como português, história, geografia, eu respondia certo, mas não era aquilo que era pedido. E os professores me diziam, isto está certo, mas não foi isso que eu pedi. Eu falava, então, o que foi que você pediu? Aí eles iam lá e explicavam. Acho que isso também foi um dos empates que eu tive na matemática, porque por mais que eu não entendia, não me explicavam. Já nas outras matérias me explicavam, então eu também conseguia acompanhar. Mas tive sim uma dificuldade em questão de interpretação, seja por palavras diferentes, seja pelo contexto da frase que eu não soube interpretar corretamente também tive dificuldades nisso

A: Ok Pegando um bocadinho também numa coisa que tu já falaste por este entrave que estas professoras também te colocaram no nono ano, apesar de pelo que eu percebo agora no secundário as coisas correram um bocadinho melhor, certo?

E10: Sim, correram, sim.

A: Achas que o facto de não falares português de Portugal influenciou o grau de sucesso das tuas aprendizagens ou não?

E10: Influenciou bastante. Tanto principalmente, por exemplo, eu não falo perfeitamente português de Portugal, estou completamente ciente disso, mas tipo, me esforcei principalmente para as orais de português para melhorar em questão a isso mas uma coisa que eu sinto, e isso eu refleti muito no que a continua me disse, que eu nunca ia ter médias, como os que nasceram e vão viver aqui para sempre… foi por exemplo, eu acabei o ano letivo com uma determinada média, que não é má, mas eu sinto que merecia mais e por esforço que eu fiz pelas notas que eu tinha em testes ou orais eu sinto que merecia mais e não tive de facto. Enquanto eu olhei para um caso de um rapaz da minha turma que faltava, não ia às aulas, não era dedicado, já faltou ao respeito imensas vezes com as professoras e acabou com uma média maior. E eu, tipo, acabei por ficar muito chateada com isso e fui falar com a minha diretora de ano, porque, felizmente, gosto muito dela, ela é uma pessoa incrível, excelente. E ela me disse, ela olhou para mim, olhou para a nota dele, olhou para a minha nota, olhou para mim e disse que não podia fazer nada,

mas que ela entendia o meu lado e não me tirava a razão, mas que ela não podia fazer nada. Então, eu senti empatia por causa da professora, e senti que ela concordou comigo, que aquilo estava, de certa forma, errado, mas como ela disse, ela não podia fazer nada. Logo, eu também não podia, não é? Então, eu sinto uma pequena injustiça em questão às médias, como é atribuído para mim e como é atribuído para os outros. E eu creio que seja assim também com outras pessoas não sou um caso único.

A: Tu tens um sotaque que foge muito ao português do Brasil, e depois tens uma influência também do espanhol, porque também viveste alguns anos em Espanha.

E10: Sim.

A: Tu em casa, tu falas português do Brasil ou falas como estás a falar comigo?

E10: É uma mistura. Algumas palavras eu não consigo largar o português de Portugal, porque é a convivência, felizmente fiz amigos, não é? Então eu tenho uma convivência grande com eles e é sempre aquela… é falar sempre aquelas mesmas palavras estou aqui em casa não abandono as palavras como autocarro já não falo ônibus é autocarro já não falo o celular, é o telemóvel essas coisinhas, mas o sotaque em si grande parte das vezes é português do brasil e às vezes foge para o espanhol, que é o mais fácil.

A: É engraçado porque tu dizes que nós portugueses falamos rápido, mas a tua cadência é muito a cadência espanhola de falar também sempre a correr.

E10: Sim, exato. O difícil não é nem falar rápido, é o fato de ser uma pronúncia nova e ser rápida. Então no começo fazia muita confusão. Hoje em dia já é completamente fácil. Porque eu sei que os espanhóis também falam muito rápido e com a língua completamente bolada, porque o espanhol é um grande idioma bolado. Mas quando cheguei aqui, além do sotaque ser diferente vocês falarem rápido, eu fiquei, aí meu Deus, eu não entendo nada, isto é português, como que eu não entendo?

A: Tal como tu disseste, quando chegaste sentiste bastantes dificuldades, achas que a escola… o que é que a escola poderia fazer para ajudar alunos como tu, ou seja alunos que vêm de um país em que falam português como por exemplo o Brasil Angola Moçambique Cabo Verde etc, mas que que não é o português de Portugal. O que é que a escola pode fazer para auxiliar estes alunos?

E10: Eu penso que, se calhar, ter um bocadinho mais de paciência, porque eu sinto que falta às vezes de paciência em alguns professores, e o facto de faltar paciência com o tempo, eles desistem do aluno que foi o que me ocorreu em inglês que a professora simplesmente desistiu de me dar aulas porque… ela desistiu de se esforçar para me ajudar, porque eu não estava dando resultados, tipo, imediatos sinto que faltou a paciência, e não só com ela como com todos os outros professores falta a paciência e a dedicação de estar aí sempre. Porque ainda não é alguém que acabou de chegar, não é em um mês que a pessoa vai se adaptar a tudo e já vai estar fluente em tudo e já vai acompanhar a matéria que eles dão há pelo menos 5 anos. A questão da paciência talvez, sinceramente acho que ter mais carinho e compaixão no coração de alguns professores, porque eu sinto que falta, não só aqui, como no mundo inteiro, obviamente, mas senti que faltou muito, na escola onde eu fiquei, faltou muito carinho de alguns professores. O facto também de acontecerem coisas dentro da escola que são em questão à discriminação e, por exemplo, o diretor ou qualquer superior saber e fazer pouco caso, aquilo vai ser indiferente porque, obviamente, se o mal não é combatido, ele cresce porque ele sabe que pode reinar que ninguém vai mover nada ninguém vai se interferir e acho que é uma questão de, talvez não sei se de fato é possível fazer, por exemplo, uma campanha para os alunos se integrarem, os alunos das pessoas que vêm de fora e que precisam talvez de amigos, de colegas, de companheiros que estejam ali ajudando e abrirem um bocadinho mais a roda, deixarem uma pessoa entrar, esse tipo de coisa. Estou falando pelas dificuldades que eu passei. Eu acho que é isso, não acho que tem de facto muito que mudar, acho que é uma questão mais de ter em mente.

A: Sim, olhar para o próximo e aceitar o próximo e mostrar essa aceitação porque...

E10: Exato! E eu penso que isso tem que iniciar desde pequeninos, porque é de pequenos que crescem e viram boas pessoas. As coisas implantadas quando pequenos resultam muito mais. Digo isso porque o meu irmão também estuda numa escola e lida com coisas assim de crianças, que é por pura ignorância da criança, porque obviamente uma criança não diz às vezes muitas coisas com malícia, não é com maldade, mas talvez é o que vê em casa e diz coisas maldosas, sem saber, porque não sabe o que pesa aquelas palavras, porque não têm noção, não têm isso na escola, aprenderam isso em casa e,

obviamente, crianças assim, nós já sabemos como é o futuro, crescem e repetem tal e igual, e muitas das vezes com mais maldade, por isso, pronto.

A: Exato, exato. Achas que também algum género de apoio escolar seria benéfico ou não?

E10: Eu penso que sim, um apoio escolar eu acho que seria.

A: Em que sentido? Tens alguma ideia?

E10: Por exemplo, o apoio escolar seria para os que vêm de fora, correto?

A: Sim.

E10: Sim, por exemplo, talvez testes adaptados. Eu não tive direito a nenhum teste adaptado, que eu sei que existe, porque eles falavam, mas não tem dislexia, não tem nenhum problema físico visível, e eu estava bem, mas eu não consigo acompanhar. Talvez testes adaptados, para aluno que vêm de fora, era algo interessante. Não só isso, como também, talvez, claro, aulas de apoio. Depois das aulas, podem ir na escola que vão cursar a matéria. Eu digo isso porque eu tinha isso na Espanha. Na cidade onde eu vivi, quando acabavam as aulas, eu ia para a minha casa, almoçava e depois voltava para a escola para ter mais aulas, que eram um bocadinho mais leves, para não cansar muito, mas para acompanhar aquilo, as dúvidas que eu tive na aula, que estavam todos os alunos numa aula normal, eu voltava depois da escola e aplicava aquelas dúvidas, e depois no dia seguinte já estava tudo esclarecido, e conseguia acompanhar. Aqui não tive isso, e acabei a ficar muito para trás, e isso afetou as minhas notas, no nono ano, pelo menos.

A: Ok, ok. Pois no décimo já conseguiste apanhar o comboio, por assim dizer.

E10: Exato, porque não é, as coisas são mais novas, tudo é mais novo no décimo, por isso…

A: Alguma pergunta para mim? Eu já fiz todas.

E10: Eu acho que não, acho que é, só a responder também, não tenho nenhuma dúvida.

A: Tens mais alguma história para me contar?

E10: Acho que não.

A: Obrigada por participares!